

Esse documento foi escaneado pela
Prefeitura de Americana, Secretaria de
Administração-USG-Unidade
de Serviços Gerais

e está sendo
disponibilizado
gratuitamente pelo



Clique e fale com a gente



Entre em contato
Ajude no nosso
trabalho
Seja um amigo da
História de
Americana

PRESERVANDO NOSSA HISTÓRIA



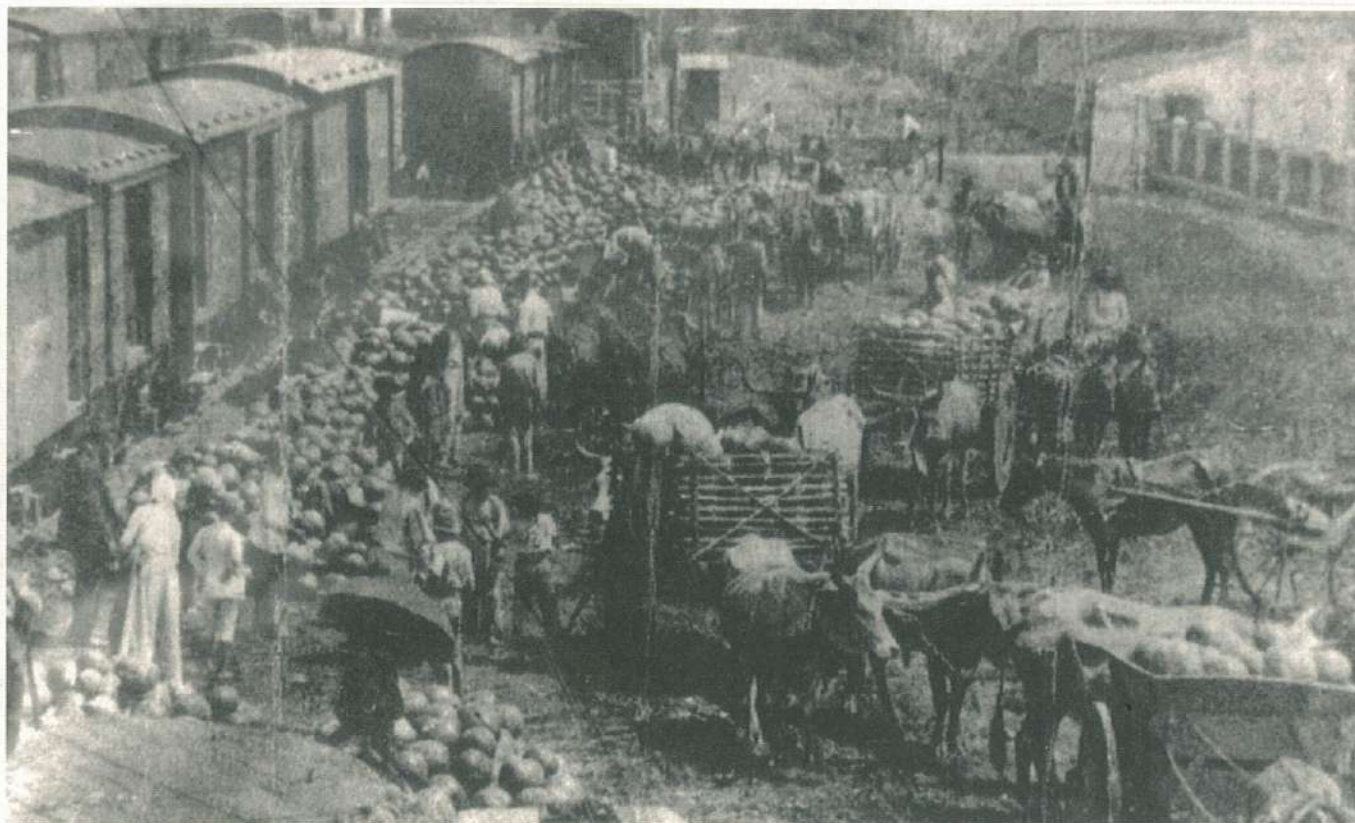
Americana - 1999

A
Arquivo Histórico Municipal
oferece este trabalho na
esperança que possa atender
às futuras pesquisas.

com copies
alguns de livros
e jornais - 2002.

PRESERVANDO NOSSA HISTÓRIA

PRESERVANDO NOSSA HISTÓRIA



Villa Americana - embarque de melancias, 1911

Pesquisa e Organização de Textos:

Célia Gobbo

Fanny Olivieri

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Melquesedec Ferreira

© Copyright - Autores

Coordenação Editorial

Célia Gobbo

Fanny Olivieri

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Melquesedec Ferreira

Editoração

Heloísa C. Pavan

Revisão

Maria Lucia Nascimento Capozzi

Impresso no Brasil

1999

SUMÁRIO

GRUPO DE PESQUISA	07
ENTREVISTADOS	09
APRESENTAÇÃO	11
AMERICANA ENTRE RIOS	13
ORIGENS	19
IMIGRAÇÕES	23
CARIOBA - UMA VILA OPERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO	31
RELAÇÕES DE TRABALHO	45
CRIAÇÃO DO DISTRITO DE VILLA AMERICANA	55
REMINISCÊNCIAS DE VILLA AMERICANA	59
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS	67
ARQUITETURA E URBANIZAÇÃO	81
ESTAÇÕES	91
EDUCAÇÃO CULTURA E SAÚDE	97
CIDADANIA	111
BACIA HIDROGRÁFICA DO PIRACICABA: PRINCIPAIS RIOS	115
FICHA TÉCNICA	139

GRUPO DE PESQUISA

“Os projetos de pesquisa desenvolvidos representaram para as escolas uma inovação na relação ensino/aprendizagem, dinamizando o ensino e levando para a sala de aula a realidade americanense. Para a comunidade em geral possibilitou ver a cidade retratada em textos e fotos pelos jovens estudantes.”

Célia Gobbo

“Considero que a história é muito mais que uma sucessão de eventos. É a manifestação da vida, narrando e interpretando o que tem acontecido, incluindo tudo o que passa por mudança.”

Fanny Olivieri

“A realização das entrevistas com antigos moradores de nossa cidade, nos permitiu resgatar aspectos de um cotidiano que estaria esquecido e irremediavelmente perdido para as gerações posteriores.”

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

“Resgatar a memória é despertar o elo vital entre nós e os nossos antepassados, é cultivar crenças e tradições, impulsionando o desenvolvimento cultural.

Quero prestar minhas homenagens a todos os entrevistados que colaboraram para o conhecimento e a preservação da história de nossa cidade.”

Melquesedec Ferreira



*Da esquerda para a direita:
Célia Gobbo, Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro,
Melquisedec Ferreira e Fanny Olivieri*

CÉLIA GOBBO

Licenciada em Ciências Sociais, FFCL/PUCCAMP e Mestranda em Psicologia Educacional, Faculdade de Educação, UNICAMP; Professora Efetiva de Geografia da EEPSPG "João XXIII", atualmente exercendo as funções de Assistente Técnico Pedagógico de Projetos Especiais na Delegacia de Ensino de Americana; membro do Conselho Municipal de Cultura de Americana, biênio 1997-1999; Diretora de Projetos do Núcleo Regional de Educação Ambiental do Médio Piracicaba.

FANNY OLIVIERI

Técnica em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio D. Pedro II Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Piracicabana (UNIMEP).

Curso de Orientação Educacional - Supervisão e Orientação Educacional.

Fundadora da Sociedade Cultural Ítalo-brasileira de Americana e Membro do Conselho Municipal de Cultura de Americana.

MARIA JOSÉ FERREIRA DE ARAÚJO RIBEIRO

Licenciada em Ciências Sociais pela UNESP-FFCL de Rio Claro; Mestre em Sociologia Rural pela ESALQ-USP; Pesquisadora do Centro de Memória da UNICAMP; Diretora da Sociedade Pró-Memória de Limeira.

MELQUESEDEC FERREIRA

Bacharel em Comunicação Social pela PUCCAMP; Integrou o Grupo de Estudos Étnicos do Centro de Memória da UNICAMP de 1994 a 1996; Trabalhou com Pesquisa Histórica de 1990 a 1997, através de depoimentos orais de antigos moradores; autor de trabalho apostilado "Americana e sua história", publicado pela Prefeitura Municipal de Americana no ano de 1994; participou na 46ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) com o trabalho "A Fábrica de Tecidos Carioba - Indústria e Vila Operária", Universidade Federal de Espírito Santo, 1994; atualmente é funcionário da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Americana.

ENTREVISTADOS

Abraham Abraham (in memoriam)
Alcindo Dell' Agnese (in memoriam)
Ângelo Stradioto
Antônio Bertalia
Antônio de Cillo
Brigitte von der Leyen
Cacilda Rosa Chiquinho
Cecília Horschutz Bertiê
Célio Arruda
Dieter Werner Plaas
Dirce Pagni
Hércule Giordano
Inês Covessi Duarte do Pateo (in memoriam)
Itabajara Fonseca
Ivone Particelli Abrahão
Jaime Feola
Jessyr Bianco
Joaquim Müller Carioba (in memoriam)
José Chiquinho (in memoriam)
José Ferreira

José Olivato
Judith Mac Knight Jones
Júlia Braga Pupo
Laudelino Basseto
Lourdes Colla
Lúcia Travassos da Costa
Maria Aparecida Chiaravalotti
Maria da Penha P. A. Müller Carioba
Maria de Lourdes Truzzi Arbix
Maria do Carmo Chiaravalotti
Messias Travassos da Costa
Olga Orlando Fortunato
Onofre Boer (in memoriam)
Otávio Olivato
Paschoal Ardito
Rita Ragazzo
Rosa Olivato Piloto
Wanda Polo Müller
Zulmira Vitorino Severino

APOIO CULTURAL:

Fundo de Assistência à Cultura - Conselho Municipal de Cultura.
Secretaria da Educação e Cultura - SEC
PREFEITURA MUNICIPAL DE AMERICANA - SP

CALIL ZABANI

RIPASA S. A. CELULOSE E PAPEL

PAPIRUS INDÚSTRIA DE PAPEL S. A.

GOODYEAR

IBIRAPUERA TÊXTIL LTDA

INDÚSTRIA TÊXTIL DAHRUJ

APRESENTAÇÃO

As professoras Célia Gobbo, Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro e Fanny Olivieri, com assessoria de Melquesedec Ferreira, elaboraram este trabalho que objetiva lançar mais luzes sobre os homens que fizeram a história de Americana.

Houve cuidadosa pesquisa junto a fontes insuspeitas, incluindo depoimentos de dois velhos moradores (recentemente falecidos), Onofre Boer e José Chiquinho, que viveram a cidade do passado e narram fatos pitorescos da vida bucólica e aprazível da primeira metade do século.

Os pesquisadores foram aos arquivos forenses, para ali compulsar os autos do processo de libertação de um grupo de escravos da Fazenda Salto Grande, em que aparece, como curador dos libertandos, senão o político Antônio Álvares Lobo, o patrono da emancipação política da então Villa Americana. O documentário ressalta o papel desempenhado pelos imigrantes italianos, no cultivo da terra, a importância da Fábrica de Tecidos Carioba, como célula mater da indústria têxtil, bem como a cooperação dos sulistas americanos que aqui aportaram após a guerra civil americana.

Este repositório de personagens e fatos atualizam e complementam publicações feitas por Abílio Serra Bryan, João Caldeira Netto e outros que se incumbiram de registrar a saga dos que fundaram e construíram Americana.

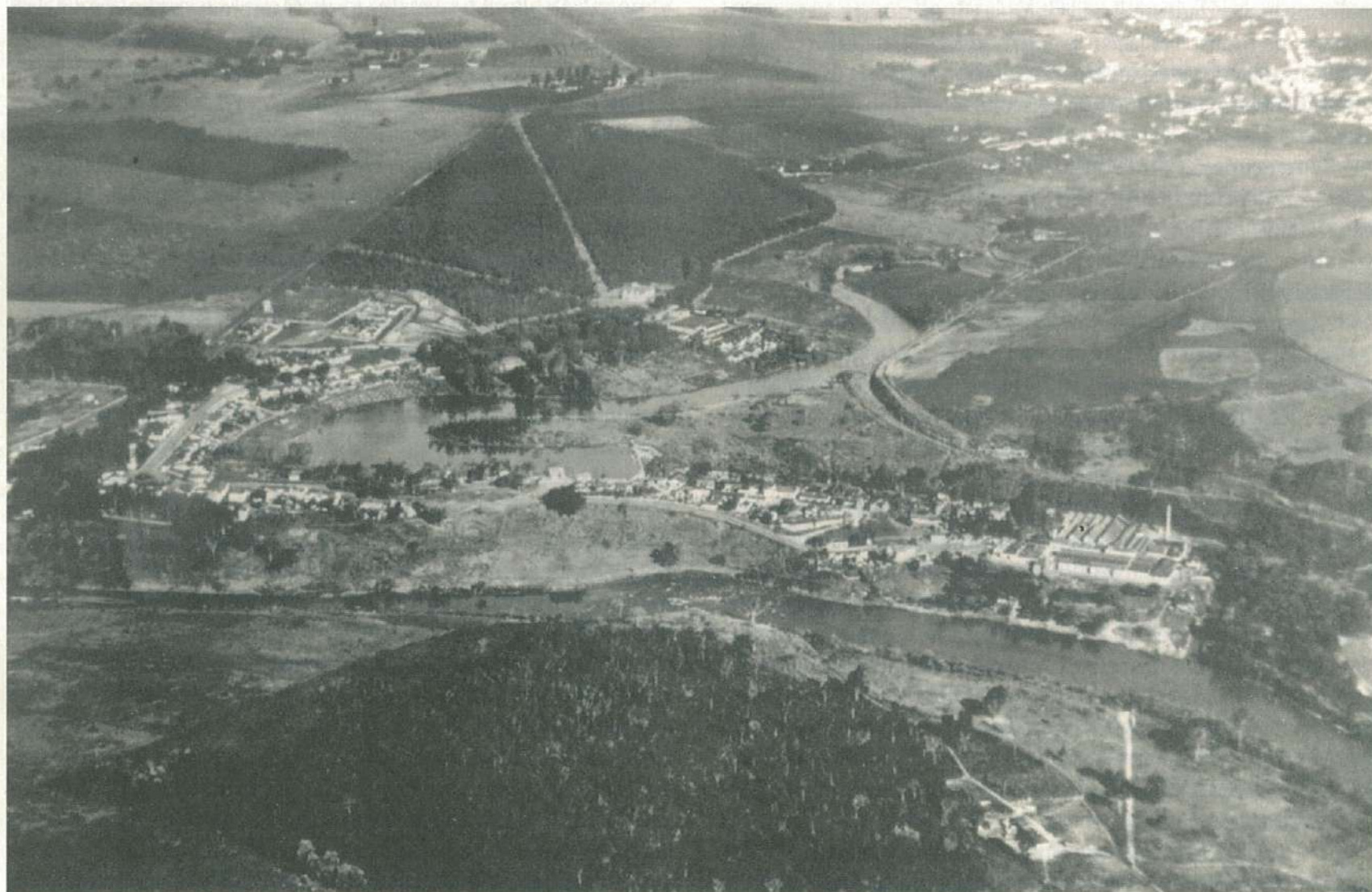
A história de uma cidade é a rememoração de atos e acontecimentos, em que se revelam acertos e enganos, alegrias e angústias, e tanto serve para orientar as novas gerações que se sucedem, quanto para costurar entre o passado e o presente um liame de afeto e solidariedade tão necessário à existência humana.

A história segura o tempo.

E o tempo é o viajante de muitas eras.

Jessyr Bianco

AMERICANA ENTRE RIOS



Carioba - entre rio Piracicaba e ribeirão Quilombo, década de 1950

AMERICANA ENTRE RIOS

ASPECTOS FÍSICOS E GEOGRÁFICOS

Ao longo do século XX, e mais intensamente neste final de século, a situação de ocupação e produção do espaço geográfico paulista, caracterizado no Brasil Colônia e Império, se repete com o processo de industrialização. Ocupando a Baixada Litorânea e o Planalto Atlântico, se expande para o interior, seguindo os prósperos caminhos criados pela produção agrícola, acompanhando os cursos dos rios.

A ocupação e produção do espaço geográfico paulista, processou-se pela conquista progressiva de seus compartimentos fisiográficos: partindo da Baixada Litorânea, alcançou o Planalto Atlântico, de onde, utilizando a rede viária indígena ocupou a Depressão Periférica Paulista e, transpondo os obstáculos das *Cuestas Basálticas*, penetrou pelo interior, seguindo o curso dos rios, em busca de riquezas minerais e de apresamento de índios. A partir do século XVIII, a supracitada depressão geológica foi ocupada com plantações de cana-de-açúcar. E, no século XIX, o café foi tomando lugar pela Depressão Periférica Paulista até as *Cuestas Basálticas*, adentrando os Planaltos da Bacia do Paraná.

A região onde se insere o município de Americana, passou pelas citadas fases de ocupação territorial: primeiramente foi caminho de passagem para as minas de Goiás e, na segunda metade do século XVIII, foram instalados inúmeros engenhos de açúcar; posteriormente, no século XIX, formaram-se as fazendas de café. Nas margens dos rios da região, como o Piracicaba e seus afluentes, foram se produzindo os espaços, além de servirem, em alguns trechos, como pontos de passagem e, outros, como vias de navegação. Julumá Brito cita em *História da Cidade de Campinas* (Vol. 18, pág. 32), a navegação a vapor já utilizada no século XVIII no ribeirão dos Toledos e no rio Piracicaba.

Atualmente, Americana integra a Região Metropolitana de Campinas: a mais importante região urbana e industrial do Brasil, depois da Grande São Paulo e Baixada Santista.

Vivem no município de Americana cerca de 171.035 habitantes, sendo 99,9 % na zona urbana e 0,1 % na zona rural, ocupando uma área de 133,9 km², sendo 97,4 km² de área urbana e 27,5 km² de área não urbanizada, com 9 km² inundados pela Represa de Americana, resultando numa densidade demográfica de 1.227 hab/km². Este município dista 124 km (142 km por ferrovia) da capital do Estado de São Paulo, no sentido noroeste, em direção ao interior.

A Região Metropolitana de Campinas, ao longo do eixo rodoviário Anhangüera-Bandeirantes, é composta por municípios que formam uma área de urbanização contínua, passando por Vinhedo, Valinhos, Campinas, Indaiatuba, Monte Mor, Hortolândia, Sumaré, Nova Odessa, Paulínea, Pedreira, Jaguariúna, Americana, Santa Bárbara d'Oeste, Cosmópolis, Athur Nogueira, Engenheiro Coelho, Estiva Gerbi, Santo Antônio da Posse, Holambra, Itapira, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, num total de 2.281.014 habitantes.

Toda essa região constitui, atualmente, pólo de atração de capitais, pois corresponde à expansão desenvolvimentista da Macro-Região Metropolitana de São Paulo, acelerada nos últimos 25 anos, sendo caracterizada por um intenso processo de industrialização e conseqüente urbanização. Encontram-se, nesta região, indústrias metalúrgicas, químicas, do ramo têxtil, de celulose e papel, de pneus, alimentícias, além da agroindústria do açúcar e álcool. Esta concentração industrial e urbana é favorecida pelos eixos viários regionais como a Fepasa e as rodovias Anhangüera, Bandeirantes e Dom Pedro I. Constitui, também, a "porta de entrada" para o Mercosul, através da Hidrovia Tietê-Paraná com 2.400 km de estirões navegáveis, ligando o porto de Artemis (rio Piracicaba - SP) ao porto São Simão (rio Paranaíba - GO).

No município de Americana existem 1.309 estabelecimentos industriais (48,5% do ramo têxtil e 22% do ramo de confecções), o que gera um setor terciário com 4.582 estabelecimentos comerciais e 8.430 serviços cadastrados (P.M.A., 1997).

O processo de urbanização da região foi facilitado pelas condições do relevo da Depressão Periférica Paulista. Além disso, antes mesmo da formação dos núcleos urbanos, a presença de uma rede hidrográfica densa e os solos férteis favoreciam o desenvolvimento da agricultura.

RELEVO, SOLO E HIDROGRAFIA

Observando a Carta Topográfica de Americana, constata-se que seu relevo se apresenta em colinas amplas, com topos extensos e aplainados, interflúvios (divisores de água) com áreas de até 4 km², vertentes com perfis retilíneos, predominantemente convexas, resultando elevações de encostas suaves e vales abertos. As colinas atingem altitudes de 600 a 630 metros e os rios escavam seus vales a altitudes inferiores a 500 metros (Piracicaba) e 550 metros (demais rios).

A drenagem da área em questão é feita pelo rio Piracicaba e seus afluentes: rios Jaguari, Atibaia e ribeirão Quilombo. Destacam-se como afluentes do ribeirão Quilombo, os córregos Recanto, do Parque e do Pyles.

O rio Piracicaba corre em direção leste-oeste, passando ao norte do município. Seus afluentes drenam na direção sudeste-noroeste, num aparente padrão de drenagem paralela. O córrego Recanto segue de sudoeste para nordeste, em direção ao Quilombo.

Na área em estudo predominam as rochas sedimentares paleozóicas, resultantes de condições várias de transporte e deposição: glaciais, canais fluviais, marinhos e lacustres. Em vários pontos, abrangendo pequenas áreas descontínuas, aparecem as rochas intrusivas básicas, em forma de *sills* de diabásio: são rochas eruptivas mesozóicas.

Nas áreas com presença de intrusão de lavas básicas, se encontram os solos mais férteis da região, formados pela decomposição destas rochas eruptivas. Um deles é o **Latossolo Roxo**, que é solo profundo, aparecendo em relevo de ondulações suaves; com textura argilosa; e a fertilidade varia de média a boa, isto é, de grande interesse agrícola. E o outro é o **Latossolo Vermelho Escuro Orto**, que é solo profundo, bem drenado em relevo que varia de suavemente ondulado a ondulado; com textura argilosa e muito argilosa; são ácidos e de média fertilidade.

Nas camadas sedimentares, o substrato arenito condiciona o aparecimento de solos pobres, de acidez acentuada e susceptíveis à erosão, principalmente se o relevo for mais ondulado, predominando os solos **Podizólicos Vermelho Amarelo Var. Laras**.

CLIMA

O clima da região é o Tropical.

Segundo Gerardi, 1972, a região está localizada na zona de intersecção das três maiores correntes da circulação regional. São elas: as massas de ar equatorial e tropical continentais, quentes, úmidas e instáveis, responsáveis pelas precipitações de verão; a massa tropical Atlântica, de atração variada; a massa Polar, responsável pelo abaixamento da temperatura no inverno.

Como resultado da influência dessas massas de ar, o clima é marcado por dois períodos distintos: um período seco e frio, correspondendo ao outono e inverno, com madrugadas frias e tardes quentes e, eventualmente, com ocorrência de geadas, dependendo das pulsações da Frente Polar; um período mais úmido e mais quente, correspondendo à primavera e ao verão, ligado à massa Tropical Atlântica e às massas de ar continentais de Noroeste.

De acordo com estudos realizados por professores de Geografia, em julho de 1994, durante o Curso *A Cidade, o Homem e o Clima*, de orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Tavares, a temperatura na área urbana de Americana, comparada à área não urbanizada, tende a aumentar (na época foi constatado 1° C a mais), devido à formação de "ilhas de calor" na cidade, em função da pavimentação das ruas e das construções de alvenaria e de concreto. Acrescente-se, ainda, que os longos períodos de estiagem na região condicionam a diminuição das águas dos rios, aumentando a concentração da poluição e causando prejuízos ao abastecimento das residências e indústrias.

VEGETAÇÃO

A cobertura vegetal primitiva da região era de extensas florestas, com grandes clareiras, onde predominavam tufo de capim barba-de-bode, de acordo com a narrativa de Saint-Hilaire, que visitou a região na primeira metade do século XIX. Narra, ainda, este autor, que toda a área que percorreu às margens do rio Atibaia (hoje Americana e Campinas) era de matas, onde apareciam espécies arbóreas de até 12 metros e o bambu nativo era comum.

Conceição Aparecida Martins, 1991, faz a seguinte observação:

"(...) No século XVIII, as matas ricas da região abasteciam os engenhos das melhores madeiras para as construções. Toras imensas de até dezesseis metros de comprimento eram tiradas para servir de vigas de suporte e esteios, sustentando os frechais e os telhados, desdobradas em batentes para portas, assoalhos e forros. Palmeiras, jequitibás, guarantãs, cabreúvas, ipês, perobas, transformavam-se em móveis, escadas, balaiístres, bangüês, carros de bois, pontes e lenha para as fornalhas(...)"

Ao longo do tempo, as matas foram devastadas para dar lugar ao espaço produzido. Atualmente, das matas naturais só restam capões esparsos e de pequena extensão territorial. Em Americana, esses capões, embora secundários, conservam-se em manchas isoladas à nordeste, às margens dos rios Jaguari e Piracicaba.

OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

O relevo, o solo, a hidrografia, o clima e a vegetação da região favoreceram a ocupação do território. Os núcleos urbanos surgiram, inicialmente, nos vales dos rios e foram se expandindo por outras áreas, ao longo do tempo, devido ao seu desenvolvimento.

Narra Conceição Aparecida Martins, 1991:

Região pertencente ao termo da Vila de São Carlos das Campinas, foi rota utilizada pelos bandeirantes na busca de minas de ouro, fazendo parte do caminho de Goiás, durante o século XVIII. Entradas e bandeiras provenientes de São Paulo desbravaram os sertões por terra, utilizando o rio Piracicaba até atingir o Tietê, seguindo na direção de Goiás pelo Triângulo Mineiro(...)

A partir de 1790, surgiram nesta região entre as vilas de São Carlos (Campinas) e Constituição (Piracicaba), engenhos poderosos, formando centros autônomos de produção com vida independente. Imensas sesmarias foram concedidas, objetivando uma produção volumosa, que pudesse ser exportada para Portugal. Entre os pioneiros dessa ocupação definitiva e ordenada da região estava o sesmeiro Domingos da Costa Machado, senhor de vários engenhos. Parte de suas terras situadas na confluência dos rios Atibaia e Jaguari, no lugar onde se encontram para formar o rio Piracicaba, foram doadas ao guarda-mor Manuel Teixeira Vilela. Aí se desenvolveu a próspera fazenda Salto Grande,

cujas riquezas ficam ostentadas no imponente solar que ainda resiste ao tempo. (...)

Nas margens do ribeirão Quilombo, parte das terras de Domingos da Costa Machado veio constituir, posteriormente, a fazenda Machadinho, propriedade de Basílio Bueno Rangel. (...)

Mais para Oeste ficavam as terras da sesmaria de Dona Margarida da Graça Martins. (...). Em 1818 Dona Margarida doou parte de suas terras, às margens do ribeirão dos Toledos, para a construção de uma capela em louvor a Santa Bárbara, em torno da qual começou a se formar uma aldeia. (...)

O desenvolvimento da cultura agrícola da região, com o cultivo de melancia pelos colonos norte-americanos, tornou-a conhecida e próspera o suficiente para que a Câmara de Santa Bárbara requisitasse junto à Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, a construção de uma Estação nas proximidades da vila barbareense.

Seguindo a expansão da cultura do café, os trilhos da estrada de ferro partiam de Campinas em direção à Rio Claro e a construção de uma estação representava apenas uma parada, sem exigir nenhum desvio da rota estabelecida. Além disso, o traçado da ferrovia seguiu pelo vale do ribeirão Quilombo, vale amplo, de assoalho plano, com todas as condições para a construção dos trilhos: caminho largo, aberto, sem obstáculos e sem necessidade de maiores obras. A partir de 1873 os trilhos da ferrovia chegaram à Fazenda Machadinho (...)

Em 1875 a Estação foi inaugurada e em torno dela formou-se um núcleo urbano, que veio a se chamar Villa dos Americanos (...). Em 1875 também foi instalada a primeira indústria têxtil, às margens do ribeirão Quilombo, próximo a sua foz no rio Piracicaba, que foi chamada de Carioba. As águas do ribeirão moviam os teares hidráulicos da indústria e a matéria-prima era suprida com a própria produção de algodão da Fazenda Salto Grande. Para acomodar seus operários, foram construídas casas, originando uma vila. (...)"

Se um curso d'água, por um lado, favorece o desenvolvimento do núcleo urbano, por outro, pode se tornar um obstáculo, como é caso da urbanização de Americana na margem direita do ribeirão Quilombo, à leste da cidade. Esta foi menos intensa na primeira metade do século XX, devido às dificuldades em transportar não só o ribeirão, como a ferrovia. Enquanto a parte oeste da cidade teve seu crescimento facilitado pelas colinas de encostas suaves, a parte leste somente tomou impulso após a década de 50, com a construção do viaduto Amadeu Elias. A porteira da rua Carioba, que fechava para a passagem dos trens várias vezes por dia, marcou o

ritmo de vida dos americanenses até o início da década de 70, quando foi construído o viaduto Centenário.

As rodovias surgiram a partir da década de 50, com o surto industrial do pós-guerra. Foram construídas paralelas às ferrovias, seguindo na mesma direção: a Anhangüera, no sentido capital-interior, construída à leste do município e a Rodovia Luiz de Queiroz, construída no sentido leste-oeste, Anhangüera-Piracicaba. Enquanto as ferrovias foram construídas nos vales, as rodovias foram construídas nos topos das colinas, nos pontos de maior altitude, entre 575 e 625 metros. Essas construções exigiram uma tecnologia mais avançada e maiores investimentos. Entretanto, suas construções foram vantajosas economicamente, pois se tornaram artérias por onde passaram a circular as riquezas produzidas, relegando para o segundo plano tanto as ferrovias como as hidrovias.

Nas décadas de 80 e 90, a hidrovía Tietê-Paraná passou a ser implementada, exigindo a construção de represas e eclusas para viabilizar a navegação em rios de planaltos, facilitando a circulação de riquezas entre os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná e os Países do Mercosul.

Após o término das obras da barragem de Santa Maria da Serra (atualmente em construção), o Entroncamento Multimodal de Ártemis, distrito do município de Piracicaba, rio Piracicaba, possibilitará a conexão entre os modais hidroviário, rodoviário e ferroviário, inserindo a região de Piracicaba/Campinas ao sistema hidroviário Tietê-Paraná.

Na década de 40, as tecelagens e tinturarias instaladas em Americana estabeleceram-se às margens do ribeirão Quilombo, devido à necessidade do uso da água. Com o desenvolvimento urbano, estas indústrias ficaram localizadas na parte central da cidade, causando sérios problemas de poluição sonora, do ar e da água do ribeirão. A maioria delas, de propriedade de pequenos faconistas, fechou em virtude da crise destes anos 90 e muitas outras foram transferidas para o Distrito Industrial. Desde a década de 70, foi criado o Distrito Industrial nas proximidades do rio Piracicaba, ao longo da rodovia Anhaguera, na área correspondente ao que foi a primeira ocupação territorial da região, no século XVIII, onde se localizam indústrias de grande porte como a Goodyear, Santista, Ripasa e outras.

EXPANSÃO DA MANCHA URBANA

Neste final de século XX, devido ao acelerado processo de industrialização em Americana e região, há uma tendência à expansão da mancha urbana, independentemente das condições físicas serem ou não favoráveis. Assim, estão sendo ocupadas com construções urbanas e sendo alvo de interesses e especulações imobiliárias as seguintes áreas:

- vales dos rios, ocupados apenas por populações marginalizadas, devido às periódicas inundações de suas várzeas, (como, por exemplo, a margem direita do ribeirão Quilombo), transformaram-se nos últimos dez anos em áreas urbanizadas, com habitações para a classe média, (como o Conjunto Guaicurus); sendo que nessas áreas, os investimentos em obras públicas, como drenagens, aterros e obras de infra-estrutura são vultuosos e, em contraposição, os lucros são altos para as imobiliárias, os comerciantes, etc.

- solos de boa fertilidade para a agricultura estão sendo loteados para a construção de residências, inclusive áreas das históricas fazendas de Salto Grande e do Machadinho.

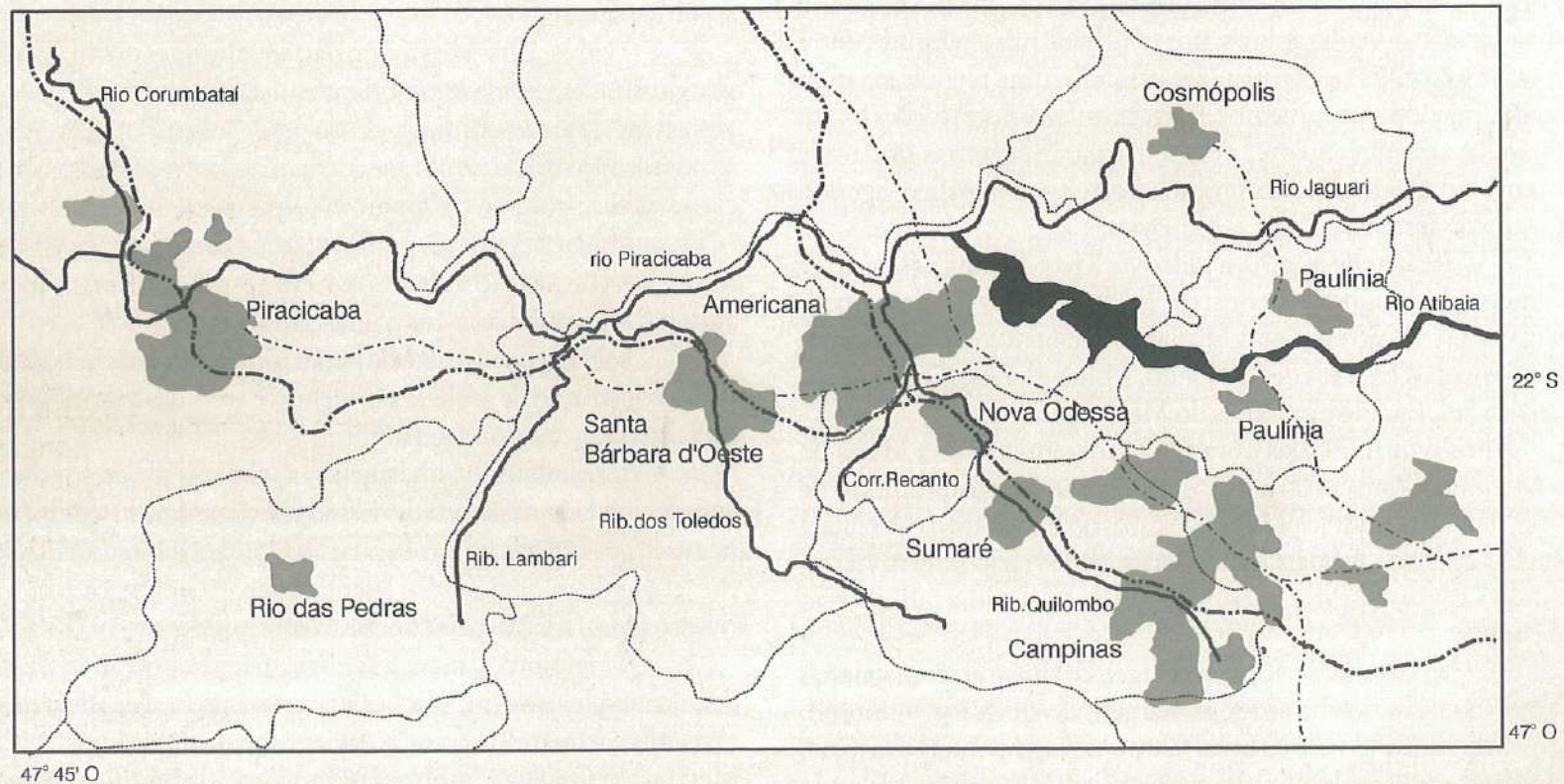
- terrenos arenosos, sujeitos a intensos processos de erosão, com declividade acentuada devido ao relevo ondulado, como acontece nas áreas próximas ao rio Piracicaba, onde os loteamentos foram projetados sem os cuidados adequados para a proteção do solo em relação à degradação pelas boçorocas e ravinas.

No entanto, a mancha urbana não encontrando obstáculos devido ao relevo de ondulações suaves e topos aplainados, tende a se expandir, ocupando áreas das divisas entre os municípios da região Metropolitana de Campinas, unindo as cidades num processo de urbanização contínua.

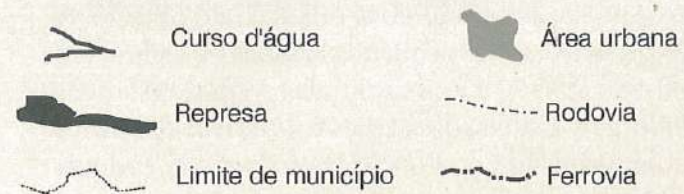
E quando não houver mais espaço para a expansão horizontal, a verticalidade que já é acentuada, principalmente em Americana, tenderá a aumentar.

REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS

Fonte:
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria do Meio Ambiente
Coordenadoria de Planejamento Ambiental - 1989



0 2,5 5,0 7,5 10,0 12,5Km



ORIGENS



Fazenda de Salto Grande e Ponte sobre o rio Atibaia, década de 1930

FAZENDA SALTO GRANDE

A história desse casarão é ligada às origens de Americana.

As terras dessa propriedade que pertenceu inicialmente a Domingos da Costa Machado, tinham início na barra dos rios Atibaia e Jaguari, seguindo em direção à Vila de São Carlos, atualmente cidade de Campinas.

Adquirida em 1799 por Manoel Teixeira Vilela, que construiu o solar, foi sede de uma das mais importantes fazendas de cana-de-açúcar da região.

O estilo de construção, com residência do proprietário na parte superior e a senzala no piso térreo, era característico de Minas Gerais, região de origem de seu proprietário.

O casarão foi todo construído em taipa de mão e taipa de pilão, sendo sua estrutura principal, inclusive alicerces, feitos em madeira de lei.

Em 1870, a fazenda é desmembrada e passa a ser propriedade do Major Francisco de Campos Andrade. Esse desenvolveu a cultura do café e trouxe as primeiras famílias de imigrantes italianos para a região. Parte de suas terras foi dividida em pequenos sítios onde se estabeleceram essas primeiras famílias italianas (1899).

A parte remanescente da fazenda Salto Grande foi comprada em 1907, pelo Comendador Franz Müller, proprietário da Fábrica de Tecidos Carioba, que incrementou a produção de algodão, sementes de arroz, milho e feijão, construindo ali a primeira Usina Hidrelétrica para poder ampliar a sua indústria têxtil.

O italiano Francisco Fornazaro, que era o técnico agrícola da fazenda, estabeleceu um programa agrícola do qual constava a produção de algodão para consumo da indústria e de sementes do tipo Texas 2, em colaboração com o Instituto Agrônomo de Campinas. Esta variedade era distribuída pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Na fazenda cultivava-se também alfafa para alimentar o gado leiteiro e de corte. O aproveitamento de madeiras através da instalação de um serraria e uma olaria para produção de tijolos e telhas, supriam as necessidades das construções, tanto da fazenda como da Vila Carioba.

Durante esse período a fazenda Salto Grande destaca-se



*Casa sede da Fazenda Salto Grande
atual Museu Histórico e Pedagógico "Dr. João da Silva Carrão"*

recebendo vários prêmios pela produção e produtividade.

Esta região foi a primeira do Estado a ter luz elétrica, sendo que a Usina de Salto Grande fornecia eletricidade para Americana e cidades vizinhas.

O último proprietário do casarão foi J. J. Abdalla, que adquiriu a propriedade juntamente com a Fábrica de Tecidos Carioba. A partir dessa ocasião (1944), o casarão passou a servir de depósito, armazém, consultório médico, abastecendo toda a fazenda, que nessa ocasião cultivava novamente a cana-de-açúcar.

Com suas paredes de quase um metro de espessura, seus quinze metros de altura, com 36 salas, é talvez, o único casarão de quase dois séculos em toda a região.

Esse patrimônio arquitetônico do período imperial, constituído pela casa-sede da Fazenda Salto Grande foi transformado em Museu Histórico de Americana mediante acordo entre o poder municipal e a família Abdalla.

Resebeu o nome de Museu Histórico e Pedagógico "Dr. João da Silva Carrão", inaugurado em janeiro de 1971, tombado pelo Condephaat em 1982, conta hoje com mais de 5.000 peças em seu acervo. Bastante significativo e valioso para a população de Americana é, atualmente, importante ponto turístico da cidade, recebendo visitantes locais, de todo o país e até mesmo do exterior.



Trabalhadores - Fazenda Salto Grande - preparação de sementes



Fazenda Salto Grande - moagem de cana-de-açúcar



Fazenda Salto Grande - maquinas agrícolas, 1930



Fazenda Salto Grande - colheita de algodão, 1930

IMIGRAÇÕES



Italianos em frente à sede da Sociedade Italiana Mútuo Socorro

A CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES AMERICANOS AO DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES DE SANTA BÁRBARA D'OESTE E AMERICANA

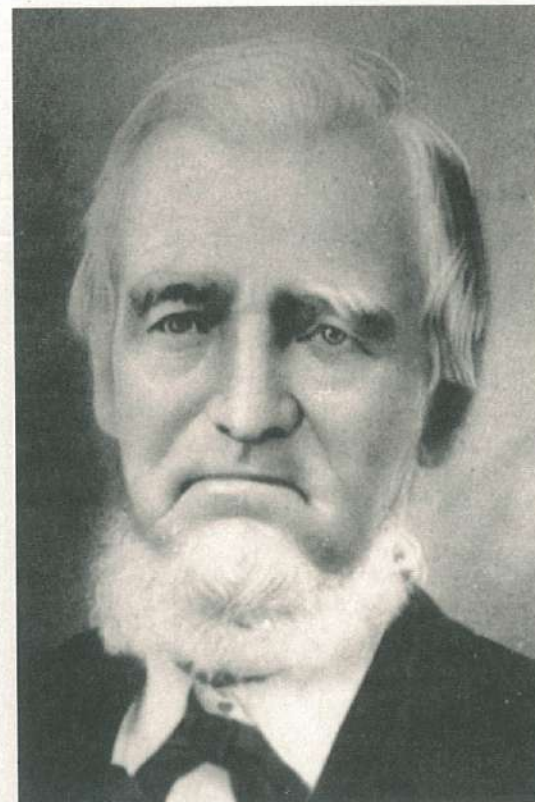
A imigração norte-americana para o Brasil, iniciada após o término da Guerra Civil Americana, foi amplamente incentivada pelo governo imperial brasileiro. Este via na vinda e fixação dos norte-americanos - pessoas com conhecimentos agrícolas, profissionais liberais, boa formação moral e intelectual e sobretudo famílias desejosas de se estabelecerem na zona rural - uma oportunidade de impulsionar o desenvolvimento do interior do país.

Foram estabelecidos vários núcleos, mas o que realmente se desenvolveu foi o de Santa Bárbara d'Oeste, no interior do Estado de São Paulo. Constituído a partir de 1866, com a chegada do pioneiro Coronel Willian Hutchiinson Norris (ex-combatente da Guerra Civil e ex-senador pelo Estado do Alabama) o núcleo de Santa Bárbara d'Oeste teve rápido desenvolvimento. Logo ao chegar, o Coronel Norris, passou a ministrar cursos práticos de agricultura aos fazendeiros da região, interessados no cultivo do algodão e nas novas técnicas agrícolas.

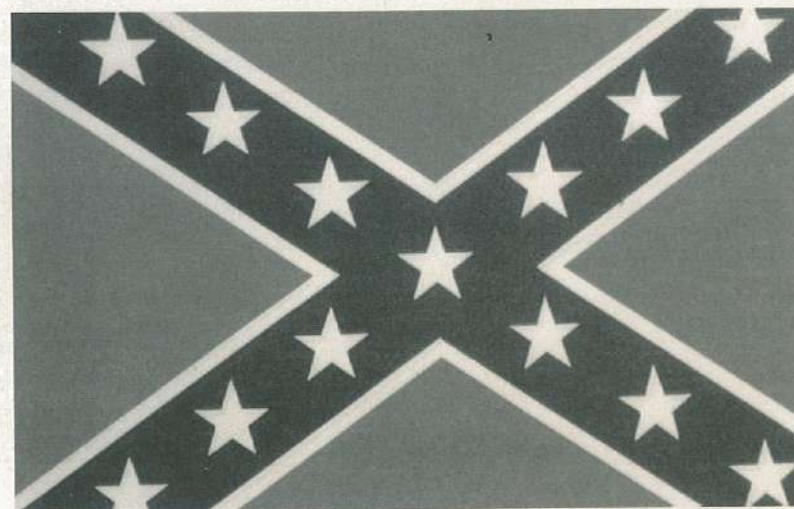
O núcleo de Santa Bárbara d'Oeste, pelo seu progresso, passou a atrair famílias que tinham se instalado em outras regiões. Inúmeras propriedades agrícolas foram fundadas pelos norte-americanos que cultivavam e beneficiavam o algodão. Estabeleceram um intenso comércio, notadamente a partir de 1875, com a instalação da Estação de Santa Bárbara pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Devido a presença constante desses imigrantes, o povoado que foi sendo formado nas imediações da estação, passou a ser conhecido como Villa dos Americanos, Villa Americana, e deu origem a atual cidade de Americana.

Data dessa época, também, a instalação, por um engenheiro norte-americano, William Pultney Ralston, associado a brasileiros, da primeira fábrica de tecidos de algodão - a Fábrica de Tecidos Carioba - distante três quilômetros da estação ferroviária. Esta



Coronel Willian Norris



Bandeira dos confederados

indústria teve relevante papel na fundação e desenvolvimento de Americana.

A educação das crianças era uma das prioridades para as famílias americanas que construíram escolas nas propriedades e contratavam professores vindos dos EUA. Os métodos de ensino desenvolvidos pelos professores americanos se revelaram tão eficientes que foram, posteriormente, adotados pelo ensino oficial brasileiro.

Os cultos religiosos eram celebrados nas propriedades, por pastores que se deslocavam entre várias delas e os diversos núcleos de imigração americana. Em 1895, foi fundada a primeira Igreja Presbiteriana no povoado da estação.

Devido a proibição de se enterrar pessoas de outros credos nos cemitérios das cidades administradas pela Igreja Católica, os imigrantes americanos começaram a enterrar seus mortos próximos a uma sede de fazenda. Este cemitério passou a ser conhecido como "Cemitério do Campo". Até hoje os descendentes das famílias

americanas são aí enterrados. É nesse local que se reúnem, periodicamente, os descendentes, para cultos religiosos e festas ao redor da capela fundada no século passado.

Por ocasião do centenário da imigração norte-americana, foi organizado um museu em Santa Bárbara d'Oeste, o qual reúne grande número de objetos e documentos dos pioneiros da imigração.

O resgate da história dessas famílias e de sua contribuição ao desenvolvimento das localidades de Americana e Santa Bárbara d'Oeste foi magistralmente relatado pela historiadora Judith Macknight Jones em sua obra: "Soldado descansa; uma epopéia americana sob os céus do Brasil", editado em 1967 e reeditado agora em 1998.



Cemitério do Campo - obelisco com o nome das famílias americanas



Residência de imigrantes americanos na zona rural



Residência da Sra. Judith Mac Knight Jones, construída segundo o estilo americano

CEMITÉRIO DO CAMPO

As famílias americanas que se estabeleceram na região de Santa Bárbara d'Oeste a partir de 1866, ocupavam uma área de aproximadamente quatrocentos quilômetros dos atuais municípios de Santa Bárbara d'Oeste e Americana. Constituíram quatro núcleos principais de povoamento: Estação, Retiro, Campo e Funil.

Em decorrência da proibição aos não-católicos de que fossem sepultados no cemitério da Vila de Santa Bárbara, então administrado pela Igreja Católica, as famílias americanas começaram a enterrar os seus mortos em suas propriedades e em locais próximos de suas moradias.

Em 13 de julho de 1867, faleceu Beatrice Oliver, esposa do Coronel Oliver, que possuía uma fazenda no Campo, região sul de Santa Bárbara, caminho para Capivari. A denominação Campo deriva do fato dessa área apresentar uma vegetação rasteira. O Coronel Oliver enterrou a esposa em uma área de pastagem, construindo uma cerca em volta da sepultura. O mesmo ocorreu quando duas de suas filhas faleceram nos anos subseqüentes. A tradição ali se iniciou, sendo destinada uma área de aproximadamente um hectare para que as famílias americanas aí enterrassem os seus mortos.

Com a morte do Coronel Oliver, em 1873, a propriedade foi vendida a Irving Miller que continuou a preservar a área. O mesmo fizeram os seus descendentes.

O Campo passou a ser o local para onde acorriam as famílias dos diversos núcleos para a realização de cultos religiosos, os quais eram oficializados por pastores como o Reverendo Junius Newman, metodista.

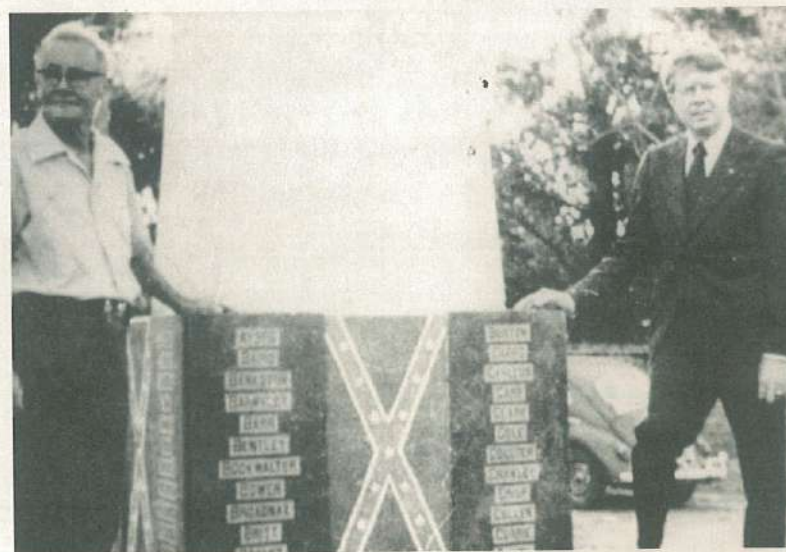
Em 1871 iniciou-se a campanha para construção da primeira capela. Em 1878 este velho sonho da comunidade é realizado com a inauguração do primeiro templo que atendia às três denominações protestantes: Presbiteriana, Batista e Metodista.

O solo do Campo era instável e a capela teve que ser reconstruída várias vezes. A primeira capela de tijolos foi construída em 1903. A construção atual data de 1962.

Apesar dos cemitérios no Brasil terem sido abertos aos não



Cemitério do Campo - lápides com legendas em inglês



Cemitério do Campo - James Jones e James Carter

católicos na última década do século XIX, as famílias americanas preservaram o Cemitério do Campo aí enterrando seus descendentes até os dias atuais.

O Campo passou a representar o centro da vida religiosa e social da comunidade.

Em 1928, o Cemitério do Campo foi oficializado pela Prefeitura de Santa Bárbara. No ano de 1954 a área foi doada pela família Bookwalter à Fraternidade Descendência Americana, responsável por sua preservação. Naquele local são realizadas reuniões quadrimestrais e uma ampla reunião anual.

Nesta ocasião, os descendentes das famílias americanas revivem os hábitos e tradições de seus ancestrais usando uniformes confederados e vestidos inspirados nos trajes do século XIX, apresentando danças típicas do grupo. A festa, realizada no parque, em frente da Igreja, é uma oportunidade para entrosamento dos descendentes e a preservação de suas tradições.



Cemitério do Campo - primeira capela, 1904



Casal de imigrantes americanos



Cemitério do Campo - capela atual reconstruída em 1962

IMIGRAÇÃO ITALIANA

Durante o século XIX os Estados Italianos atravessaram uma fase difícil em consequência da luta pela unificação da Itália; sendo que a anexação de Veneza, que pertencia à Áustria, e dos Estados da Igreja, trouxe para essa unificação grandes distúrbios políticos e miséria para o seu povo.

Além desses problemas, havia um excesso de população que fazia crescer no povo italiano o desejo de descobrir uma nova pátria, onde pudessem ter uma vida melhor e um enriquecimento mais rápido.

Começa, então, a imigração italiana para o Novo Mundo, trazendo consigo suas técnicas, sua arte, seus usos e costumes (que hoje se encontram aculturados na vida brasileira), sua fé, sua fácil adaptabilidade climática e, principalmente, a facilidade de miscigenação com brasileiros e outras nacionalidades.

Para o Brasil a chegada desses imigrantes foi de grande valia. Primeiramente por causa da expansão do café, depois pelos problemas com o comércio de escravos, devido à pressão dos ingleses. Estes estavam se industrializando e necessitavam de mercados consumidores. Como o povo escravo não consumia, queriam a sua libertação.

Era um momento difícil. A solução para os fazendeiros de café era a mão-de-obra remunerada, no caso, o imigrante.

Os primeiros tempos foram muito difíceis para os imigrantes, pois coabitavam nas senzalas com os escravos negros, sem a mínima condição de higiene e conforto. Chegaram já em débito com o fazendeiro, a quem tinham que pagar as despesas de viagem. Submetendo-se ao "sistema de parceria", onde eram bastante explorados, ficavam quase sempre devedores nos armazéns da fazenda, até que esse sistema foi mudado para um ordenado fixo, mas um determinado número de pés de café para cuidar, além de uma comissão.

Superaram tudo com valentia, tornando-se posteriormente os industriais, comerciantes e seus descendentes, profissionais liberais, sobrepujando todas as barreiras e restrições a eles impostas.

Em 8 de outubro de 1887 chegaram ao Brasil. O Sr. Joaquim Boer, chefiava uma grande comitiva de imigrantes italianos, que passou a residir na Fazenda Salto Grande, de propriedade do Sr. Francisco de Campos Andrade.



*Edifício da Sociedade Italiana "Mútuo Socorro Unione e Fratellanza";
Sociedade Recreativa Ermeti Novelli,
rua 30 de julho, década de 1930*

RELAÇÃO DE FAMÍLIAS ITALIANAS REPRESENTADAS POR JOAQUIM BOER

Luiz Delben, Luiz Cia, Antônio Luchese, Luiz Santarosa, Marcos Campari, José Faé, João Meneghel, Roviglio Bertini, Miguel Bertolo, Olívio Piloto, Luis Sacilotto, Pedro Mantovani, José Grazzi, Antônio Ravagnani, Celeste Trovó, Antônio Trombim, Humberto Casagrande, Vergílio Marson, José Francescato, Virgílio Duaneto, Luiz Nardo, João Scarazato, José Tognella, César Casati, Natal Minarello, Paolo Dell' Agnese, José Rozalen, Felício Seleghini, Antônio Altaraju, Paulino Salvador e Angelo Provedel.

Estas famílias trabalharam durante doze anos para o Sr. Francisco de Campos Andrade tendo sido obrigadas a morar nas senzalas até que foram construídas as suas casas. Elas se dedicaram ao cultivo do café (produto de exportação), da cana-de-açúcar (para a fabricação de aguardente), dos cereais necessários para a sua alimentação e do início da cultura do arroz que, até então, era importado do Japão; plantavam hortaliças e criavam aves para o próprio consumo.

Por falta de pagamento e alimentação, em virtude da condição precária das finanças do Sr. Francisco de Campos Andrade, as famílias foram para Santa Rita, São Carlos e outras localidades, retornando após pedido do próprio fazendeiro, com a promessa de saldar suas dívidas com os imigrantes e melhores condições de vida para todos.

Transcorrido mais de um ano após o retorno das mesmas, a situação agravou-se novamente devido à participação da família Campos Andrade na política, com a conseqüente perda de grande parte dos seus bens. Por causa da honestidade de Francisco de Campos Andrade, nenhum imigrante ficou prejudicado nos seus ganhos. Este deu-lhes em pagamento um pedaço de terra de acordo com os créditos de cada um (1899).

Assim, cada família começou a construir seu sítio. Essas primeiras famílias desbravaram as matas e deram início à lavoura, contribuindo assim para o progresso da cidade de Americana.

Desde a chegada dos primeiros italianos, bem como a atuação de seus descendentes e de outros que aqui aportaram, a participação na vida pública, econômica, política, social e religiosa se faz sentir em cada momento, como presença constante em todas as atividades de nossa cidade.

O cultivo da terra, com sua produção, veio gerar riquezas em benefício de toda a coletividade, proporcionando uma diversificação nos diferentes setores da economia como a indústria e o comércio.



Trabalhadores imigrantes italianos

CARIOBA: UMA VILA OPERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO



Carioba - casas de operários e prédio da Escola, 1928

CARIOBA

A Fábrica de Tecidos Carioba é considerada como o berço da industrialização de Americana. Da antiga fábrica, fundada em 1875, simultaneamente com a inauguração da Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, da qual distava três quilômetros, evoluiu para a atrativa vila industrial edificada a partir dos primeiros anos deste século.

Local de características ímpares por sua privilegiada situação geográfica, um recanto de rara beleza natural, chegou ao apogeu de seu desenvolvimento têxtil, arquitetônico e paisagístico sob a administração da família Müller. Estes proprietários, de origem alemã, transplantaram para a localidade toda a concepção de urbanização baseada no estilo europeu que se materializou nas edificações das fábricas, residências patronais, hotel, escola, cooperativa e moradias dos operários.

Carioba, ao lado da importante atividade têxtil que atraía a mão-de-obra dos imigrantes estabelecidos na região, oferecia também inúmeras possibilidades de educação e lazer em meio a uma intensa participação cultural. Tornou-se um cartão de visitas para numerosos visitantes, tanto do Brasil como do exterior.

Por várias décadas foi o centro da atividade têxtil que, depois, se irradiou para a Villa Americana, principalmente a partir de 1940.

As pessoas que aí nasceram e viveram se empenham até o presente pela preservação de todo o conjunto arquitetônico de Vila Carioba. Durante os anos 80, após o pedido de tombamento junto ao Condephaat ter sido arquivado, acabou tendo grande parte de seus prédios demolidos, notadamente as construções da vila operária.

O acervo remanescente que hoje é de propriedade do Poder Público Municipal, uma vez preservado, contará às futuras gerações um pouco de nossa história, resgatando para as pessoas que lá viveram um pouco de seu "paraíso".



Carioba - estrada dos bambus



Caminho de Carioba



Carioba, década de 1910



Carioba - casas de operários, década de 1920



Carioba - residência do Comendador Franz Müller



Carioba - residência de funcionários da administração da Fábrica de Tecidos Carioba



Carioba - residência de Margarete Müller Von der Leyen, filha do Com. Müller



Carioba - sede da Cooperativa dos Trabalhadores



Carioba - fachada do Hotel - anexo prédio do Cinema

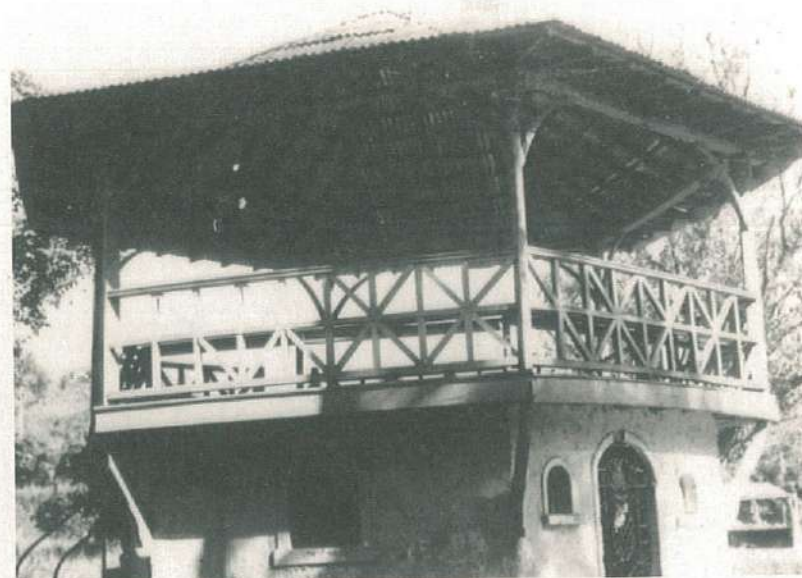


Carioba - hotel do Sr. Pedro Rando

Lazer em Carioba



Trecho do Ribeirão Quilombo



Coreto do Parque D. Albertina



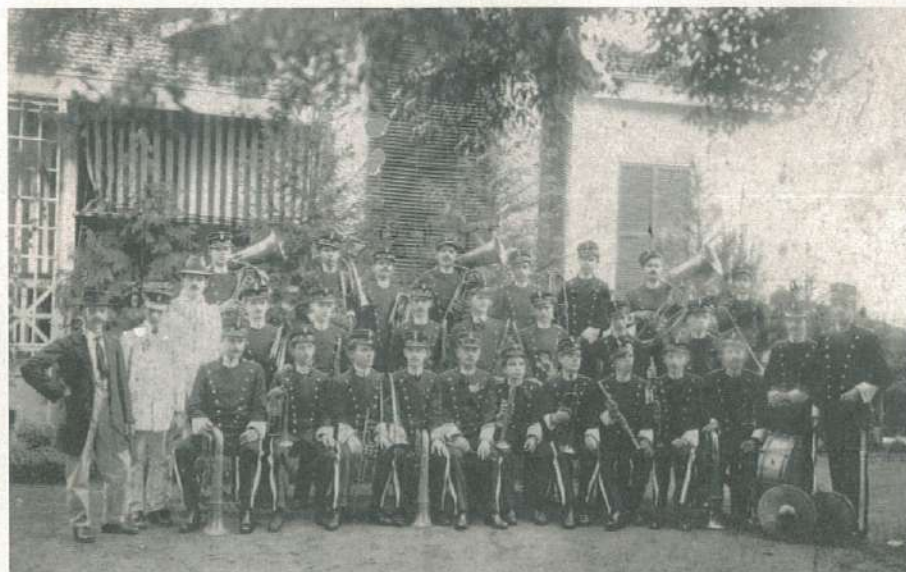
Equipe de regatas



Competições rio Piracicaba, década 1930



Lazer no rio Piracicaba, década de 1930



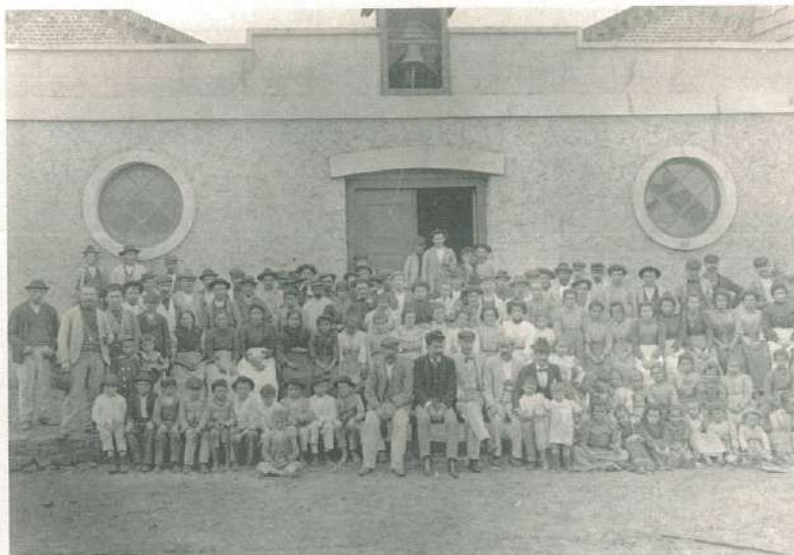
Banda de Música de Carioba em frente a casa Hermann



Clube Recreativo Carioba



Carioba - cocheiras



Trabalhadores em frente a Fábrica de Tecidos Carioba, década de 1910



Carioba - empório



Entrada da Fábrica de Tecidos Carioba

A FAMÍLIA MÜLLER CARIOBA

Originário da cidade de Brunswick, Alemanha, onde seu pai e seu avô foram pastores luteranos na Paróquia de Ölper, Franz Müller chegou ao Brasil em 1879.

O jovem Franz viera como funcionário de uma firma importadora alemã, a Huch e Co, estabelecendo-se em Porto Alegre. Ali conheceu Albertine Goetze, também de origem alemã, com quem se casou em 1883. Em Porto Alegre nasceram os três primeiros filhos do casal: Hermann, Erich e Hans.

O espírito empreendedor de Franz orientou sua transferência para São Paulo em 1889, onde em sociedade com Henrich Trost fundou uma casa importadora.

São Paulo vivia então, o apogeu da cultura do café e o início da industrialização. Nesse período, Franz se destacou pelos relevantes serviços prestados a colônia austríaca, tendo recebido do Imperador da Áustria o título de Comendador em 1896.

O Comendador Franz Müller e seu sócio Trost foram os primeiros a construir residências no nascente bairro de Higienópolis, na capital paulista.

Nessa bela residência nasceram seus três outros filhos: Margarete, Franz e Heinz.

Regressando de uma viagem à Alemanha, em 1901, o comendador Müller tomou conhecimento de que a fábrica de Tecidos Carioba, nas proximidades de Americana, se encontrava a venda.

Apoiado pelo irmão Hermann e por um sócio inglês de nome Rawlinson, Franz Müller adquiriu a firma em 1901.

Em 1902, se estabelece em Carioba com toda a família. Foram meses de exaustivo trabalho para recuperar a fábrica fechada desde 1896.

Inicia-se, com a reabertura da fábrica de Carioba, um novo capítulo para a história da família Müller e a própria história de Americana.

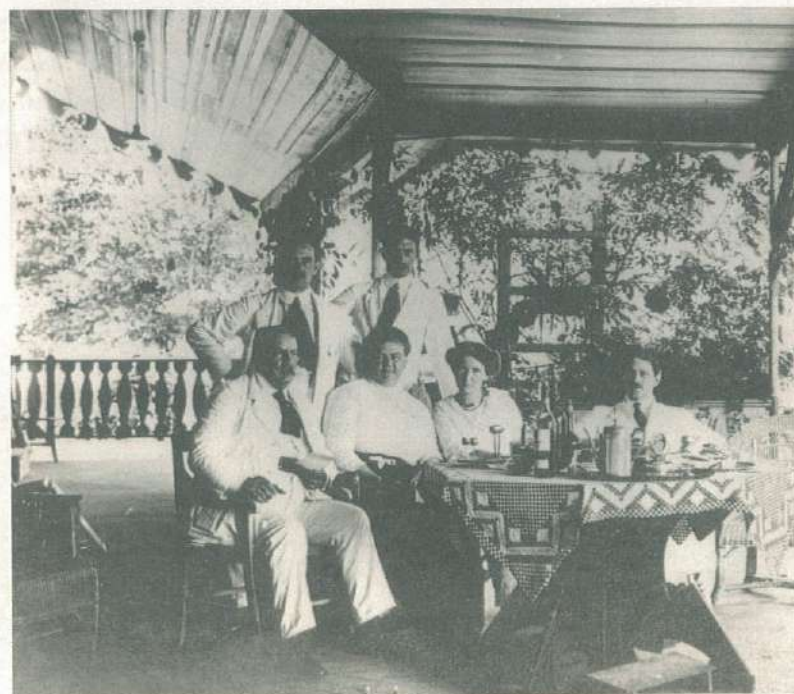
Durante duas décadas à frente do empreendimento, o Comendador Müller orientou seus filhos a se especializarem nos

ramos de fiação, tecelagem e finanças.

A senhora Albertine auxiliou sempre o marido, e revelou-se incansável em acompanhar os estudos dos filhos, tanto na Europa, como no Brasil. Aliado ao conhecimento técnico, o casal transmitiu aos filhos, sua sólida formação cultural e moral, como também, um grande entusiasmo pela música e arte, muito prestigiada sobretudo pela família da senhora Albertine.

A expansão da Fábrica de Carioba levou a necessidade de se adquirir a Fazenda Salto Grande para a instalação de uma usina hidrelétrica. Aí foi desenvolvido também um projeto agrícola dos mais modernos, visando a produção de algodão para as necessidades da indústria e a produção de gêneros alimentícios para o suprimento da vila operária que já contava com considerável contingente de moradores, sobretudo de procedência italiana.

Concluída em 1911, a Usina de Salto Grande passou a fornecer energia elétrica para Carioba, Americana e demais cidades da região.



Família Müller Carioba

O casal Müller, auxiliado pelos filhos, transformou a vila Carioba em um aprazível recanto que aliava a beleza natural ao engenho das construções em estilo europeu, encantando a todos que a visitavam.

Sua atuação se pautou sempre pela noção da necessidade de desenvolvimento harmônico entre o capital e o trabalho, o que se traduziu em toda uma infra-estrutura de instituições de educação, assistência à saúde e lazer que organizaram em Carioba.

Desde os primeiros anos de estabelecimento em Carioba, a família Müller começou a acrescentar Carioba ao seu sobrenome, tendo este sido oficializado a partir da década de 1930.

Após a morte do comendador em 1920, seus filhos continuaram a tarefa: Hermann Müller foi um dos expoentes políticos de Americana, tendo profícua atuação na Câmara Municipal durante várias legislaturas.

Os descendentes da família Müller Carioba se dedicaram aos mais diferentes ramos de atividades, sempre com o mesmo entusiasmo que caracterizou o casal Franz e Albertine.

O busto edificado pelos operários de Carioba, em homenagem ao comendador Müller, está colocado hoje na área central de Americana, na praça que leva o seu nome. Traduz a gratidão da cidade a esse incansável batalhador do progresso da atividade têxtil, de Carioba e Americana.



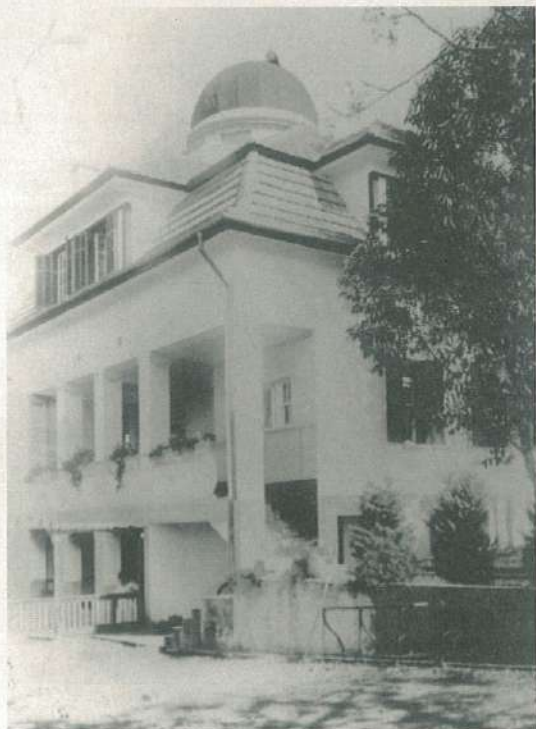
Carioba - Erna Borman Müller, esposa de Hermann Müller



Comendador Müller (terno branco) e comitiva



Casa de Hermann Müller com vista para o Ribeirão Quilombo



Casa de Hermann Müller, observatório.



Busto do Comendador Müller localizado na praça com seu nome

Residência de Hermann Müller - interiores, década de 1930



Residência de Hermann Müller - Patrimônio Histórico Municipal



Casa do caseiro, foto atual



Residência de Hermann Müller, década de 50



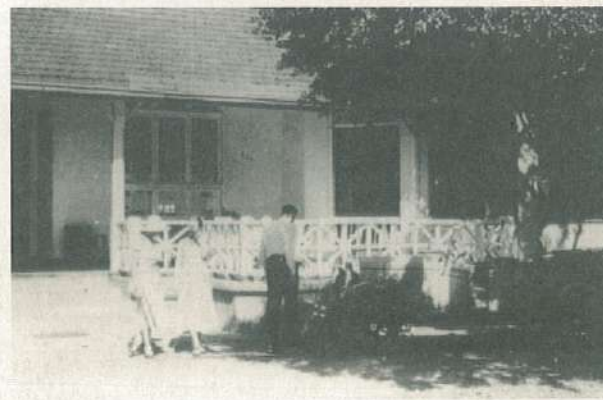
Cozinha, foto atual



Residência de Hermann Müller, foto atual



Garagem, foto atual



Varanda, década de 30

RELAÇÕES DE TRABALHO



Operárias na tecelagem Fábrica de Fitas Hans Schweizer, década de 30

DE ESCRAVOS A TRABALHADORES NA INDÚSTRIA

Entre as informações a respeito da fundação da Fábrica de Tecidos Carioba, encontrou-se menção ao trabalho de escravos na indústria. Ao ser realizada, em 1992, uma exposição de fotos da Vila Carioba no CIEP do bairro de São Vito, um antigo morador daquela localidade, o Sr. Joaquim Rocha, procurou os organizadores do evento. Afirmou que gostaria de falar sobre a Carioba da época dos escravos. Em seu depoimento, o Sr. Rocha relatou que sua mãe dizia que vários escravos trabalhavam na indústria da Carioba na época dos segundos proprietários, os ingleses Jorge e Clement Wilmot. Outra pessoa entrevistada abordou também o assunto: o Sr. Itabajara Fonseca referiu-se à menção que sua sogra, D. Amélia Furini, fazia à existência de algumas famílias de negros que viviam nas imediações da Fábrica Carioba. D. Amélia era ainda menina, na época em que Carioba pertencia aos Wilmot, mas tinha lembrança desses fatos. Pesquisando-se material da época, encontrou-se no arquivo do Centro de Memória da Unicamp, um interessante documento que veio esclarecer o fato mencionado pelos entrevistados. Trata-se do processo nº 12.685 do Cartório do primeiro ofício, Caixa 623.

1887 - CLEMENT WILMOT - LOCAÇÃO DE ESCRAVOS

A importância do documento se expressa por envolver pessoas que tiveram destacado papel na fundação da cidade de Americana: tais como Basílio Bueno Rangel, o Dr. Antônio Álvares Lobo e Clement Wilmot, o proprietário da Fábrica de Tecidos Carioba.

O texto evidencia como os escravos podiam obter os recursos para sua alforria, mediante contrato de trabalho durante o período de três a quatro anos em atividades industriais; revela também o preço de tabela para cada escravo, as diferenças de preço entre cada um deles e em relação ao valor das escravas.

Outro ponto focalizado é o da desaprovação do Dr. Antônio Álvares Lobo ao regime escravocrata, mas sua anuência em ser o curador dos libertandos. Via nesse contrato uma forma dos escravos superarem a condição de cativos, obtendo a liberdade. Por outro lado pode-se concluir que havia dificuldade de obtenção de mão-de-obra na região, pois o processo imigratório envolvendo trabalhadores europeus com alguma experiência na atividade têxtil, (tais como os italianos), estava apenas começando no ano de 1887.

Transcrever-se-á, a seguir, algumas partes desse contrato que possibilitou a alguns escravos a obtenção da alforria do cativo, mas não a liberdade imediata: tratava-se de um compromisso de trabalho, sem estipular o salário, com concessão de moradia, vestuário, alimentação e assistência médica em caso de moléstia. O número de horas de trabalho também não era determinado referindo-se apenas à obrigação de trabalho em todos os dias úteis.



Basílio Bueno Rangel

Processo nº 12.685 - Cartório do 1º Ofício

1887 *Clement Wilmot e Cia - Suplicante*
Libertando diversos - Suplicados

Clemente Wilmot e Cia, por uma parte e por outra Moysés, Alfredo, Vicencia, escravos de Martiniano Bueno Rangel, Affonso, João Pedro, Luiz e Joanna, escravos de Basílio Bueno Rangel, Manoela e Francisca escravas de José Bueno Rangel, que os primeiros suplicantes estão disposto a fornecer aos últimos o dinheiro preciso para a alforria, mediante locação de serviços destes contratados com autorização deste Juízo de acordo com as cláusulas seguintes:

1ª) os libertandos se comprometem a trabalhar para os primeiros outorgantes, em todos os dias úteis, durante o período desse contrato em serviços da Fabrica denominada "Carioba" ou em quaisquer outros que lhe forem determinados.

2ª) os primeiros suplicantes poderão transferir a outrem com inteira liberdade os serviços de alguma ou de todos os libertandos.

3ª) os mesmos primeiros suplicantes fornecerão aos libertandos durante o contrato, habitação, alimentação, vestuário e cuidados médicos em caso de moléstia.

4ª) a libertanda Francisca se compromete a trabalhar para os primeiros suplicantes pelo prazo de três anos; todos os outros libertandos se obrigam a trabalhar para os mesmos por quatro anos; a contar da data em que se assinar o contrato.

Requerem a V. Sa. se digne a nomear um curador que será ouvido por parte dos libertandos e com o seu acordo autorizar o contrato projetado nos termos do Direito.

Os valores dos libertandos conforme a tabela legal são os seguintes:

Moysés - oitocentos mil réis

Vicencia - seiscentos mil réis

Affonso - novecentos mil réis

João Pedro - novecentos mil réis

Manoela - seiscentos mil réis

Francisca - quatrocentos e cinqüenta mil réis.

05 de maio de 1887

Do deferimento, distribuindo-se e autuando-se esta.

Assinam: Clemente H. Wilmot

a rogo dos libertandos por não saberem escrever

Antônio Carlos de Moraes Salles.

Foi citado o Dr. Antônio Alvares Lobo para ser o curador dos libertandos.

Juramento do Curador ad hoc

Aos seis de maio de 1887, compareceu o Dr. Antônio Alvares Lobo advogado que perante o M. Juiz de Direito Dr. Bento Novaes que deferido julgamento da forma da lei de bem servir como curador dos libertandos a que se refere a petição a folhas. Recebido juramento; assim prometeu cumprir sob as penas da lei e assinar esta.

O escrivão: João Felesberto da Silveira

Escreve o curador

Julgo o contrato a que se propõem Moysés, Alfredo, Vicencia, Affonso, João Pedro, Luiz e Johanna, Manoela e Francisca é vantajoso para seus interesses.

Deixam o regime de escravidão e tornam-se lires, sem os absurdos daquele primeiro estado; contrário à própria natureza.

As cláusulas são razoáveis, bem como o tempo para prestação de serviços. Mas entro em dúvida se eles podem, no contrato, se obrigarem a consentir na transferência de seus serviços. E duvido porque os serviços dos libertos são intransferíveis: Maíra Pramp: verbo liberdade à página 104. Sem embargo disto e aprovando pelos meus curatelados as bases do contrato; V. Sa. fará como o primeiro arrimo dos desprotegidos que deve ser o que melhor for a bem dos direitos dos mesmo escravos.

Campinas, 06 de maio de 1887

Curador: Antônio Alvares Lobo

APARALISAÇÃO DA FÁBRICA DE TECIDOS CARIOBA

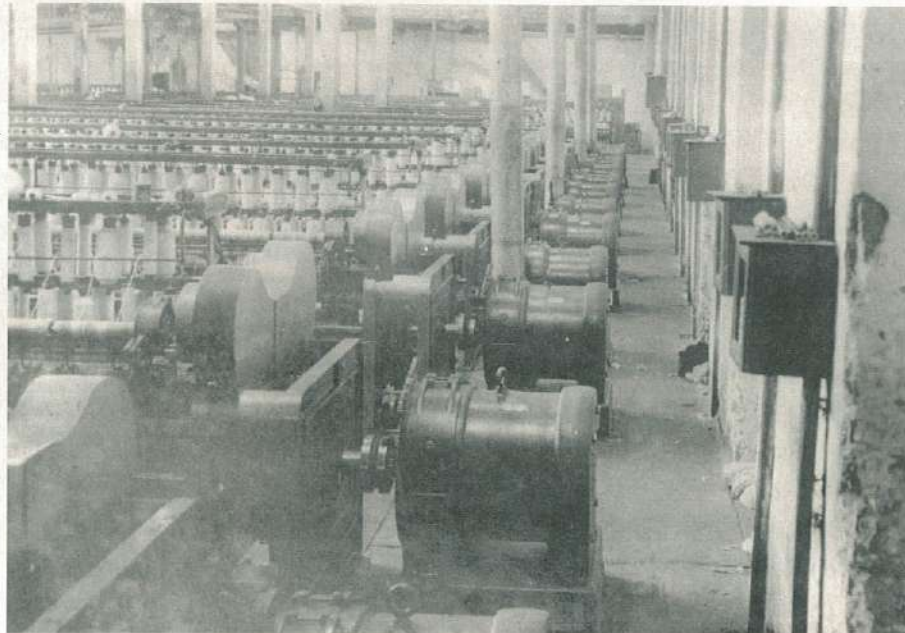
O ano de 1902 marcou a reabertura da Fábrica de Tecidos Carioba, que estava fechada há seis anos. Os antigos trabalhadores da indústria, os quais já estavam residindo na Villa Americana, foram chamados a reassumir suas funções. Assim iniciou-se um período de progresso e expansão da indústria, já sob a administração do Comendador Müller. Dessa data em diante há vasta documentação sobre a fábrica, a Fazenda Salto Grande, a vila industrial. Este material foi disponibilizado pelos descendentes do Comendador Müller para a Secretaria de Educação e Cultura de Americana e também para os arquivos da UNICAMP. Entretanto, sobre o período anterior da administração dos segundos proprietários, os irmãos Wilmot, há pouca informação. Apenas menções à premiação obtida na Exposição da Província de São Paulo em 1885 e, depois, as referências ao endividamento da empresa com o Banco do Brasil, e conseqüente fechamento da mesma em 1896. Encontrou-se no arquivo do Centro de Memória da Unicamp um detalhado processo que explicita a situação de endividamento da empresa e o processo de execução e penhoras de bens que lhe moveu o Banco do Brasil em 1898. O teor do procenno nº 636 do 1º Ofício do Tribunal de Justiça Civil é ilustrativo para referência e localização: situa a fábrica de Carioba como pertencente à freguesia de Santa Cruz, Comarca de Campinas. *"Língua de terra entre o Rio Atibaia e seus afluentes, na margem esquerda confrontando com José Bueno Rangel, Basílio Bueno Rangel, William Pyles, Dr. Clement Wilmot, Rio Piracicaba, Luiz Demeret, Francisco de Campos e seus filhos, com dezessete alqueires de terra, edifício da fábrica, força d'água motiva, casa de carpinteiro, quarenta e cinco casas para operários."* seguindo-se uma detalhada descrição das máquinas e equipamentos de uma bem organizada indústria têxtil. Finalizando os motivos da requisição da penhora foi apresentado no documento, a dívida de trezentos e quinze contos quarenta e nove mil novecentos e vinte réis (315:549\$920) que deveria ser paga, do contrário os proprietários teriam seus bens penhorados. A penhora realmente se efetivou e em 1901 o Comendador Müller arrematou a fábrica de Carioba obtendo os

recursos necessários através da formação de uma empresa de capital misto, inglês e alemão: Rawlinson, Müller e Cia- Fábrica de Tecidos Carioba.



Interior da Fábrica de Tecidos Carioba

Fábrica de Tecidos Carioba - interior, década de 1930



O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

A industrialização, enquanto processo, não ocorre isoladamente e nem pode ser um acontecimento local. A industrialização depende de um conjunto de fatores que se inserem, e são reflexos de condições variadas em nível local, regional e mundial. São fatores relacionados aos recursos naturais locais (solo, relevo, clima e hidrografia); às condições viárias de circulação das mercadorias; à acumulação de capitais e à oferta de mão-de-obra. Estes fatores estão inter-relacionados entre si e com as condições sócio-econômicas, políticas e culturais regionais, nacionais e internacionais.

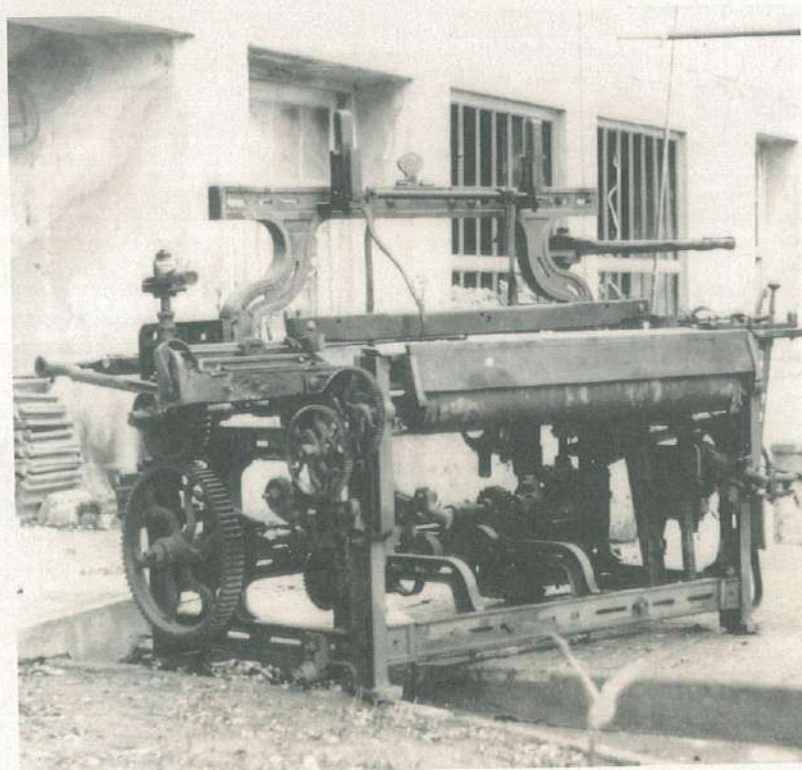
O início da industrialização em Americana, foi marcado por dois acontecimentos da maior importância, no ano de 1875. O primeiro relaciona-se à passagem da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais (atual Fepasa), que avançando rumo às áreas cafeeiras do norte do Estado de São Paulo, foi construída no vale do ribeirão Quilombo, ampla depressão, quase que plana, favorecendo a construção da estrada de ferro; e, também, a construção da Estação em terras da antiga fazenda Machadinho, pertencente, na época, a Basílio Bueno Rangel. O segundo acontecimento de grande importância foi a montagem de uma indústria de fiação e tecelagem de algodão, pela firma Queiroz & Ralston, na foz do ribeirão Quilombo, distante três quilômetros da Estação Ferroviária, que servia como via de circulação. Inaugurada em 1875, a Estação Ferroviária tornou-se um local bastante movimentado, servindo aos moradores de Santa Bárbara d'Oeste e Piracicaba em suas viagens e em suas transações comerciais com a Capital. Em razão da frequência dos imigrantes americanos à estação, a pequena vila que surgiu no seu entorno, passou a ser chamada de "Vila dos Americanos". Em 1904, a vila foi elevada a Distrito de Paz e a fábrica de tecidos de algodão, nas mãos de Rawlison Müller e Cia, se tornou a segunda do país, fazendo com que o bairro onde se instalava, Carioba, tivesse maior importância do que a própria vila.

Além da Fábrica de Tecidos Carioba, na mesma área, foi fundada em 1911, a Tecelagem de Seda de Carioba, por Müller, Albert e Cia, que se transformou em 1924 na Cia Leyen de Seda e em 1935

na Fábrica de Fitas e Elásticos Quilombo S/A.

Em 1924, o Dr. Cícero Jones, entusiasta da indústria, importou doze teares suíços para a fabricação de tecidos de seda. Após sua morte, a pequena indústria ficou dois anos parada; nesse ínterim, dois ex-operários Ettore Bover e Vitorio Bover tentaram reativá-la. Por falta de capital, se associaram a um ex-contramestre da Tecelagem Ítalo-Brasileira, estabelecida em São Paulo, que obtinha através da firma Pavezzi a matéria prima para o seu funcionamento.

O Sr. Luiz Bertoldo (italiano radicado em São Paulo), veio para Americana e adquiriu os doze teares da família Jones; seus filhos Guido e José assumiram a fábrica trazendo o Sr. Angelo Olivieri (técnico têxtil italiano procedente dos Estados Unidos) e que na ocasião trabalhava na Tecelagem Santa Branca em São Paulo, colocando-a em atividade. Havia ainda os senhores Eduardo Gonçalves e João Pereira como contramestres.



Tear



Tecelagem Rainha - rua 12 de novembro



Residência e Galpão de Tecelagem - rua Major Redher



Tecelagem - Rua 7 de setembro



Tecelagem



*Vila Redher - prédio da Tecelagem Godoy e Rubbo
rua Alvaro Ribeiro esquina com rua 7 de setembro*



Tecelagem São Lucas - rua Dr. Cícero Jones - a permanência da atividade têxtil



Foto atual - Rua 12 de novembro - novos usos para antigos prédios industriais



Tecelagem

O FAÇONISMO EM AMERICANA

A historiografia de Americana cita além do Sr. Bertoldo, dois operários que foram pioneiros na indústria “a fação”: Pedro Nardo e José Castelani. Isso ocorreu por volta de 1926 a 1929.

Ao iniciar a década de 30, a indústria têxtil começou a se multiplicar, pois já existiam vários operários (contra-mestres e tecelões), que na perspectiva de aumentar a renda familiar, haviam comprado um ou dois teares, os quais trabalhavam em casa, nas horas de folga. Os teares eram adquiridos à prestação, a mão-de-obra eram os próprios familiares e os fios eram fornecidos pelas poucas indústrias autônomas da cidade, além de comerciantes da zona atacadista de São Paulo (rua 25 de março e da ladeira Porto Geral).

Segundo João Antônio Rodrigues (1978), os primeiros operários que adquiriram um ou dois teares, instalados em cômodos de suas residências, trabalhando nas horas de folga, não chegaram a constituir uma “indústria façonista”. Entretanto, diz J. A. Rodrigues: *“essa indústria foi se constituindo na medida em que a mulher e os filhos mais crescidos aprendiam a trabalhar com tear, o que permitia ampliar as horas de funcionamento das máquinas. A matéria-prima era obtida na própria fábrica onde o operário trabalhava e consistia num rolo (urdume) pronto e uma quantidade necessária de ‘espulas’ já preparadas para servirem de trama. Esse material era transportado na maioria das vezes em pequenas carrocinhas, carro de mão e até mesmo na traseira da bicicleta, podendo-se supor que a produção não poderia ser grande. O auxílio oferecido pela mulher levou alguns dos primeiros ‘façonistas’ a instalar tear na cozinha, possibilitando a mulher operar simultaneamente o tear e as panelas no fogão”.*

Durante as décadas de 30 a 60 houve um crescimento significativo da “indústria façonista” em Americana. Dados do IBGE, 1967, mostram o município de Americana como o mais importante centro têxtil do interior paulista, somente sendo superado pela Grande São Paulo, em número de estabelecimentos, valor de produção e mão-de-obra empregada.

As “indústrias façonistas” foram desenhando a paisagem urbana americanense. Foram sendo instaladas nas proximidades da Estação Ferroviária, nas margens do ribeirão Quilombo, marcando



Tecelagem rua Fernando Camargo



Tecelagem rua Carioba



Tecelagem Rainha - rua 30 de julho

uma fase de desenvolvimento da indústria de Americana.

A partir da década de 70, as “indústrias façonistas” foram diminuindo gradativamente. Seus antigos prédios no centro da cidade vão sendo ocupados por outras atividades, sendo reformados ou demolidos, modificando a paisagem no centro da cidade, cujo comércio vai se expandido para os bairros mais centrais.

As novas indústrias que vêm integrar a economia americanense são fábricas de grande porte, com mais de mil operários e grande capital instalado. Estas indústrias são construídas ao longo da rodovia Anhangüera e às margens dos rios Atibaia e, principalmente, do rio Piracicaba.

A proximidade com a rede viária facilita a circulação das mercadorias produzidas e da matéria-prima utilizada, bem como a locomoção dos operários que são transportados de todas as partes do município e de municípios vizinhos. A proximidade com os grandes rios da região é necessária para o fornecimento de água em grandes volumes por segundo, além de servir para os despejos dos detritos industriais (tratados ou não).

A antiga Fábrica de Tecidos Carioba, a primeira fundada em Americana, foi extinta na década de 70. Os barracões desta antiga fábrica, instalada na foz do rio Quilombo, hoje abrigam dezenas de “indústrias façonistas”.

O maquinário utilizado por estas indústrias, instaladas nos barracões em Carioba, é bastante antigo. São teares até mesmo da década de 40. Segundo depoimento de seus proprietários, não se pode falar em lucros na fábrica “a fação”, atualmente, e sim em salários. O preço do fio que é fornecido por alguns grandes produtores e o preço do metro do tecido, comprado por estes mesmos fornecedores, permite ao “façonista” obter apenas um pequeno salário mensal, igual ou menor a outros tecelões. A vantagem destes “façonistas” de Carioba é o baixo valor do aluguel do prédio, que pertence a Prefeitura Municipal de Americana.

A CRIAÇÃO DO DISTRITO DE VILLA AMERICANA



Villa Americana - Avenida Dr. Antônio Lobo, 1911

A QUESTÃO DE DIVISAS ENTRE SANTA BÁRBARA E CAMPINAS A RESPEITO DA VILLA AMERICANA

O texto "*A questão de Villa Americana - divisas entre os municípios de Santa Bárbara e Campinas*" - de autoria de Antônio de Moraes Barros, traz muitas contribuições à compreensão do processo de formação do povoado que iria constituir o município de Americana.

O autor defendeu a jurisdição de Santa Bárbara sobre a Villa Americana. Esta foi uma questão que se arrastou por vários anos até que em, 1904, foi criado o Distrito de Paz de Villa Americana e sua anexação à comarca de Campinas. O objetivo deste breve estudo é comentar as informações contidas no texto sobre a Fazenda Machadinho, seus limites e as questões de terras que envolveram seus proprietários e outros moradores do local.

O sítio denominado "Machadinho" pertenceu ao Major Domingos da Costa Machado, em seguida a Cirino Rodrigues Fom (antigo morador de Santa Bárbara), e depois pertenceu a Antônio Bueno Rangel. Por ocasião da morte deste foi dividido entre seus filhos Basílio Bueno Rangel e José Antônio Bueno Rangel. Contava, então, com duzentos e trinta e oito alqueires, avaliado em sete contos e quinhentos mil réis e, situava-se aquém do ribeirão Quilombo. Outra parte do mesmo sítio, localizada além do ribeirão Quilombo, continha trinta alqueires, sendo avaliada em três contos de réis. O advogado responsável pelo inventário foi o Dr. Prudente José de Moraes Barros, primeiro presidente civil após a Proclamação da República. Ainda sobre as questões envolvendo a propriedade "Sítio Machadinho" e seus proprietários, há registros de processos sobre litígios na divisão de terras entre Antônio Bueno Rangel e José Correa Franco, entre o primeiro e João Absalão Colé (em 1875).

O enfoque principal em todas essas citações é concluir que a divisa entre os municípios de Campinas e Santa Bárbara, era o Ribeirão do Quilombo. Os prédios e as propriedades que ficassem aquém do ribeirão Quilombo pertenceriam a Santa Bárbara enquanto que, os situados além do mesmo, pertenciam a Campinas.

Outro ponto focalizado é sobre a data do surgimento do

povoado nas mediações da Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro: apesar desta haver sido inaugurada em 1875, o loteamento estabelecido por Inácio Correa Pacheco em área contígua à Estação, só se efetivou a partir de 1894, quando "Villa Americana começou a tomar a feição de povoado" (Moraes Barros, 1900 pg. 77).

Refere-se, ainda, a um prolongamento da povoação em área além do Ribeirão do Quilombo - esta área situava-se no território de Campinas. O autor defende a competência de Santa Bárbara na cobrança dos impostos sobre os produtos da Villa Americana afirmando que, desde 1875, a cobrança dos impostos era feita nas modalidades de impostos de balcão, hospedaria e outros. Em 1893, já constam lançamentos de imposto predial em Villa Americana e apareciam como moradores contribuintes Paschoal Ângelo, Basílio Bueno Rangel, Basílio Duarte do Páteo, Carlos Rasmussem, Portugal e irmão, Luiz Angeli, Fransceschini e Cia, Charles Hall S. Portugal, Francisco Martini e Filhos, Sebastião Antas de Abreu e Modesto de Lemos. Relaciona ainda, em apoio a defesa da jurisdição de Santa Bárbara sobre a Villa Americana, os processos que corriam pela Comarca de Piracicaba, à qual tanto a Villa Americana como Santa Bárbara, eram subordinadas. O autor refere-se a Inácio Correa Pacheco, considerando-o fundador da Villa Americana. Este havia requerido que fosse aí instalado o Distrito Policial, sendo nomeado seu primeiro subdelegado, sempre considerando aquele território como pertencente à Santa Bárbara. Entretanto, estranha a atitude do mesmo nos últimos anos em defender a anexação da Villa Americana ao território de Campinas. Pretendeu-se listar aqui trechos do texto que fornecem subsídios para a compreensão dos fatos ocorridos nos primeiros anos da Villa Americana, ressaltando-se menções a fatos que envolviam os primeiros moradores, tanto de origem americana como italiana.



Villa Americana - embarque de melancias, 1911

REMINISCÊNCIAS DE VILLA AMERICANA



Rua 30 de julho, 1927

JOSÉ CHIQUINHO

Texto baseado em entrevista concedida pelo Sr. José Chiquinho aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa da Secretaria da Educação e Cultura de Americana no dia 28 de abril de 1994.

Entrevistar o Sr. José Chiquinho foi para os pesquisadores do Núcleo de Pesquisas uma grata satisfação. Encontramos neste senhor de 94 anos aquela alegria do menino travesso ao recordar muitas passagens da Villa Americana. Atribuía a sua longevidade ao fato de, na mocidade, ter vivido em Americana e Carioba, quando ainda não existia energia elétrica e, *“a distração era fazer serenata no sábado, pois cada um tinha a sua namorada, na turma um tocava clarinete, outro tocava violão, outro tocava cavaquinho, meu irmão tocava violino... a nossa distração era fazer serenata, então a gente ia dormir, porque não tinha onde gastar saúde...”* Descendente de antigos moradores de Santa Bárbara, seu pai se estabeleceu em Carioba, com um armazém de secos e molhados, em 1902, no início da administração do Comendador Franz Müller. Guardava saudosas lembranças de sua infância em Carioba. Definiu esta fase como *“pé no chão e bola de meia para jogar*



Casa União - Armazém de Joaquim Chiquinho - Carioba

futebol”, isso nos idos de 1910, quando Americana era ainda um pequeno povoado de três ruas apenas. Recordava-se de sua primeira professora, inclusive nome e sobrenome: Dona Noemia Cazes Vianna, que vinha todos os dias de Campinas ministrar aulas em Carioba, acompanhada de suas irmãs D. Suzana e D. Esther, também professoras. Ao



Jose Chiquinho

terminar o terceiro ano, frequentou uma classe mais adiantada, que era mantida pelo Dr. Cícero Jones em sua chácara na “Vila Americana”. Lá conviveu com todos os meninos americanos que viviam nos sítios da redondeza e frequentavam a mesma classe. Ia no trole do Batista Scarpim, que fazia o mesmo serviço que os taxis fazem hoje.

Terminados os estudos nessa escola do Dr. Jones, foi estudar na Escola de Comércio Bento Quirino, em Campinas. Entretanto, jamais exerceu a profissão de contador. Foi ser vendedor de máquinas de escrever em Bauru, onde havia grande desenvolvimento da cultura do café e um intenso comércio. Nessa época, já era casado e talvez tivesse permanecido em Bauru se não fosse a crise do café em 1930. Esta paralisou o comércio, e a solução foi voltar para Americana. Experimentou um período de trabalho na Zona Rural, no sítio do sogro, onde hoje é a Praia Azul.

Esses fatos ocorreram por volta de 1935. O armazém que seu pai estabelecera na Rua Carioba também fora vendido, sobrando apenas o barracão. Foi nessa época que apareceu em Americana um vendedor de armarinhos, o Sr. Paulo Abreu, natural da cidade de Leme. Este propôs alugar o salão do armazém e colocar uma fábrica de doze teares para trabalhar em sistema de feição para os comerciantes de São Paulo. José Chiquinho, que estava sem perspectivas de trabalho, foi ser gerente do Paulo Abreu nessa firma. *“O Paulo Abreu era um predestinado, um camarada que saiu do zero e chegou a milionário”*. Quando Paulo Abreu resolveu transferir sua indústria

para Itatiba, resolveu ficar em Americana e montar sua própria indústria.

Paulo Abreu foi para Itatiba e lá desenvolveu sua grande empresa têxtil. A marca Tecidos PABREU ficou conhecida nacionalmente, e o empresário foi eleito Senador da República pelo Estado de São Paulo na década de 1950. José Chiquinho deu sua própria definição da atividade façonista: *"o pessoal que vinha do sítio comprava uns teares e vinha trabalhar. Fação era aquele negócio, ele (o comerciante) mandava o fio para mim, eu fazia o rolo, o pano cru, mandava o pano cru para ele e não tinha mais nada com isso. Então ele mandava para a tinturaria... e no fim do mês eu ia lá receber a fação de acordo com os metros que eu produzia..."*

Os acordos para contratação de serviços dos façonistas eram apoiados na palavra de cada um dos contratantes, evidenciando que as relações econômicas eram ainda pouco formais.

Indagado sobre as condições como formou sua própria tecelagem, recordou-se do amigo Carlos Zabani, que havia trabalhado como carpinteiro em Carioba: - *"Era um dos melhores profissionais que conhecia"*.

Carlos Zabani desejava fundar uma loja de tecidos e armarinhos em Americana. Indeciso sobre o nome para o

estabelecimento consultou o amigo José Chiquinho, e este lhe disse: *"em São Paulo tem Bazar da China, tem Bazar do Japão, tem bazar disso bazar daquilo... Põe lá: Bazar da Índia"*. E Americana ganhou uma loja chamada "Bazar da Índia", a loja do Zabani, um conceituado estabelecimento que funcionou por décadas na Rua 30 de Julho.

Do amigo Carlos Zabani partiu também a indicação de um comerciante de São Paulo, T. Gabriel que por dez anos forneceu serviço à fação para a firma de José Chiquinho. *"Este T. Gabriel foi um homem de valor, exemplo de homem correto, um sujeito cem por cento"*.

Relembrando Carioba ressaltou o cooperação que havia entre os trabalhadores e os patrões, os Müllers: *"... eles davam atenção para os operários deles, não eram empregados, eram amigos de trabalho, entendeu? Então, tinha essa amizade entre o patrão e os empregados da Carioba. Existia essa coisa que hoje não existe mais, operário hoje é inimigo do patrão, naquela tempo o próprio patrão era amigo do empregado..."*

Sua fábrica prosperou e foi sendo continuamente ampliada. Só deixou a atividade nos anos 50, em razão do falecimento do sobrinho que era seu gerente, e de outros colaboradores: Didi Astorri, Joailde de Mattos, Mário Tognetta. Ficou desgostoso, vendeu a indústria e foi viajar com a esposa, conhecer o Brasil (que era o que realmente importava) para recuperar-se.

Considerou que a indústria têxtil deveria ter buscado um maior aporte tecnológico porque, atualmente, as máquinas com as quais se trabalha em Americana são ultrapassadas. Afirmava ele que não se consegue competir com os produtos do exterior dessa forma. Homem de visão na indústria têxtil, para ele, foi o Sr. Álvaro Cechino, fundador da CITRA (Companhia das Indústrias de Tecidos de Rayon de Americana) que deveria organizar a oferta de trabalho das indústrias frente aos comerciantes de São Paulo. Entretanto essa iniciativa durou poucos anos e a indústria acabou se tornando uma empresa familiar".

Destacou ainda aspectos da Americana antiga, como os bailes e os passeios de barco no Parque Ideal, local apazível e muito bem cuidado pelo seu proprietário Basílio Bueno Rangel. Recordou a figura carismática do Capitão Inácio Corrêa Pacheco, pessoa de grande cultura, que falava vários idiomas e foi quem iniciou o loteamento das terras para a formação da Villa Americana.



Transporte inter-municipal

Relatou como se processava o abastecimento de água potável em Americana: “...a distribuição era feita por um senhor chamado Vitorino que vendia água da nascente de sua chácara (esta chácara se situava ao lado da atual Avenida Brasil). Todos os dias o Vitorino entregava a água nas casas com suas carroças-pipas e recebia o pagamento no fim do mês...”

Discorreu também sobre as animadas disputas entre os times de futebol de Americana - o Arromba, depois Rio Branco e o Carioba. Finalizando a entrevista, ao lhe agradecermos a atenção, emocionou-se e despediu-se nos dizendo que em seus 94 anos de vida, nos últimos anos parecia-lhe estar vivendo como um sonâmbulo, sem ter com quem conversar sobre as coisas de sua infância e juventude. Ao conversar conosco sobre os fatos antigos de Americana, parecia reviver aqueles tempos em que fora tão feliz: ... “Parece que me devolveram uns seis anos de vida...”

Suas palavras nos emocionaram igualmente, pela simplicidade com que foram ditas, e nos deram a dimensão da importância do trabalho com depoimentos orais, nos quais, pessoas comuns de uma comunidade nos traduzem vivências de um cotidiano que estaria esquecido não fora o emprego dessa técnica de pesquisa histórico-social.

Este procedimento de pesquisa também possibilita um retorno do conhecimento sistematizado à comunidade através da elaboração de textos, da organização de exposições de fotos, de máquinas e equipamentos que caracterizam uma época. Nessas ocasiões todos são chamados a participar e cada um pode avaliar o significado de sua atuação no desenrolar dos acontecimentos que se transformaram na história de um bairro, de um município e mesmo de um país.

Ao Sr. José Chiquinho (in memoriam), um dos primeiros cidadãos de Americana, a nossa gratidão.



Parque Ideal



Formatura da classe de José Chiquinho na Escola de Carioba

ONOFRE BOER

Entre os descendentes das famílias italianas que chegaram na Fazenda Salto Grande em 1887, destaca-se o Sr. Onofre Boer que durante décadas teve marcante atuação em Americana, tanto na atividade têxtil como na religiosa.

Parece ter herdado de seu avô, Joaquim Boer, o espírito de liderança que este exerceu junto às famílias italianas que deixaram a localidade de Pádua, província de Udine, na Itália, para aventurarem-se a uma nova vida em território brasileiro.

Estas famílias, chegando ao Brasil em outubro de 1887, dirigiram-se para a Fazenda Salto Grande, de propriedade do Sr. Francisco Campos Andrade.

Condições precárias de vida e árduo trabalho no cultivo do café, planta desconhecida pelos italianos, esperavam pelos novos trabalhadores que iriam substituir a mão-de-obra dos escravos.

A abolição da escravidão poucos meses após a chegada dos imigrantes e o endividamento do fazendeiro, levaram a propriedade à desorganização.

Muitas famílias italianas deixaram o Salto Grande, dirigindo-

se a Santa Rita do Passa Quatro, onde haviam se fixado outros imigrantes conhecidos.

Entretanto, o fazendeiro Campos Andrade conseguiu recursos com a venda de parte da propriedade e foi à procura dos italianos em Santa Rita.

Novamente Joaquim Boer arregimentou as famílias italianas e todos voltaram a Salto Grande. Nesse período os imigrantes aprenderam a cultivar o café, bem como plantavam roças com produtos de subsistência: arroz, feijão e milho. Passaram a difundir o emprego de ferramentas apropriadas ao corte do arroz que tinham trazido da Itália. Mais tarde, essas ferramentas começaram a ser fabricadas por indústrias de Limeira.

Joaquim Boer foi convidado pelo proprietário da fazenda a assumir a administração da mesma. Declinou do convite por não saber ler e escrever, ficando o cargo, então, para o Sr. Luiz Delbem, chefe de uma das famílias italianas.

Após alguns anos, novamente o proprietário da Fazenda se viu sem recursos para pagar os colonos. Seu filho, envolvido com a atividade da política, gastava muito e se endividara, comprometendo o funcionamento da empresa.

O não pagamento dos salários aos colonos e a falta de alimentos no armazém da Fazenda, fez com que muitos se revoltassem e se exaltassem, cobrando providências imediatas ao Sr. Delbem que, infelizmente, nada podia fazer. Devido a essas ameaças ao administrador foram todos presos e levados a Campinas. O proprietário da Fazenda, foi até lá e conseguiu a liberdade de todos.

Nessa ocasião, Joaquim Boer viu a perspectiva dos italianos realizarem o sonho de possuir suas próprias glebas de terra. Tornou-se o porta voz das aspirações frente ao fazendeiro, propondo-lhe pagar as dívidas com os colonos com glebas de terra, segundo o crédito de cada trabalhador. Francisco de Campos concordou e, na semana seguinte, trouxe o engenheiro para demarcar as terras.

"Eu considero hoje que, essa foi a primeira reforma agrária do Brasil"



Onofre Boer



Estação e Rua 30 de julho

- recordava sorrindo seu Onofre, ao relatar a atuação do avô Joaquim e sua perspicácia em encaminhar a solução que todos almejavam.

... "Então, cada um recebeu sua parte de terra e, foram trabalhar. Cada um trabalhava, lutava com muita dificuldade, mas graças a Deus, todos eles venceram e hoje a maioria deste pessoal está aqui na cidade: família Meneghel, Sacilotto, Cia Bertine, Piloto..."

Este acontecimento se deu no ano de 1899. Durante décadas estas famílias italianas desenvolveram atividades nesses sítios, que assumiram características peculiares das propriedades da região de origem, ou seja, desenvolvimento da policultura: cultivo de frutíferas e criação de animais para trabalho na lavoura, e produção de leite, ao lado de algumas glebas com cultivo de café, cujo manejo haviam aprendido nos anos em que viveram na Fazenda Salto Grande.

Muitos desses sítios são atualmente bairros de Americana e guardam nomes das famílias italianas que foram proprietárias dessas glebas.

Na década de 30, muitos deixaram suas propriedades e se fixaram em Americana, iniciando a atividade de tecelagem montando pequenas tecelagens no regime de trabalho a feição. Esta atividade os distanciava da sua tradição de trabalho agrícola mas, na maioria dos casos, possibilitava a manutenção da propriedade através da ocupação de alguns integrantes da família na atividade industrial, enquanto que outros permaneciam no campo. Esta diversificação de atividades possibilitou que a propriedade se mantivesse sem fracionamento por um período maior. O fracionamento destas propriedades, em geral, ocorreu devido ao crescimento urbano que motivou o loteamento das mesmas.

O ano de 1938 assinalou esta trajetória para a família Boer, já descontente com os altos e baixos da lavoura. O Sr. Onofre transferiu-se com a família para Americana e iniciou uma pequena tecelagem em sociedade com um primo.

Alguns anos depois, 1944, fundou juntamente com outros industriais a CITRA (Companhia Industrial de Tecidos de Rayon de Americana) uma espécie de cooperativa que reunia um grande número de tecelagens. Após algum tempo desligou-se da CITRA e participou, com o industrial Álvaro Cechino, da fundação da Distribuidora de Tecidos de Rayon de Americana Ltda, a DISTRAL, em 1946.

Desligando-se da DISTRAL, Onofre Boer ampliou sua

indústria e continuou lutando para o desenvolvimento da atividade têxtil.

Também o sentimento religioso motivou os imigrantes italianos a se deslocarem do Salto Grande para o povoado de Villa Americana, para construir a primeira igreja católica a Capela de Santo Antônio (1897).

Este sentimento religioso encontrou sua continuidade e expressão maior nesse descendente da família Boer que esteve sempre a frente de todos os empreendimentos e atividades religiosas.

A própria concepção da Igreja Matriz, tal como se apresenta hoje, resultou de um sonho, uma espécie de premonição do que seria a grandiosidade do templo a ser construído.

Esse sonho do Sr. Onofre Boer ocorreu no dia do enterro do pároco Epifânio Estevam que por muito anos exercera o sacerdócio em Americana. No dia seguinte, desenhou um "croquis" da Matriz tal como havia sonhado.

Perseguindo essa utopia, Onofre Boer, apoiado pelo Monsenhor Nazareno Maggi, trabalhou durante vinte e oito anos para a construção da Matriz de Santo Antônio, um legado de grande expressão artística e cultural para o município de Americana.

Onofre Boer teve também destacado papel como incentivador das obras do Hospital São Francisco e de outras



Praça Basílio Rangel

entidades assistências como, por exemplo, o Asilo de São Vicente de Paulo.

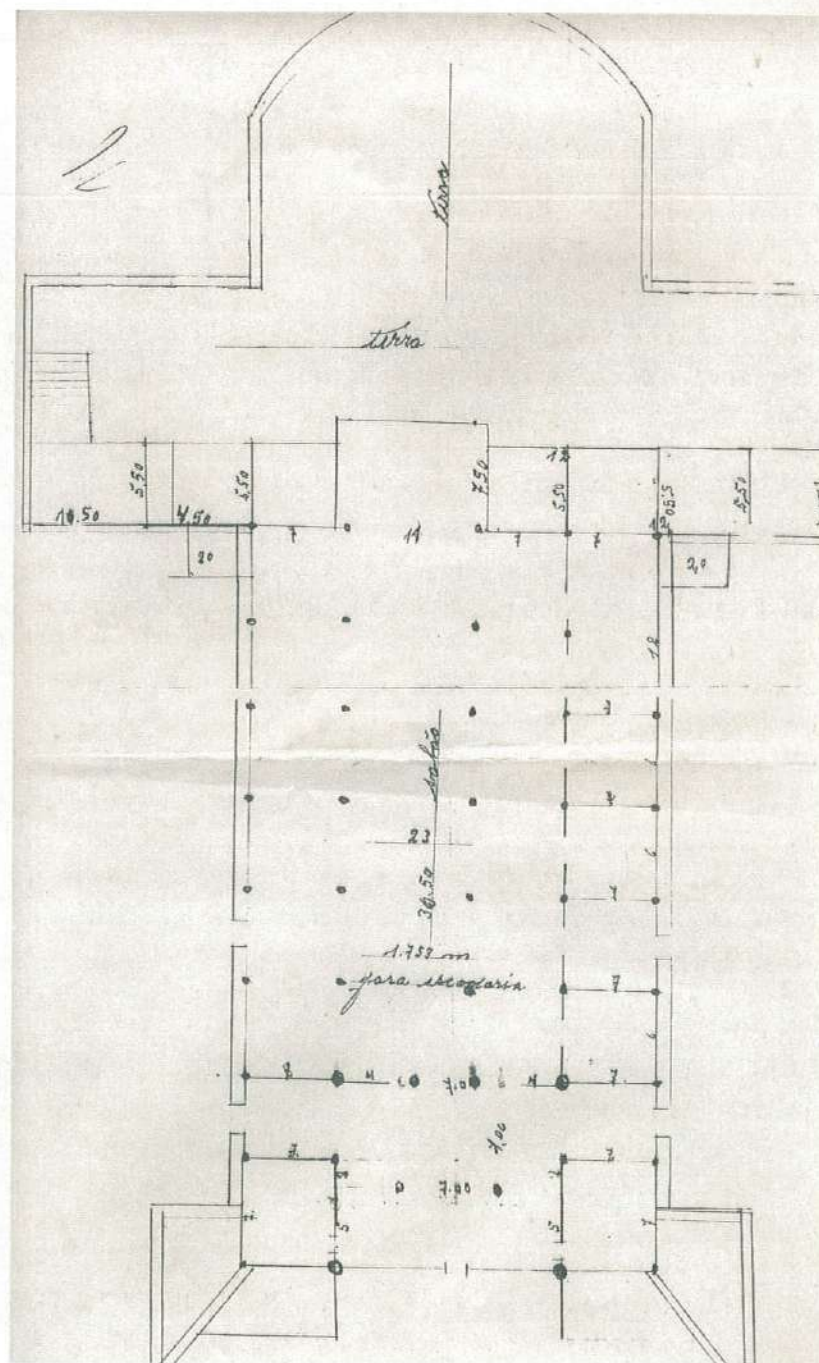
Sua dedicação à causa religiosa o levou a auxiliar o pároco na missão de construir igrejas nos bairros: a Igreja do Bom Jesus, a Igreja de São Benedito, a de Nossa Senhora do Carmo, a de Santa Catarina e, a de São Vito.

Empenhou-se ainda em trazer novas indústrias para Americana: a Unitika, a Toyobo, a Tecnobrás e outras, valendo-se do bom relacionamento que tinha com os proprietários de terrenos, facilitando os negócios com os novos empreendedores. Chegou mesmo a dispor de parte de seu patrimônio para assegurar a instalação de indústrias, visando sempre a diversificação das atividades industriais e a geração de empregos.

Finalizando seu depoimento, Onofre Boer ressaltou a necessidade de uma liderança expressiva para a superação de divergências que sempre ocorriam e ocorrem entre os diferentes grupos de uma localidade:

- *"Naquela época essa liderança era exercida pelo padre, hoje não existe mais essa liderança e a cidade se ressentiu disso".*

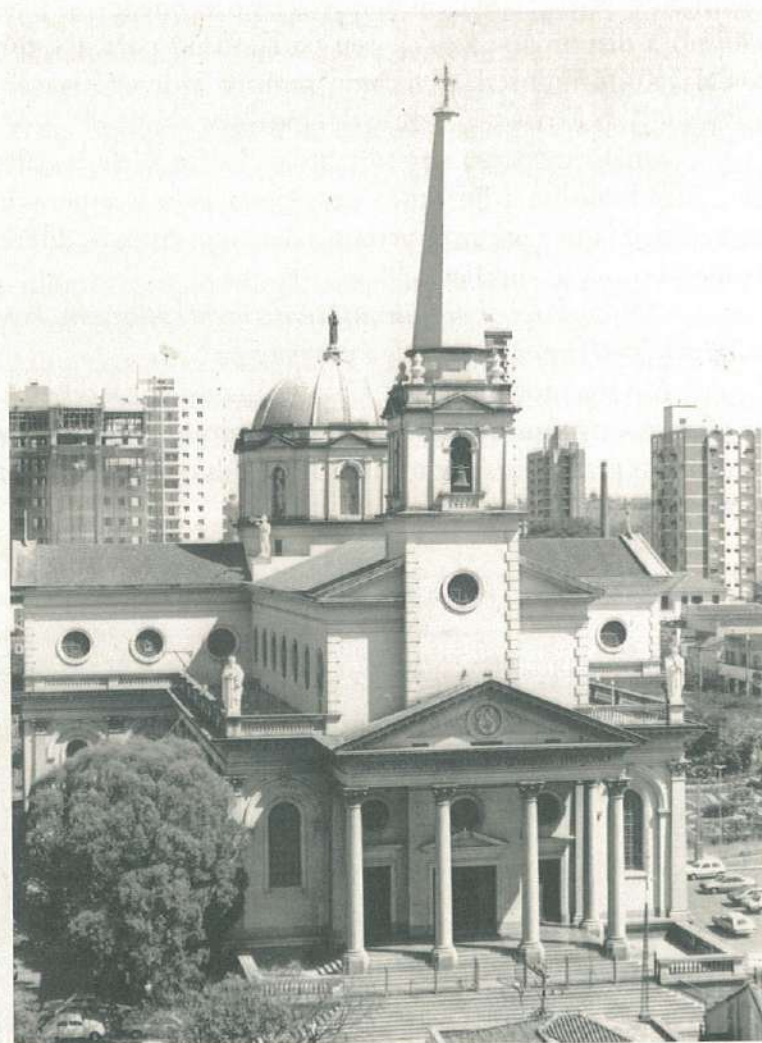
Em sua modéstia, o Sr. Onofre Boer não percebeu e não destacou o seu próprio papel como um incentivador de mudanças e de projetos grandiosos que uniam os indivíduos e os motivavam a lutar por seus objetivos.



Croqui da Igreja



Avenida Dr. Antônio Lobo



Igreja Matriz de Santo Antônio

MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS



Praça Comendador Müller e Igreja Matriz de Santo Antônio

CAPELAS DE AMERICANA



Capela do Salto Grande

A partir de 1887, imigrantes italianos começaram a chegar na Fazenda Salto Grande, representados por Joaquim Boer, e se estabeleceram agrupados em diversas colônias. Sendo em sua maioria católicos, esses imigrantes e seus descendentes foram aos poucos construindo várias capelas para a sua vivência religiosa, as quais, com o passar do tempo e das gerações, transformaram-se em importantes marcos na história de Americana e de suas mais tradicionais famílias.

CAPELA DO SALTO GRANDE

No ano de 1894, os colonos da Fazenda Salto Grande, que eram italianos e devotos de Santo Antônio, construíram na fazenda, uma capela em sua homenagem, colocando em seu altar uma imagem do santo, trazida da Itália.

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO

Por volta de 1895, a população de Americana já atingia cerca de 1.000 habitantes, e a construção da referida capela foi feita em sistema de mutirão, no local onde se encontra hoje a Velha Matriz. A capela era pequena, mas suficiente para acomodar os fiéis. O singelo altar-mor foi construído pelo Sr. Vitorio Miente. Mais tarde,

foi ampliada com a construção de duas alas laterais e a ala do Santíssimo, cujos altares vieram da Fazenda Barroca.

CAPELA DE CARIOBA

Uma pequena e simples capela foi construída, também em mutirão, com materiais doados pelos proprietários do bairro. Medida 7m x 4m e foi erguida às margens do ribeirão Quilombo, próxima à fábrica de fitas, a Cia Leyen de Fitas de Seda. Além das missas domingueiras, realizavam-se em torno da capela grandiosas quermesses.

A construção dessa capela se deve à iniciativa dos devotos João Camargo e Antônio Pinho (Mestre Pinho). Com o aumento da população a mesma tornou-se pequena, sendo então desativada e posteriormente demolida.

As missas passaram a ser realizadas no casarão onde residia o Comendador Müller e família.

Em junho de 1947, foi celebrada missa pelo bispo de Campinas, marcando a fundação da atual igreja, cujo padroeiro é São João Batista.



Capela de Carioba

CAPELA DO CEMITÉRIO

Por iniciativa do Monsenhor Nazareno Maggi, foi construída a capela do Cemitério da Saudade para servir como local santo de orações, reflexões e eventualmente celebrações de missas. Na época de “Finados”, a capela é muito procurada pelos fiéis.

CAPELA DO SÃO VITO

No final do século passado, a família Paschoal Ardito, natural de Polígnea a Mare, centro-sul da Itália, instalou-se na região de Americana.

Devota de São Vito, a família construiu uma capela em seu louvor, colocando, no altar, uma imagem trazida da cidade de Bari (Itália).

Mais tarde, outros devotos de São Vito doaram uma imagem maior, do mesmo Santo, e a colocaram na capela, ficando a imagem italiana, por muitos anos em um nicho, no armazém da família Ardito.

Com a construção da nova igreja de São Vito, a antiga capela, antes de ser demolida, passou a ser utilizada como escola rural do bairro.

CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Fundada em 16 de abril de 1944, por José da Silva Calvo e Mabília de Oliveira Mota, portugueses que se fixaram nesta cidade em 1944. Hoje, com 54 anos de existência, é considerada um marco histórico para nossa cidade, até hoje preservada pela família e muito freqüentada por devotos.

No dia 12 de outubro, data em que se comemora o dia da padroeira do Brasil (Nossa Senhora Aparecida), o movimento na capela é mais intenso, chegando a receber mais de quatrocentos vasos de flores deixados pelos fiéis devotos da santa.



Nicho no armazém da família Ardito



Altar da Capela Nossa Senhora Aparecida



Capela Nossa Senhora Aparecida rua 30 de julho - Vila Jones



Capela do Cemitério da Saudade



Capela São Vito

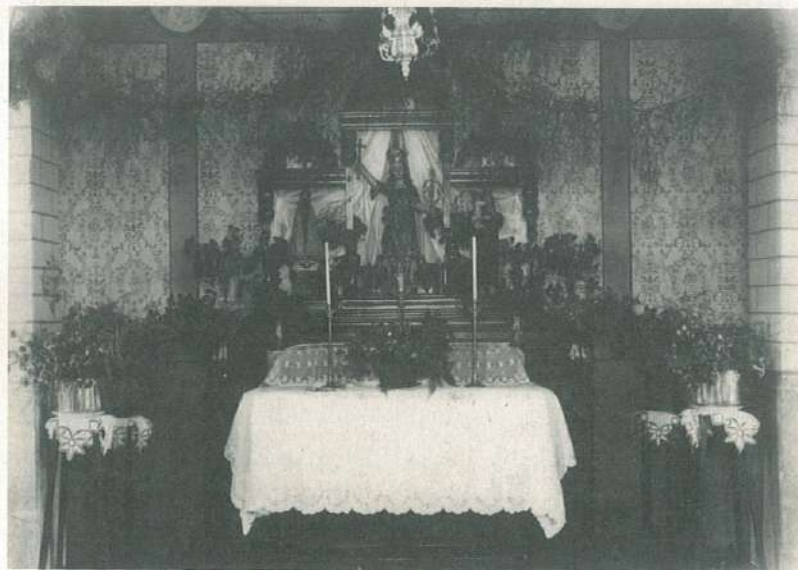
PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO

Segundo pesquisas comparativas, os historiadores afirmam que a imigração italiana preferiu o Sul do Brasil (São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul). Em 8 de outubro de 1887, desembarcaram no Porto de Santos várias famílias vindas, na maioria, do Norte da Itália. Na divisa onde hoje é Limeira, havia a fazenda "Salto Grande" com três mil alqueires de terra, propriedade de Francisco de Campos. Esse proprietário, ao tomar conhecimento da vinda dos imigrantes a São Paulo, esteve na Casa da Imigração e conseguiu que essas famílias viessem trabalhar em suas terras.

Porque as famílias de italianos vieram do Norte da Itália, da Província de Pádua ou daquela região, tinham em Santo Antônio o seu patrono.

Na Fazenda "Salto Grande", no casarão, aproveitaram um cômodo e lá improvisaram uma pequena capela, onde o padroeiro era venerado. Todas as noites havia rezas e ladainhas, porém, não havia missas, por falta de sacerdote.

Com o passar do tempo, ainda no século passado, foi



Altar da Velha Igreja Matriz de Santo Antônio

construída uma pequena capela em louvor de Santo Antônio. Também a Casa Paroquial, a cerca de trezentos metros da Estação Ferroviária, cuja área foi doação do Capitão Ignácio Correa Pacheco, onde os devotos rezavam e buscavam conforto espiritual.

Porém, com o crescimento do povoado e o progresso da localidade, já conhecida como Villa Americana, a comunidade sentiu a necessidade da criação da Paróquia, onde as pessoas recebessem os sacramentos católicos. Assim, no dia 28 de julho de 1900, por ato do governador do Bispado de São Paulo, o então cônego Manoel Vicente da Silva, foi criada a Freguesia de Santo Antônio de Villa Americana, hoje Paróquia de Santo Antônio.

Na época, a vila era alvo de uma demanda judicial entre as comarcas de Campinas e Piracicaba pela posse de suas terras. Piracicaba reivindicava a incorporação de Villa Americana ao seu território. A demanda demorou alguns anos, prevalecendo os direitos de Campinas, patrocinados pelos advogados Antônio Álvares Lobo (que era presidente da Câmara Estadual dos Deputados) e José Manoel Lobo. Em 1904 a Villa de Americana se transformou em Distrito de Paz, até a criação do Município em 12 de novembro de 1924.

O primeiro padre responsável pela Paróquia de Santo Antônio foi o Padre Francisco de Campos Barreto, mais tarde Bispo de Campinas. Em seguida vieram: Padre Miquelângelo Maria de Rosa, Cônego Vito Fabiani, Cônego Antônio Mourato Themuto, Padre João Milta Roma, Padre Serápio Giol, Padre Domingos Cimino, Padre Vicente Rizzo, Padre Victor Randuá, Padre Dario de Moura, Padre Epifânio Estevam, Padre Nazareno Maggi, Padre Antônio Rodrigues de Miranda e Padre Constantino Gardinali.

A VELHA IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO

A Velha Igreja Matriz de Santo Antônio é um símbolo da fé de seu povo, bem como um elo ligando o passado ao futuro dos americanenses. Em torno de sua torre, Americana começou a crescer e se tornou adulta. Ao redor da Velha Igreja Matriz os namorados se encontravam e se casavam, constituindo novas famílias, personagens e testemunhas oculares de nossa história.

No interior da Velha Igreja nossos antepassados encontraram o bálsamo da religiosidade para seus padecimentos, o alento da fé para suas almas, o benefício dos primeiros aos últimos sacramentos da doutrina cristã.

Buscando sua origem, podemos afirmar que, ainda no século passado, a pequena Villa Americana já tinha uma pequena capela em louvor a Santo Antônio, erigida pelos primeiros imigrantes.

Com o progresso da Vila, a população, principalmente os descendentes de italianos, se interessaram pela ampliação da Igreja. Os pedreiros Achilles Zanaga e Fortunato Basseto contaram com a colaboração de toda colônia italiana, que aos sábados e domingos, vinha do sítio para trabalhar na obra de ampliação do templo.

Concluída a reforma, a Igreja se tornou mais confortável, além de embelezada com uma torre, sino e um relógio.

Consta que além das terras, nada foi doado, pois os sinos e o relógio foram comprados pela comunidade católica. A única coisa que nada custou à Igreja foram os trabalhos dos italianos, que traziam, inclusive suas próprias ferramentas.

Como a ampliação era fato consumado, havia necessidade de, não só restaurar o altar-mór, como adequá-lo, dando-lhe, assim, condições e dimensões mais funcionais.

Victório Miente foi o carpinteiro responsável pelos serviços. Teve criatividade ao construir nas laterais, dois nichos, que depois foram utilizados para abrigar as imagens de São Sebastião e Santa Inês, os patronos da juventude. Victório Miente também nada recebeu pelos serviços prestados, procedimento usual, na época quando se fazia alguma coisa pela coletividade.



Velha Matriz de Santo Antônio



Interior da Velha Matriz de Santo Antônio

Com a venda da Fazenda “Salto Grande” para outro proprietário não católico e, considerando que, como já havia um altar na capela da fazenda e outro na Fazenda “Barroca”, os italianos conseguiram que os altares fossem doados para a Velha Igreja Matriz de Santo Antônio. Portanto, os altares laterais na nave principal da igreja também têm história.

Americana, já município emancipado, crescia em população e a Igreja já estava se tornando pequena. Por volta de 1930, o Padre Dario de Moura fez novas ampliações, sendo construídas as capelas laterais.

A última grande reforma que a igreja recebeu foi executada pelo saudoso Monsenhor Maggi, antes do início da construção da nova Igreja Matriz.

A Velha Igreja Matriz de Santo Antônio é um templo legado para a comunidade americanense, que o labor e o suor dos antepassados deixaram para toda a coletividade.

Os cânticos da Congregação Mariana, as Filhas de Maria, por ocasião da coroação de Nossa Senhora, no mês de maio; as grandes festas juninas e religiosas em louvor a Santo Antônio, nosso padroeiro; a famosa praça sempre engalanada nos dias de festa, colorida com suas bandeirolas de papel de seda e bambus; as barracas, o repicar dos sinos e a alvorada barulhenta dos fogos; a Banda Municipal pelas ruas da cidade, anunciando um domingo diferente, a grandiosa procissão de Santo Antônio. Na igreja, as rezas de todas as noites, a vigília da quinta-feira santa, os casamentos, os batizados, a crisma...

A Velha Igreja Matriz de Santo Antônio representa a tradição do povo americanense e é um marco na sua história.



Velha Matriz de Santo Antônio

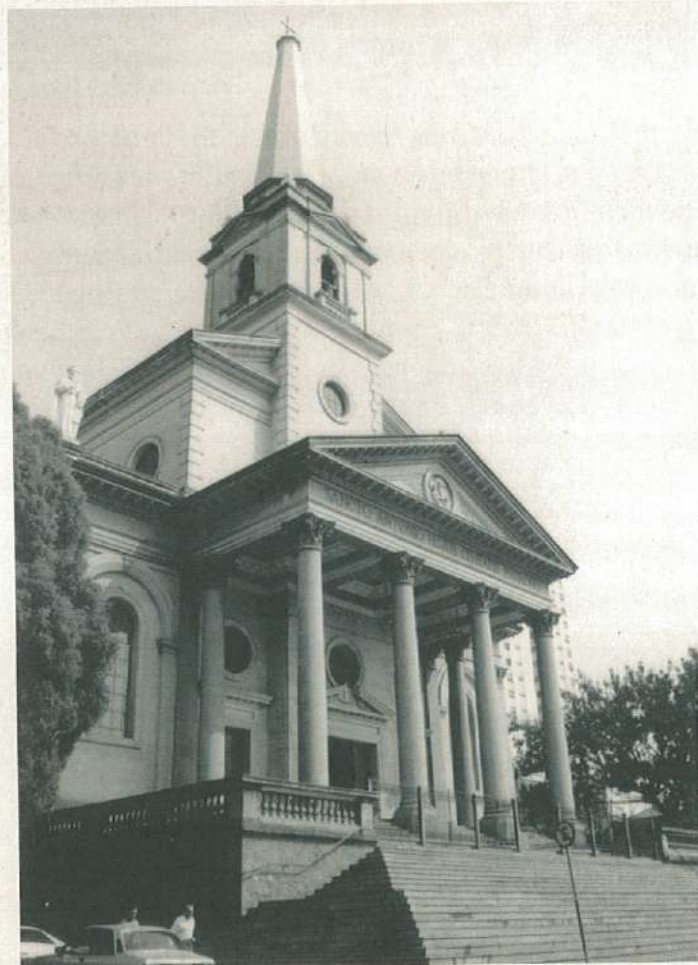


Velha Matriz de Santo Antônio, década de 30

A NOVA IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO

No final da década de 40, com o crescimento de Americana, a Velha Matriz de Santo Antônio tornou-se pequena para abrigar os fiéis. Na ocasião das comemorações em homenagem ao padroeiro da cidade, quando o povo afluía em massa para o pequeno templo, geralmente, o altar era transferido para a porta da igreja e, assim era feita uma missa campal para que todos pudessem participar.

Por isso, a comunidade católica americanense sentiu a



Matriz de Santo Antônio

necessidade de construção de um novo templo, bem maior e que abrigasse a todos que para lá convergiam.

O Padre Epifânio Estevam, quando pároco da Igreja, (de 1932 a 1940) já havia concebido um projeto. Porém quando seu sucessor, Padre Nazareno Maggi (depois Monsenhor) chegou em Americana, verificou que aquele plano era inviável, isto é, beneficiaria apenas uma necessidade do momento. De espírito dinâmico e visão de futuro, o saudoso Monsenhor Maggi idealizou, então, a nova Igreja Matriz de Santo Antônio, que houvera sido, primeiramente, o sonho do benemérito Onofre Boer. A pedra fundamental foi lançada a 13 de junho de 1950, o dia consagrado, anualmente, ao padroeiro.

Iniciou-se, então, a construção da Nova Matriz, com o trabalho de muitos e a ajuda de todos. Quando, no dia 22 de abril de 1972, faleceu em nossa cidade Monsenhor Maggi, a Igreja já estava com suas obras em fase de acabamento.

Para detalhar o plano idealizado pelo Padre Maggi, foi contratado o Engenheiro Lix da Cunha, de Campinas. Em certos momentos, a própria comissão chegou a vacilar. Foi quando o engenheiro detalhou o projeto e fez uma previsão de gastos. *“A comissão ficou apavorada, só a estrutura da Igreja consumiria quinhentos e sessenta grandes estacas de concreto”*, relembram algumas pessoas. O mais importante, foi sempre a fé e a coragem do Padre Maggi. Mesmo aconselhado por muitos, ele insistiu.

No ano de 1950 foram desapropriadas várias casas e sobrados da família Faraone, que existiam naquela quadra para iniciar-se a terraplanagem. No ano seguinte foram fincadas as quinhentas e sessenta estacas de concreto e a cidade passou a assistir a construção da importante obra. Aos poucos as grossas paredes, que em alguns lugares tomavam três tijolos, foram crescendo. Em toda a obra foram consumidos três milhões de tijolos.

A construção tem trinta metros de largura, por oitenta metros de comprimento, a cúpula, a torre e as naves laterais. A nave central da Igreja tem vinte e dois metros de altura e a cúpula, quarenta e dois metros.

Para sustentar essa cúpula foram levantadas quatro colunas. Em cada uma foram fincadas vinte estacas de concreto com capacidade para sustentar oitocentas toneladas por coluna.

O passo seguinte foi a contratação do pintor Pedro Gentili e seu irmão Ulderico Gentili.

Pedro Gentili começou a trabalhar em 1964 e só parou quatro anos depois, quando morreu vitimado por enfermidade ocasionada pela toxicidade das próprias tintas que usava.

Quem escolhia as imagens bíblicas era o próprio Monsenhor Maggi, pois ele queria que todos os painéis fossem ricos em significados.

A cúpula e os painéis das naves laterais, pintados por Pedro e seu irmão Ulderico, demonstram traços quase fotográficos e pinceladas que reforçam as expressões dos personagens.

A grande imagem de Santo Antônio, medindo 4,10 metros foi instalada em 1962. Os vitrais são feitos por artistas, seguindo as imagens bíblicas, já selecionadas pelo Monsenhor Maggi - a pintura é feita em vidros importados da Alemanha e cozidos no fogo.

Hoje, com o processo de urbanização pelo qual passa a região, uma das características deste processo é a descentralização, inclusive das atividades religiosas, com a criação de várias paróquias nos bairros de Americana. A nova Igreja Matriz de Santo Antônio é freqüentada não só pelos fiéis do centro da cidade, como de todos os que professam a religião católica.

A sua construção foi um ato de ousadia da comunidade americanense e sua importância está, sobretudo, no ato de fé que representa.

A nova Matriz é um ponto turístico, pela sua exuberância arquitetônica, além de ser um marco de tradição religiosa do povo americanense.



Matriz de Santo Antônio

A IGREJA PRESBITERIANA

O desembarque dos norte-americanos na estação local, em busca de um novo lar, trouxe o nome de "*Estação dos Americanos*", depois "*Estação da Villa Americana*" e posteriormente "*Americana*".

As raízes da Igreja Presbiteriana de Americana e da cidade de Americana estão historicamente entrelaçadas.

Dentre os filhos dos emigrados americanos destaca-se Charles Hall pela sua participação na história da Congregação Presbiteriana. Casou-se com a senhora Mary Elisabeth Müller Hall em 1873, com a qual teve filhos, e aqui se estabeleceram como proprietários, adquirindo ainda terras no município de Santa Bárbara, a fazenda São Luiz. Mais tarde construiu uma bela casa onde é hoje o Colégio D. Pedro II e que foi vendida ao senhor Flávio Lopes e D. Delmira de Oliveira Lopes. Neste local a professora estabeleceu a sua famosa Escola Santa Maria.

Foi Charles Hall quem doou o terreno para a edificação do primeiro Templo Presbiteriano, em 1894, e que foi inaugurado em 12 de junho de 1895, tendo os Reverendos Álvaro Reis e J. Smith dirigido a cerimônia de abertura dos trabalhos religiosos. Seu nome é lembrado até hoje, tal o seu empenho na construção desse edifício, obra do seu zelo, esforço e trabalho.

Devido a insuficiência de espaço foi preciso edificar um segundo templo em 1941, e mais tarde o atual, inaugurado no dia 12 de agosto de 1967, no mesmo local à Rua 7 de setembro, 363, no centro da cidade.

A organização eclesiástica da Igreja Presbiteriana deu-se no dia 17 de agosto de 1947, sob o pastorado do saudoso Rev. Paulo Villon. A partir dessa data a comunidade presbiteriana passou a integrar a comunidade maior do País, a Igreja Presbiteriana do Brasil, IPB.

Para a reforma do templo foram realizadas campanhas e também organizado um "Livro de Ouro" com visitas ao comércio e indústria locais, além da participação do povo em geral, não só da cidade como de localidades vizinhas, resultando este trabalho em uma força para a concretização da obra.

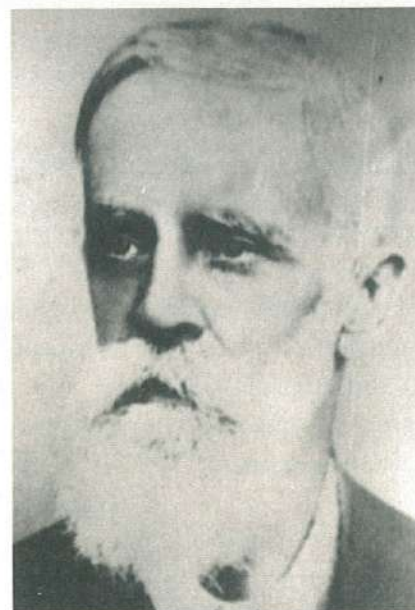
Eis a lista dos pastores que por aqui passaram depois do pastorado do Rev. Paulo Villon: Rev. Nephtals Vieira Jr.; Rev. Milton Othon Albuquerque Leitão; Rev. Osmundo Afonso Miranda; Rev. Antônio Lemos da Silveira; Rev. Cícero Sahlner e os Rev. João Dias de Araújo e Rev. Ailton Gonçalves Dias Filho.

Já se notava entre os habitantes da cidade um espírito de ecumenismo, a despeito de crenças e credos, que levava a população a se unir com o objetivo de construir uma nova Casa de Deus.

O TRABALHO MISSIONÁRIO DAS FILHAS DE MARY ELISABETH E CHARLES HALL

Dando continuidade ao trabalho iniciado por seus pais Mary Elisabeth e Charles Hall, suas filhas se casaram com pastores presbiterianos e foram americanenses dedicadas ao trabalho missionário nos mais diferentes recantos de nosso país.

LUCY HALL E CHARLES MORTON



Charles Hall

Lucy foi a primeira filha a se tornar uma missionária ao se casar, em 1900, com Charles Morton, natural de Charlotte, Virginia EUA.

Charles Morton casou-se com Lucy Hall em Villa Americana. Dirigiram-se a Araguari, Minas Gerais, e mais tarde transferiram-se para Casa Branca, onde Charles contraiu a febre amarela, vindo a falecer. Na ocasião Charles Hall, pai de Lucy, resgatou a filha e a neta em Casa Branca, enfrentando o risco de contrair a moléstia

que assumira caráter de epidemia. O filho de Lucy nasceu logo após, recebendo o nome de Charles Norton II, mas as precárias condições que antecederam seu nascimento determinaram sua débil condição de saúde. Lucy empenhou-se em assistir o filho e foi aos Estados Unidos em busca de melhores condições de tratamento médico, o que foi em vão, pois seu pequeno filho veio a falecer.

Retornando a Americana auxiliou seus pais, já com idade avançada. Viveu com sua filha em Villa Americana, até a morte destes. Em 1920, quando sua filha Elisabeth foi para o colégio, Lucy reintegrou-se à Missão Leste Brasil e auxiliou o Rev. Robert Daffin, seu cunhado, em Barretos, onde se dizia que ela era imprescindível. Trabalhou também como missionária em Frutal. Foi para os Estados Unidos para o nascimento de sua primeira neta. Retornou ao Brasil, após sete anos nos Estados Unidos, para trabalho missionário em Belo Horizonte. Viveu alguns anos em Jaboticabal, auxiliando o pastor Milton Daugherty e dedicando-se ao ensino do Inglês.

Retornou aos Estados Unidos com a saúde bastante comprometida. Faleceu em Sanford, Carolina do Norte, em 1956. Foi sepultada ao lado de seu pequeno filho, no Cemitério Confederado de Friederickburg, Virgínia.

ROBERTA HALL E ROBERT DAFFIN

Roberta casou-se com Robert Daffin em 1906. Dirigiram-se para Araguari, M.G., para iniciar, juntos, sua vida missionária. Robert viajava por semanas para pregação evangélica e Roberta desenvolvia atividades educativas junto aos jovens. Auxiliou um jovem a se tornar ministro evangélico e mais tarde, professor do Seminário.

Seus filhos Carrie e Charles nasceram em casa de seus pais na Villa Americana em 1907 e 1908, respectivamente.

Os Daffin residiram também em Itu, S. P., em 1909. Aí nasceu Robert Daffin III.

Em 1911, a família foi residir nos EUA. Roberta iria conhecer nessa ocasião, a terra de seus pais.

Regressando ao Brasil, anos depois estabeleceram residência

em Itapetininga e depois em São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. Nessa localidade Roberta ensinou um jovem a tocar órgão e este, mais tarde, veio a ser ministro evangélico.

Em 1922, Robert tornou-se professor do Seminário Presbiteriano de Campinas onde iniciou um movimento chamado "Amigos do Seminário". Em 1925 transferiram-se para Barretos.

Em 1929, devido a precária saúde de Robert, depois de vinte e cinco anos dedicados ao serviço religioso, retornaram aos Estados Unidos onde foram viver em Ripley, Mississippi. Robert faleceu em Ripley em 1960 e Roberta em 1976. Seus filhos continuam a vida de testemunho cristão dos pais.

SADIE HALL E JAMES PORTER SMITH

Após seu casamento, em 1909, Sadie Hall e James Porter Smith foram viver em Campinas.

Em 1911, James Porter Smith substituiu Robert Daffin em Itú. Seu campo missionário era vasto, abrangendo o município de



Casa de Charles Hall, atual Escola D. Pedro II, rua Heitor Penteado

Juquiá, próximo ao litoral paulista.

Em 1918, James substituiu seu pai no cargo de professor de História, Filosofia e Interpretação do Novo Testamento, no Seminário de Campinas. Trabalhou neste Seminário até 1930. Nesse período tinha um amplo campo de missão incluindo Juquiá e o Cemitério do Campo, em Santa Bárbara d'Oeste, onde pregava uma vez por mês.

Sadie, nesse período, organizou sua casa como um local de reunião de jovens e uma enfermaria para atender aos doentes. Os missionários viviam em sua casa enquanto aprendiam português ou quando precisavam de cuidados médicos.

Ensinou Inglês e outras matérias que não eram ensinadas nas escolas brasileiras, a seus filhos. Organizou o trabalho das mulheres da Igreja Presbiteriana de Campinas e o trabalho dominical em um bairro carente da cidade.

Em 1930, James foi chamado para o cargo de Professor de Teologia no Seminário de Richmond na Virgínia, EUA, onde viveu até 1940. Sadie foi então viver com sua filha Carolin e o marido desta, Bill Ward. Sua principal alegria era ajudar a filha na educação dos netos.

Era amada por estes e contribuiu enormemente para o desenvolvimento mental e espiritual destes. Faleceu em 1972, com 92 anos, em Charlotte, na Carolina do Norte.

MARGARETE HALL E PHILIP LANDES

Filho de missionários presbiterianos, Philip Landes nasceu no Brasil em 1883. Frequentou o colégio Mackenzie em São Paulo, mas se formou no Wooster College em Ohio, EUA, em 1905.

Seguiu a carreira religiosa, tendo cursado o Seminário de Princeton. Sua irmã Pauline estudava Medicina para trabalhar como médica no Brasil, quando adoeceu e morreu inesperadamente. Grandemente comovido por esse fato, Philip decidiu tornar-se médico para exercer o trabalho que sua irmã sonhara. Cursou Medicina por dois anos, mas percebeu que esta não era sua vocação.

Veio para o Brasil em 1912. Em 1915 casou-se com

Margareth Hall. O jovem casal foi designado para o trabalho em Cuiabá, Mato Grosso. Lá havia poucos crentes e o trabalho era difícil. O campo cobria todo o Estado e requeria longas viagens em lombo de cavalos e mulas. Cuiabá era uma primitiva cidade da fronteira. O casal Landes dedicou-se a atender aos doentes em suas enfermidades e com certeza lá ainda se pode encontrar, atualmente, pessoas agradecendo a dedicação que tiveram.

Margareth e Philip viveram também alguns anos nos Estados Unidos, em Massachusetts, mas regressaram ao Brasil onde se dedicaram ao trabalho missionário em Jandira.

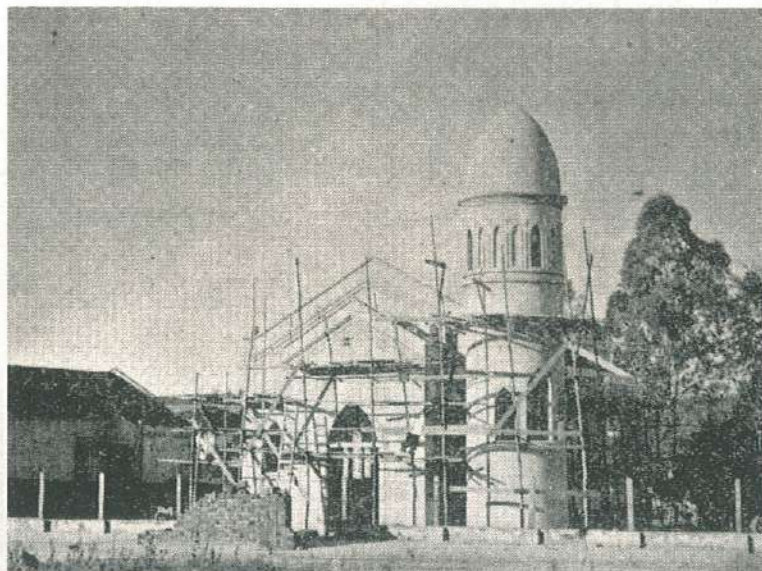
KATE HALL E ALVA HARDIE

Alva Hardie nasceu no Alabama. Frequentou o Departamento Teológico da Universidade Presbiteriana do Sudoeste, em Clarkeville, Tennessee. Veio para o Brasil em 1900. Casou-se com Kate Hall em 1902 e se estabeleceram em São João Del Rei, Minas Gerais, onde Alva desenvolveu trabalho missionário até 1905. Viveram também em Campinas, Descalvado, no Estado de São Paulo; e em Uberlândia, Patrocínio e Araxá no Estado de Minas Gerais.

Foram pioneiros no trabalho evangélico em São Paulo e Minas. A bondade e generosidade do espírito de Kate, aliadas a sua refinada educação e cultura, conquistaram em pouco tempo a afeição do povo das cidades.

Em 1945, Kate e Alva se retiraram do trabalho missionário, após 45 anos dedicados a propagação de sua fé.

Alva morreu em Miami, Flórida, em 1955. Em 1968, Kate reuniu-se ao esposo com o qual vivera uma vida dedicada a fazer com que toda a criatura se tornasse cristã.



Segundo Templo Presbiteriano em reconstrução, 1941



Comunidade Presbiteriana, 1941



Foto do primeiro templo em Americana, 1895

ARQUITETURA E URBANIZAÇÃO



Foto aérea da cidade de Americana, década de 1960

AMERICANA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO

No início do século XX, Americana configurava-se como um vilarejo tradicional do interior paulista, que estabeleceu-se ao redor do núcleo gerado pela estação ferroviária, centralizador da mancha urbana de pequenas dimensões, naquele momento. Este conjunto era composto por um quadrilátero que tinha como base inferior o rio e a ferrovia, que motivaram da abertura da Av. Dr. Antônio Lobo, marco de chegada ao município. Em 1929, esta avenida era cortada por sete ruas transversais, e contava com outras poucas ruas paralelas que subiam o vale no sentido da Matriz Velha. Havia também, três praças em seu arredores: da Matriz, 15 de Novembro, e Basílio Rangel. O entorno imediato da vila era rural, composto de fazendas e sítios produtores de hortaliças, frutas e algodão.

A cidade, entretanto, desenvolve uma característica específica que é a polaridade existente entre o núcleo central e o bairro de Carioba, o que conferia uma dupla centralidade à Americana. Estas duas áreas eram unidas pela Estrada de Carioba, hoje tornada rua, que partia defronte ao largo da Matriz Velha de Santo Antônio, cruzava o ribeirão Quilombo e seguia em paralelo a este até o bairro, que se formava a partir do desenho linear desta estrada, alcançando a península formada pelo rio Piracicaba e o ribeirão Quilombo.

A ORIGEM FABRIL

A Fábrica de Tecidos Carioba deu origem ao bairro de mesmo nome, surgindo simultaneamente ao marco fundador de Americana, a Estação Ferroviária, ambas inauguradas no ano de 1875. Havia já de início, em Carioba, a construção de um poço pelos proprietários Queiroz e Ralston, que alimentava uma roda d'água e gerava energia através do desvio de águas do ribeirão Quilombo por um rego de 500 metros, equipado de uma ou duas turbinas provedoras de algumas centenas de KW. As moradias operárias,

entretanto, só apareceriam depois da venda da firma aos irmãos ingleses Clemente e Jorge Wilmot, ainda que em inexpressivo número e qualidade naquela ocasião.

A família Müller, de origem alemã, assume a tecelagem em janeiro de 1902: haviam arrematado, em leilão, as terras e a fábrica que estivera fechada por seis anos. Vem, assim, instalar-se na chamada Casa Grande, construída pelos ingleses num ponto estratégico de observação da fábrica, a encosta logo acima dos salões que ficavam na parte lindeira ao rio Piracicaba. A residência passa por reformas, tomando feições que nos parecem mais germânicos,



Rua 30 de julho



Avenida Antonio Lobo



Fig.1
Residência de Margarida, filha do Com. Müller



Fig.2
Vista da entrada da Casa Grande, 1993



Fig.3

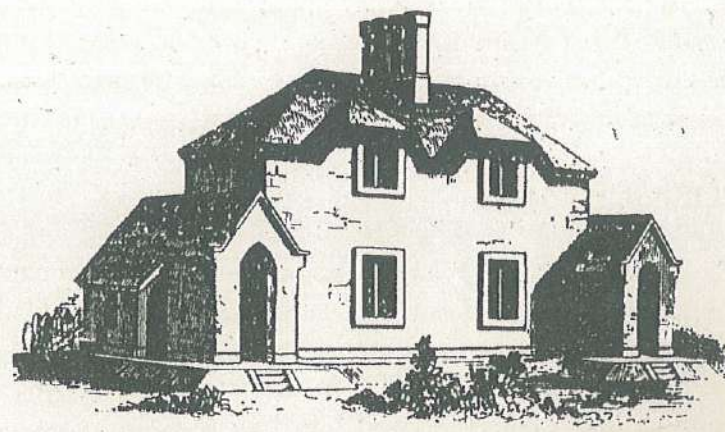


Fig.4

Figuras 3 e 4. Padrões de vilas inglesas, de um manual de 1846. Note-se a semelhança tipológica com as residências patronais de Carioba. Fonte: Benevolo, 1989.

ainda que notemos a permanência de certo grau de correspondência formal com padrões de vilas (casas de campo) inglesas destinadas às classes abastadas, ilustradas a partir de um manual inglês de 1846.

Neste período em que o Brasil, e em especial o Estado de São Paulo, recebiam grandes levas de imigrantes, estas pessoas que aqui aportavam traziam consigo as tradições culturais de seus países. Tal influência está bastante presente em Carioba, tanto na forma de ocupação linear do sítio, quanto na arquitetura das casas e dos salões.

É sob a administração desta família que Carioba conhece seu apogeu, expandindo os negócios, a vila operária e os equipamentos comunitários do lugar, como escola, sociedade mútuosocorro, cooperativa agrícola, clube e cinema, dotando o bairro de uma dinâmica própria que distingüia-o de Americana, beneficiado com asfalto e saneamento das moradias logo no início do século, o que apenas se completou em 1947, no centro urbano.

A DISPERSÃO INDUSTRIAL EM AMERICANA

A II Guerra acarretou conseqüências nefastas para Carioba. A decisão do governo de Getúlio Vargas a favor dos Aliados, trouxe perseguições aos alemães e italianos residentes no Brasil. A posse

da área é transferida à família Abdalla em 1945, iniciando-se o período de decadência de Carioba em seu pioneirismo industrial.

Uma década antes já se iniciara o processo de dispersão de pequenas unidades fabris em direção à Americana, que ocupavam primeiramente a rua Carioba, e depois o bairro Cordenonsi, a Vila Rehder e a Conserva, impulsionadas pelo sistema faconista, que consistia, basicamente, numa terceirização de serviços, onde uma firma de maior porte fornecia matéria-prima (fios) para que outra menor completasse sua produção, pagando somente pelo serviço, sendo que a menor não dispunha de suficiente capital de giro para gerar produção própria.

Os faconistas, muitas vezes, contavam apenas com dois ou três teares, e este tipo de instalação industrial adaptava-se facilmente aos pequenos salões subdivididos para várias firmas e anexos em fundos de quintal, sendo esta a origem da disseminação industrial por diversos pontos da cidade. Este tipo de configuração urbana acabou gerando incômodos, com os ruídos dos teares entremeando residências. Entretanto, a pequena indústria foi, por outro lado, o motor do desenvolvimento urbano, deslocando o foco da economia agrária para a industrial.

Os anos 40 chegaram marcando um salto quantitativo na



Fig. 5

Um dos primeiros salões de indústria faconista, à rua Carioba.



Fig. 6

Conjunto de salões que se abrem para um pátio interno em interior de quadra, datado da fase inicial de industrialização, à rua Francisco Manuel

urbanização de Americana, em face do crescimento favorecido pelo advento dos fios artificiais, que barateavam o custo de produção e facilitavam a expansão econômica. Outros fatores ainda potencializaram este processo, como o surgimento da Indústria Nardini, produtora de teares, e principalmente a FIBRA, que associada ao grupo milanês Snia-Viscosa, obteve o *know-how* para a produção de fios de *rayon*. Estas novas empresas ofereciam a possibilidade de se completar o ciclo produtivo têxtil dentro da própria cidade, sem que houvesse a necessidade de recorrer à São Paulo para a compra de equipamentos e matéria-prima.

Neste período a cidade começa a atrair migrantes de outras áreas do estado e do país, advindos especialmente da lavoura em busca de melhores condições no emprego industrial.

AS ALTERAÇÕES URBANAS

O acanhado núcleo urbano tradicional inicia um processo de grande expansão que se estende pelas décadas seguintes, com o surgimento de novos bairros, como o São Manuel, São Vito, Santa Catarina e Vila Jones. No início dos anos 50 a cidade conta com

2.800 edificações no perímetro urbano.

Novos marcos surgem na cidade: clubes, associações beneméritas, igrejas, escolas e hospitais, que são fruto do desenvolvimento econômico, mas também do sentido de comunidade que se estabelece, construídos tanto por esforços populares quanto pela administração pública, que, nesta década, inaugura a sede da Prefeitura (o atual Quartel Militar à R. Washington Luiz) e o Mercado Municipal. Os edifícios fabris já alcançam maior tamanho, ao abrigarem as primeiras firmas de médio e grande porte que vem se instalar no município, (estrangeiras como a Toyobo e a Nishibo, e outras de capital nacional, como a Jacyra e Elizabeth).

Neste quadro, a arquitetura residencial abre um panorama das transformações que estão ocorrendo: destacam-se as vilas para operários construídas por firmas (caso da Toyobo) que denotam a preocupação em alojar os funcionários vindos de outras cidades; e ainda vilas e conjuntos de casas simples de padrão uniforme construídas para aluguel, como o grupo localizado à rua 12 de Novembro, nas proximidades da rua Ipiranga, e outras no São Manuel e Conserva. Estas casas eram construídas nas proximidades das fábricas como investimento, e tirava proveito da forte demanda habitacional que se formava atrelada a expansão industrial.



Fig.7 Casas operárias geminadas, do bairro São Manuel, em seu estado atual



Fig.8 Casas de aluguel rua 12 de Novembro, Vila Jones, 1998

Ao mesmo tempo, destacando-se na paisagem, surgiam as residências das famílias da nova classe em ascensão, os proprietários industriais. Estas, geralmente, eram inspiradas no gosto eclético de estilos do passado, mas já apresentavam alguns elementos modernos.

Os dois casarões da família Duarte, que ocupam cada um uma quadra da rua Rui Barbosa, guardam características de períodos diversos. Primeiramente notamos certa tendência ao estilo

Neoclássico, que assemelha-se também às sedes de fazendas sulistas do EUA, rodeadas por jardins, com seu volume simétrico destacando, através de colunas, a entrada principal de pé direito duplo. Por outro lado, já não há rebuscamento de formas, com pilares de seção quadrada e sem capitéis, e janelas largas, emolduradas apenas com um contorno reto, e não com cornijas. Evitando estes elementos decorativos, demonstra-se uma concepção mais próxima do moderno, que só é novamente contrariada pelo desenho arabescado dos gradis.



Fig.9 Sobrado família Najar,
rua 12 de novembro, foto atual

Já o sobrado da família Najar situado à rua 12 de Novembro fora construído uma década antes, e rende-se ao estilo *Art Nouveau*, precursor do modernismo. O edifício de menores proporções é limitado pelo lote de esquina, havendo somente estreitos recuos laterais, e seus elementos preponderantes são: a recusa à simetria do corpo principal, que é ritmado pelos recortes e projeções que se destacam com seus cantos arredondados; a utilização de motivos estilísticos em seus vitrais coloridos, nos gradis, nos capitéis das colunas e nos balaústres dos balcões; os tons frios, pálidos de sua pintura.

A modernidade na arquitetura só chega à Americana com a

construção dos edifícios altos, que abrigavam lojas no pavimento térreo, escritórios de serviços nos primeiros pavimentos (sobrelajes), e apartamentos nos andares superiores. Os primeiros prédios da cidade são grandes exemplos deste pensamento moderno, em sua distribuição funcional e em seu desenho padronizado, que faz uso de elementos recorrentes à arquitetura moderna brasileira, como quebra-sóis, cobogós, pilotis e a utilização de materiais vernaculares como revestimentos cerâmicos e de pedra: o Edifício Abdo Najar e o Rosa Coronelli, à rua 7 de Setembro, e o Edifício Amina Najar e o Santo Antônio, à rua Fernando Camargo.

Neste momento, o processo de urbanização e construção da cidade já está definido em sincronia com a industrialização, e tanto os elementos marcantes da paisagem quanto a distribuição espacial da cidade já esboçam a forma que conhecemos hoje.



Fig.10 Casarão da família Duarte
rua Rui Barbosa, foto atual



Fig. 1 Edifício Abdo Najar, com seus quebra-sóis (brises)



Fig. 12 Em primeiro plano, o Edifício Rosa Coronelli, com sua fachada de tijolos cerâmicos, e ao lado, o Edifício Amina Najar, com seus pavimentos inferiores diferenciados para ocupação comercial e de serviços, e logo acima a torre de apartamentos. Ambos os térreos em forma de galeria. Datados da década de 60



Fig. 13 Edifícios Santo Antônio e Americana, dois blocos com planta em "L". Destaque para a fachada com cobogós, e para os pilotis, que liberam o térreo. 1998

Residências - Vila Redher - Construções da década de 40



Esquina rua 7 de Setembro e Álvaro Ribeiro



Rua Major Rehder esquina com rua 7 de Setembro



Rua Ipiranga



Rua Álvaro Ribeiro esquina com rua Ipiranga



Rua Major Rehder esquina Cândido Cruz



Rua Major Rehder



Antigo Paço Municipal - rua Washington Luiz



Fachada da residência da família Faraone - rua 30 de julho esquina com Vieira Bueno

ESTAÇÕES



Armazém da Estrada de Ferro de Villa Americana, início do século XX

ESTAÇÕES

As estações ferroviárias, lugar de parada ou pausa em uma localidade, eram construídas geralmente em terreno central, sem a exigência de um traçado previamente designado, em torno do qual a população se concentrava.

O “esperar o trem”, principalmente para os mais jovens, se transformava não só num divertimento, numa curiosidade, como também numa função social, através dos contatos entre as pessoas e a expectativa das notícias trazidas pelos jornais da Capital.

As ferrovias se apresentam como um marco histórico importante na vida de qualquer cidade. A faixa urbana muitas vezes apresenta problemas na sua expansão, pela passagem dos trilhos, impedindo o crescimento em determinadas áreas.

Uma Estação é quase sempre geradora de desenvolvimento e progresso e não poderia ser diferente com relação à nossa cidade, Americana.

Dois fatos de grande importância fazem parte da fundação de Americana: a Guerra da Secessão nos Estados Unidos e a expansão da cultura do café pelo interior do Estado de São Paulo.

Com isso, mudanças começaram a ocorrer não só na região, como também, em nossa cidade.

Em razão dessas mudanças, a necessidade de escoar os produtos agrícolas e considerando o espírito empreendedor dos paulistas, estabeleceu-se uma sociedade por ações, reunindo o capital necessário para a construção da estrada de ferro, pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, cujo trecho de Campinas a Rio Claro seguia pelo vale do Quilombo, chegando até à Fazenda Machadinho.

A construção da estrada trouxe para a região muitos trabalhadores, em sua maioria imigrantes portugueses, sendo a administração da Estação, capital investido, as máquinas e trilhos de origem inglesa dos fazendeiros de café das regiões de Rio Claro e Limeira.

Surge, então, a primeira Estação, que passa a ser conhecida como Estação de Santa Bárbara, inaugurada em 1875 com a participação de representantes da Câmara e da sociedade de Santa

Bárbara, vindos para recepcionar o Imperador D. Pedro II e a comitiva real, presentes a essa solenidade.

O loteamento da terra próxima à Estação, pertencente a Basílio Bueno Rangel, atraiu muitos moradores e comerciantes das cidades vizinhas, aumentando a distribuição e consumo dos produtos agrícolas.

Mais tarde, em 1899, devido ao enorme progresso que a Vila apresentava, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro precisou construir um grande armazém nas proximidades de suas oficinas para atender à exportação das melancias (cultura largamente cultivada pelos imigrantes americanos) para outras localidades.

O intenso comércio realizado pelos imigrantes americanos considerou a vila como Villa dos Americanos, passando em 1900 a Villa Americana pela própria Cia Paulista de Estradas de Ferro.

Somados os esforços de todos, a construção da Estação deu início a esta cidade de Americana, inquestionável modelo de trabalho e progresso para o Estado de São Paulo, com o “barulho” de seus teares.



Estação Ferroviária de Villa Americana - embarque de melancias, início do século XX

A ferrovia que outrora foi a principal geradora de desenvolvimento das cidades, tornou-se, hoje, um transporte ultrapassado pelo descaso de nossos governos, pelo pouco interesse da própria população em fazer uso das mesmas, um problema agravado pela falta de manutenção, pelos trens lentos e sem o mínimo de conforto que fazem com que um percurso que poderia ser em poucos minutos, leve horas.

Num país como o nosso onde as distâncias são consideráveis, deveríamos pensar muito sobre esse problema e tomar como exemplo outros países que apresentam trens velozes e confortáveis, a preços módicos. As rodovias não estão suportando o fluxo diário de veículos; as estradas cada vez mais perigosas sugerem que o governo retome imediatamente a viabilidade de dar ao povo um transporte seguro, rápido e eficiente se apresentando como mais uma alternativa de locomoção.



Estação Ferroviária - fachada, 1994



Estação Ferroviária - plataforma de embarque, 1996

MERCADO MUNICIPAL

Escreveu um leitor, em 19 de julho de 1959, data da inauguração: *"Americana sentese orgulhosa com a inauguração do seu Mercado Municipal, um problema a menos que a cidade moderna e progressista tem, enriquecendo o seu patrimônio e a facilidade de compras para as donas de casa".*

Passados quase 40 anos, essas facilidades foram substituídas pelas redes de supermercados, varejões, mais modernos e completos em suas ofertas, pois a complexidade da vida moderna assim exige.

No entanto, com todas essas mudanças, os mercados das cidades permanecem como o local de compras e encontro de pessoas que procuram, junto com o atendimento dessas necessidades, um relacionamento pessoal que está se perdendo com a modernização.

Em nossa cidade o Mercado foi construído naquele local por tradição, pois aos domingos ali era realizado uma feira.

O local era próximo da Estação Ferroviária, onde se concentravam os pontos de taxi e charretes, isto é, um local central. Iniciaram-se as obras do Mercado. Os feirantes foram acompanhando a construção da obra, mas apreensivos sobre o que poderia ocorrer com eles quando ela ficasse pronta.

Num domingo de julho de 1959, após breve discurso do prefeito Sr. Abraham Abraham, os feirantes foram convidados a entrar e montar suas bancas dentro da tão esperada construção.

Segundo relato de Dona Maria Hirose, antiga proprietária: *"Havia tanto freguês naquele dia, que falaram que um padre passou benzendo as bancas e eu nem vi!"*

No dia seguinte foram procurados por funcionários da Prefeitura para decidir se ficavam definitivamente no local.

Esses foram momentos importantes, pois envolveu uma tomada de decisão por futuras famílias proprietárias, que viam naquele investimento uma possibilidade efetiva e segura de trabalho, e quem sabe, uma herança que deixariam para seus filhos.

Muitos decidiram ficar no local e muitos outros desistiram, mas os que permaneceram ficaram ligados como se fosse uma grande família.

Relembram: *"Quantas lembranças e aprendizados nas tardes em que fazíamos uma salada coletiva, onde cada um contribuía de alguma maneira, (quando aprendemos com os japoneses a usar o 'Shoyo' na alimentação) e onde as conversas corriam e os problemas ficavam esquecidos."*

E onde estarão hoje essas pessoas?

Alguns em Americana ainda, como o Jacó, que começou ainda menino trabalhando para o Inácio Amádio, seu tio, os Castellani, os Miletta, o mineiro de Andradas, que vendia vinho, o seu Augusto, a Tereza Bordon, a Heidi, o Sr. Henrique Mantovani, que tinha a ajuda do Carlos, o "Vermelho", (que depois de formado piloto quando vinha para Americana sobrevoava o Mercado para avisar sua chegada), a dona Sissi, o Calabrês, o seu Antônio Barão, o Rasmussen peixeiro, o seu Michel e a dona Francisca, (que vinham de ônibus de Campinas e traziam em sacolas queijos italianos e salames), o seu Agenor, o Nakamoto; o seu Antônio italiano; o seu Gabriel na limpeza; o Nei Riedo, "guarda livros"; juntamente com o Ivan Frezzarin, seu auxiliar; o armazém dos Martins, o açougue da família do Célio Boraschi e de Henrique Montezel e enfim, tantos outros que não nos ocorre no momento.



Mercado Municipal, década de 1960

E como está o mercado hoje?

É o ponto de encontro das pessoas nos bares da ala externa, para o famoso pastel e cafezinho, sucessores do bar da Nair; os açougues, com suas filas intermináveis nos fins de semana; uma banca com produtos do Norte e de perfumados temperos; artigos de pesca, artigos esportivos, bolacharia, vasos, artesanato e floricultura.

Entre tantas pessoas que trabalharam no Mercado permanecem a frente de suas bancas há quase quarenta anos: dona Luiza Padovani, que começou junto ao esposo José Padovani no

ramo de verduras e frutas e hoje comercializa produtos veterinários e agropecuários; e dona Angelina Italiana que, nas suas idas e vindas para a Itália, sempre reserva um tempo para a sua banca, agora com seus filhos.

Apesar de tudo, o nosso mercado e os mercados de outras cidade resistem ao tempo. Talvez pelo dinamismo que apresentam no carregar e descarregar de mercadorias, nas frutas, nas flores, no cheiro dos temperos, no vai-e-vem de pessoas e num desejo que tudo parasse no tempo e essa magia se perpetuasse.



Mercado Municipal, 1998

EDUCAÇÃO, CULTURA E SAÚDE



Escola de Carioba, 1928

AS ESCOLAS DE AMERICANA

A educação das novas gerações e o estabelecimento de escolas, constituiu sempre uma das principais preocupações dos grupos de imigrantes que para cá se dirigiram a partir de 1867.

Os americanos fundaram classes em suas fazendas e trouxeram professores para ensinar seus filhos. Muitas filhas dessas famílias americanas se dedicaram ao Magistério e tiveram importante papel na reformulação do sistema educacional brasileiro, após a Proclamação da República.

O empenho educacional caracterizou os diferentes grupos. Em depoimentos de antigos professores da cidade recolhemos informações sobre a dedicação da filha do segundo proprietário da Fábrica Carioba, o inglês Jorge Wilmot em alfabetizar os filhos dos empregados. Tal iniciativa ocorreu na década de 1880. Na Fazenda Salto Grande formou-se uma classe para ensinar aos filhos dos colonos italianos, já em 1890, sendo professor o Sr. Scarazatto, professor em seu país de origem.

O livro "Il Brasile e Gli Italiane", editado em 1906, menciona uma escola italiana de Carioba, em 1904, com cinquenta alunos, cujo professor era Caetano Greppi.

O início do século e a mudança do nome da localidade de Villa da Estação para Villa Americana marca um período de rápido desenvolvimento e novas iniciativas na área educacional.

Em Carioba, já sob a administração do Comendador Franz Müller, a partir de 1902, são formadas várias classes em barracões improvisados. Em 1909 é inaugurada a primeira escola do bairro com residência anexa para a professora.

Um histórico do desenvolvimento da escola de Carioba, relata o tratamento dispensado pelo comendador Müller aos professores em sua árdua missão no Magistério, com sua operosa e incansável luta em prol da instrução.

O decreto de 10 de julho de 1921 cria as Escolas Reunidas de Carioba. Os Irmãos Müller constróem, então, um amplo, moderno e confortável edifício para a escola. A partir de 1932 esta escola passa a denominar-se Escola Comendador Müller, em justa



Carioba - Grupo Escolar

homenagem a seu grande incentivador. Em 1934 a Fábrica de Carioba constrói, anexo à Escola, o gabinete dentário para atender aos alunos, sob a responsabilidade do Dr. Teófilo de Camargo.

Paralelamente, na Villa Americana, inúmeras Escolas Isoladas são organizadas. Estas passam a ser conhecidas pelo nome de seus professores titulares. Destacaram-se a do professor Inácio Dias Leme, na rua Vieira Bueno; a do professor Otávio Arruda, na rua 12 de novembro; a do professor Silvino José de Oliveira, na Av. Dr. Antônio Lobo; a do professor João Solidário Pedroso, na rua 7 de setembro; a escola da professora Delmira de Oliveira Lopes, na rua Heitor Penteado (atual Escola D. Pedro II) e ainda, a da professora Risoleta Lopes Aranha.

As Escolas Isoladas de Americana são reunidas em um só



Grupo Escolar "Dr. Heitor Penteado" - década de 1960

prédio, localizado na Av. Antônio Lobo. Em 1931, sob a administração do prefeito Antônio Zanaga é inaugurado o primeiro Grupo Escolar da cidade, o "Heitor Penteado" no prédio que abriga atualmente a Biblioteca Municipal e o Museu de Arte Contemporânea, na praça Comendador Müller.

Com o contínuo progresso da cidade e o desenvolvimento da indústria de tecelagem, notadamente a partir da década de 50, classes criadas em vários bairros dão origem a novos estabelecimentos escolares no intuito de levar o ensino a todas as crianças do município.

A iniciativa educacional desses grupos pioneiros que se estabeleceram em Americana distinguiu sempre a cidade. Hoje se expressa em uma ampla rede de creches e escolas que abrange todos os bairros visando a educação, das novas gerações para o pleno desempenho da cidadania.

Pela lei nº 613 de 2 de janeiro de 1950, foi criado o primeiro Ginásio Estadual de Americana, que começaria a funcionar efetivamente no dia 1 de março do mesmo ano, com as quatro séries iniciais. A portaria do M.E.C. só foi expedida em 8 de maio de

1950, tendo como seu primeiro Diretor o professor Ítalo Serafino. Mais tarde, o cargo foi preenchido pelo professor Procópio Augusto Ferreira (primeiro diretor efetivo) em princípios de 1951. Em julho do mesmo ano, assumia a direção da Escola a professora Dra. Aparecida Paioli.

Em 3 de janeiro de 1954, o Ginásio é transformado em Colégio Estadual e Escola Normal de Americana.

Em 24 de maio de 1960 passa a ser Instituto de Educação, e em 27 de novembro de 1963, através de trabalho intenso da Dra. Paioli, torna-se Instituto de Educação "Presidente Kennedy" em homenagem póstuma a John F. Kennedy, presidente dos Estados Unidos assassinado em Dallas, Texas.

Em 12 de setembro de 1975 passa a denominar-se Escola Estadual de 1º e 2º graus "Presidente Kennedy".

O Instituto de Educação Presidente Kennedy notabilizou-se pela excelência de seu ensino, pela disciplina, sendo considerado um estabelecimento de excelente nível escolar, em todo o Estado de São Paulo.



Professor Silvino José de Oliveira e Professora Olympia Barth de Oliveira

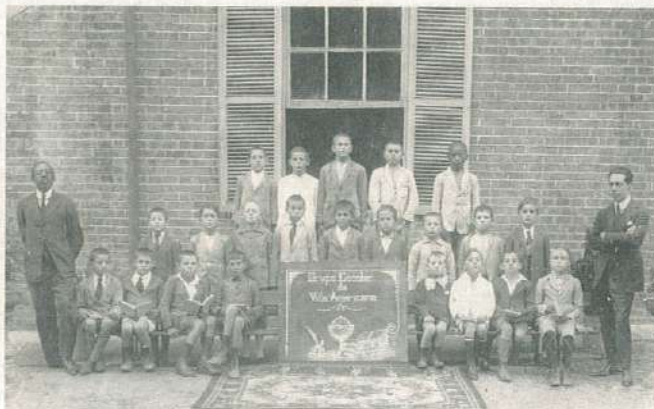
Com as transformações estruturais impostas pela rede física, deixou o nome Kennedy, para tornar-se Heitor Penteado, prevalecendo o mais antigo.

A Escola "Heitor Penteado", primeira escola de Americana, foi criada pelo decreto de 22 de janeiro de 1925 e instalada a 1ª de janeiro do mesmo ano, tendo como diretor, o professor Alcindo Soares do Nascimento.

A Escolinha Santa Maria, assim carinhosamente chamada por seus alunos, teve como fundadora, diretora e mestra a figura bondosa de Delmira de Oliveira Lopes, irmã do professor Silvino José de Oliveira e cunhada de Olympia Barth de Oliveira, primeiros professores de Americana.



Grupo Escolar "Dr. Heitor Penteado" - alunos da 2ª série, 1949



Primeiro Grupo Escolar - rua Heitor Penteado atual D. Pedro II



Rua Heitor Penteado - Atual Colégio D. Pedro II



Escola Santa Maria - Professora Delmira de Oliveira Lopes



Primeiros anos da Escola de Carioba - entre 1909 e 1910

OS CINEMAS DE AMERICANA

Americana, que hoje conta com apenas um cinema, o Cine Cacique, contou durante sua trajetória histórica com pelo menos sete salas de exibição de filmes.

Em decorrência da era de modernização tecnológica, o cinema ficou relegado a segundo plano, reduzindo suas casas de exibições.

Procurando resgatar um pouco da história da sétima arte, relembramos alguns fatos que marcaram os áureos tempos, quando o cinema foi sinônimo de romantismo em nossa cidade.

CINE DO POVO

Assim ficou conhecido o primeiro cinema de Americana, inaugurado pelo senhor Salvador Giordano no ano de 1908, na rua Carioba.

CINE CLUBE ERMETI NOVELLI

Em 1911 eram exibidos filmes na sede do Clube Ermeti Novelli, na rua 30 de julho. Como não havia energia elétrica, usava-se o gerador da residência do senhor Fortunato Faraone.

CINE CARIOBA

Em 1912, o Sr. Cármine Feola montou uma máquina cinematográfica que funcionava com motor à gasolina, localizada no casarão na curva da fábrica.

Em 1914 passou a funcionar na sede do Clube Recreativo de Carioba, e suas exibições atendiam aos moradores do bairro e visitantes, além de exibições especiais para a família Müller e convidados.

O primeiro filme sonoro exibido em Carioba foi em 1930 e se chamava "O Rei do Jazz". Durante as primeiras décadas a banda

de música tocava pelas ruas anunciando as exibições. As projeções eram realizadas com intervalo para troca de rolo, pois só existia um projetor. Nessa época colaboravam com o Cine Carioba: Cármine Feola, João Verdegay, Antônio Damiani, Adolfo Garbo e Fernando Araújo, funcionários do cinema; Mário Possenti, Emílio Giordano, Luiz Salvador, transportadores dos filmes; Dante Codognoto e Hermínio Mancini, que confeccionavam as tabuletas de programação; Otávio Schiavoni, bilheteiro; Inácio Schiavoni, operador e Bianca Schiavoni, preparadora de cola para as tabuletas. O Cine Carioba foi demolido pela família Abdalla nos anos 80.

CINE CENTRAL/CINE GLÓRIA

O Cine Teatro Central era propriedade da firma de Primo Piccoli com os genros Cármine Feola, Marino Mantovani e o filho Ivo Piccoli, passando, pouco tempo depois, somente para Cármine Feola.

A *Companhia Clara de La Guardia* marcou a inauguração no dia 6 de abril de 1918. Como era cinema mudô, a tela tinha que ser molhada antes das exibições e essas eram acompanhadas pela Orquestra de Germano Benencase que compunha especialmente para as sessões. As apresentações sempre eram abrilhantadas pelas pianistas Nair Feola e Maria José de Mattos Gobbo.

O primeiro filme sonoro só apareceu em Americana por volta de 1933, com a instalação de um aparelho vitafone. Embora não fosse sonorizado na própria película, ele vinha acompanhado de um disco, que nem sempre coincidia com a projeção, pois o filme vinha com vários cortes.

Por volta de 1930 o filme "*The Big Parade*" (A Grande Parada), que retratava a história da Primeira Grande Guerra Mundial ficou em cartaz no Brasil e em Americana, o qual, era acompanhado nas exibições por colaboradores: Lulu Benencase, Zezinho Sabino, Belmiro Ortolano, Jaime e Aldo Feola entre outros, que faziam a sincronização atrás da tela, com instrumentos musicais, ferros e inúmeros objetos que produziam sons de metralhadoras, canhões, etc...

Somente em 1936 o Teatro Central recebeu o aparelho *movietone* com as películas sonorizadas. Este Cine Teatro funcionou

até o ano de 1941, também, realizados bailes, apresentações líricas e musicais. De Cármine Feola o prédio passou para a família Nardini que, após reformas, reinaugurou-o com o nome de Cine Glória nesse mesmo ano.

CINE BANDEIRANTES

Este cinema tinha uma particularidade incomum: ao invés de poltronas, tinha mesas e cadeiras. A platéia, enquanto assistia os filmes, degustava sanduíches e bebidas refrigerantes.

CINE CACIQUE

Construído em 1952 pela família Duarte, esse prédio funcionou por muitos anos como palco de shows da Rádio Clube, apresentações teatrais, além de filmes, período em que tinha à frente de sua gerência, o senhor Atilio Romano Gallo.

Atualmente é o único cinema de nossa cidade.

CINE COMENDADOR

Em 1962, o prédio de propriedade da família Nardini sofre nova reforma e passa a se chamar Cine Comendador em homenagem a Alfredo Nardini, que recebera a comenda pouco tempo antes.

O filme inaugural foi "Suave é a Noite" com Jennifer Jones e Janson Robards. Este cinema ficou sob a direção do senhor José Canineo. Ali, além de filmes, eram realizadas lutas romanas com apresentações dos lutadores de Americana Joaquim Pupo e Caravieri contra famosos lutadores de São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades. O Teatro Amador também tinha suas apresentações agendadas e era comandado pela Companhia do Professor Ignácio Dias Leme, sob direção do professor Otávio Soares de Arruda.

CINE BRASIL

Inaugurado em 21 de abril de 1960 com o filme "O Rei Salomão e a Rainha de Sabá" era de propriedade do senhor Abdo Najar.

Sob a gerência do senhor Atilio Romano Gallo, esse cinema foi considerado o palácio da região por ter uma capacidade para 1.800 lugares, sendo 1.000 poltronas estofadas e 800 de madeira, além de tela panorâmica medindo 12 X 6 metros. Durante os anos 80 é desapropriado passando a funcionar, após reforma, como Teatro Municipal "Lulu Benencase".

CINE ALTERNATIVO

A cidade contou também, com exibições realizadas durante o final da década de 50 e anos 60 pelo senhor Humberto Pagni que levava seu projetor até as dependências do Hospital São Francisco, Colégio Dom Bosco e também em sua própria casa, onde alegrava as crianças com filmes, seriados e documentários. Foi uma grande tradição na cidade. Na mesma época, durante alguns anos, o Sr. Osvaldo Capozzi, recentemente chegado da capital, reunia os familiares, amigos, vizinhos e quanto se interessassem, em sala de cinema improvisada na garagem de sua residência, situada na rua Fernando de Camargo, para exibição de filmes locados em São Paulo.

Ele relembra que havia um intercâmbio entre ele e o Sr. Humberto Pagni para que um maior número de espectadores pudessem usufruir da oportunidade da exibição dos filmes em máquinas de 16mm.

"EXIBIÇÕES E TELAS"

Panorâmica: projeção normal - filme de 35mm.

Cinemascope: projeção normal só que tela toda - filme 35mm.

Cinerama: tela côncava, impressão de estarmos assistindo a espetáculo teatral - filme 70mm.

Terceira dimensão: só visualização mediante uso de óculos próprio.



Cine Ermeti Novelli



Clube e Cine Carioba



Cines: Central - Glória - Comendador



Cine Brasil - atual Teatro Municipal "Lulu Benencase"



Cine Cacique

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE AMERICANA "PROFESSORA JANDYRA BASSETO PÂNTANO"

Com intuito de criar uma Biblioteca Pública no município de Americana, em 1944, o prefeito Dr. João de Castro Gonçalves institui, através do decreto nº 74 de 09 de maio, uma comissão para efetivar sua instalação. Entretanto, entre 1944 a 1951, apesar da Lei de Criação nº 222 de 19 de maio de 1949, nenhum indício de sua existência foi encontrado.

Após onze anos da formação desta comissão, o prefeito Sr. Jorge Arbix, cria novamente a Biblioteca, agora através de Lei nº 165 de 25 de outubro, e nomeia a primeira bibliotecária do município, a Sra. Maria Aparecida de Ângelo.

Os primeiros registros estatísticos de sua utilização datam de 1956, onde seu acervo era de aproximadamente 600 livros, e a frequência mensal era de uma centena de leitores.

Em 1957, na gestão do prefeito Abraham Abraham, foi firmado o primeiro convênio com o INL - Instituto Nacional do Livro (Lei nº 229 de 11 de fevereiro) que, durante muitos anos, contribuiu para o crescimento do acervo da Biblioteca, enviando doações de livros.

No ano de 1963, a Sra. Maria Aparecida de Ângelo pede exoneração do cargo de bibliotecária. A Biblioteca passa a ser, então, de responsabilidade da Sra. Ursulina Bianco entre os anos de 1964 a 1970. Nessa época, mais precisamente durante o ano de 1965, o projeto intitulado "Biblioteca Volante" também conhecido como "Biblioteca Ambulante" ou "Caravana da Cultura", leva livros aos leitores dos bairros mais afastados do centro da cidade, com a colaboração da União Estudantil Americanense (UEA). Em 1967, o acervo estimado era de 4.000 mil livros.

Após a saída de Ursulina Bianco, a responsabilidade pela Biblioteca ficou a cargo de vários funcionários da Prefeitura. Sem um prédio próprio, a Biblioteca perambula pela cidade, mudando constantemente de endereço. Somente em 1975, embora ainda em local não apropriado, ela se estabelece na rua Washington Luiz, nº 60,

antigo endereço da Câmara Municipal, permanecendo neste local até setembro de 1980. Nesta modesta instalação, com área aproximada de cento e trinta e dois metros quadrados, estantes de madeira, catálogos ultrapassados e livros encaixotados, o prefeito municipal Ralph Biasi nomeia em 1976, após concurso público, Jocely Rodrigues Teixeira para o cargo de bibliotecária. Estimava-se nessa época um acervo de 10.000 livros.

Com a reorganização de todo o acervo, as primeiras estatísticas já apresentavam um considerável crescimento de público usuário. No ano de 1977 mais de 9.000 pessoas consultaram a Biblioteca. Neste ano também, é aprovado pelo prefeito Dr. Waldemar Tebaldi (Decreto nº 946 de 28 de fevereiro de 1977) o primeiro regulamento sobre funcionamento e uso da Biblioteca.

Até setembro de 1980, devido ao intenso movimento de leitores, além do crescimento natural do acervo de materiais bibliográficos, vários estudos foram feitos, por técnicos da prefeitura, visando a transferência da Biblioteca para um edifício mais amplo e com acomodações apropriadas. Somente no dia 28 de setembro deste mesmo ano, pós negociações feitas entre a Prefeitura, na pessoa de Wilson Camargo (diretor do DECET), e a Secretaria de Estado da Educação, proprietária do prédio da antiga



Biblioteca Pública Municipal "Professora Jandyra Basseto Pântano"

Escola Estadual "Dr. Heitor Penteado", a Biblioteca consegue sua transferência para este local.

Mesmo dividindo suas instalações com o MAC - Museu de Arte Contemporânea de Americana, o espaço físico da Biblioteca foi ampliado de cento e trinta e dois metros quadrados para trezentos e quarenta metros quadrados. Com um aumento considerável de público (11.500 usuários no ano), são contratados estagiários remunerados na área de biblioteconomia, visando a complementação do pequeno quadro de funcionários da Biblioteca.

Através do dinamismo de sua administração, várias fórmulas para conquistar novos leitores e associados foram elaboradas. Em 1983, por exemplo, diversas atividades junto ao público infanto-juvenil e as escolas Estaduais foram promovidas fazendo triplicar a frequência para 31.060 leitores por ano.

Com uma população estudantil mais consciente da importância da Biblioteca no contexto social, um abaixo-assinado com mais de 2.200 assinaturas foi encaminhado ao prefeito Carrol Meneghel, reivindicando ampliação do acervo de livros, horário de funcionamento, espaço físico e do quadro de funcionários para melhor atender a classe estudantil e a comunidade em geral.

Em 1985, com promessas de envio de verbas e intercâmbio entre as bibliotecas municipais do Estado de São Paulo, apresentadas pela Secretaria de Estado da Cultura, a Biblioteca firma convênio com o Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo. Forma-se então a Comissão Municipal de Bibliotecas e o projeto "A Criança e a Biblioteca" é desenvolvido com a colaboração da Delegacia de Ensino e alunas do curso de Magistério das Escolas Estaduais do município de Americana.

Localizada numa edificação construída na década de 30 e suportando excesso de peso, o prédio da Biblioteca começa a apresentar sérias rachaduras nas paredes. Alertados por funcionários da Biblioteca, técnicos do setor de engenharia da Prefeitura confirmam o perigo iminente de desabamento. Constatada a gravidade da situação, o prefeito municipal Dr. Waldemar Tebaldi, através da Lei nº 2518 de 12 de julho de 1991, autoriza as reformas necessárias, transferindo o Museu de Arte Contemporânea para o galpão anexo ao edifício principal, e destinando grande parte do

pavimento térreo para colocação do acervo da Biblioteca.

Com o processo de reforma do edifício em andamento, a administração da Biblioteca trabalha para torná-la Divisão do Departamento de Cultura, Esportes e Turismo (DECET). Em 1992, através da Lei nº 2.577 de 23 de abril, a Biblioteca torna-se Divisão, representando um grande avanço para seu desenvolvimento. Neste mesmo ano, em virtude das reformas, o atendimento ao público foi interrompido durante sessenta e sete dias entre os meses de julho a agosto. Grandes investimentos foram registrados no decorrer do ano com aquisições de mobiliários e equipamentos além da ampliação do quadro de funcionários. No dia 18 de setembro desse ano, o prédio totalmente reformado e mobiliado foi entregue à população, registrando nesse ano um público superior a oitenta mil pessoas.

Esta reforma possibilitou a criação de um novo espaço cultural, localizado no pavimento superior da Biblioteca. Neste local, são realizadas exposições periódicas com intuito de divulgar a produção artística e cultural do município e região.

Em 1994 a Biblioteca passou a ser denominada Biblioteca Pública Municipal de Americana "Professora Jandyra Basseto Pântano", através da Lei nº 2.867 por indicação do prefeito Dr. Frederico Polo Müller.

A preocupação constante de melhor atender seus usuários, oferecendo um acervo com qualidade e quantidade, várias campanhas para ampliação e atualização do patrimônio bibliográfico foram desenvolvidas durante o ano de 1995. Resultados extraordinários foram obtidos com a colaboração da indústria, comércio e comunidade em geral.

Em 1996, com a criação do Fundo de Assistência à Cultura, parte do valor arrecadado com cobranças de multas e fotocópias fornecidas pela Biblioteca, foram aplicados em compras de mobiliários, equipamentos e livros.

Atualmente a Biblioteca possui um acervo com mais de 150.000 materiais bibliográficos (entre livros, artigos de revistas, recortes de jornais, folhetos e materiais especiais), detém um cadastro de 30.000 associados e atende anualmente cerca de 180.000 pessoas.



Acervo-infanto-juvenil



Sala de leitura/atividade-infanto-juvenil



Painel Aberto - espaço para exposições

SOCIEDADE MÚTUO SOCORRO "COMENDADOR MÜLLER"

Por volta de 1917, havia no Bairro Carioba, dois grupos teatrais que destinavam a renda de suas apresentações para o tratamento de doentes sem recursos.

Um grupo era denominado "Grêmio Dramático Operário" e outro "União Teatral de Carioba". Como havia no bairro apenas um palco para os ensaios, começaram a surgir desavenças entre os dois para o uso do mesmo e conseqüente apresentação das peças. Um acordo, então, gerou a formação de apenas um grupo que, com a aprovação de todos, passou a chamar-se "Grêmio Dramático Flor da Mocidade". O sr. Olivindo Fonseca foi o conciliador em reunião ocorrida em sua própria residência.

Assinalamos aqui, os nomes dos primeiros sócios que, em número de vinte e quatro, tornaram realidade esse ideal:

Ângelo Baldin, Antônio Polido, Ângelo Amice, Antônio Damiani, Atilio Mancini, Benedicto Gaspi, Camilo Damiani, Carlos Sturari, Elisio Baldin, Ernesto Furini, Elias Baldin, Euclides Fonseca, Fernando Luiz Baldin, Hugo Bregaid, Joaquim Sturari, Jácomo Calheiro, João Müller, João Badia, Manoel Moreno, Olivindo Fonseca, Pedro Binotto, Roberto Mancini, Vito Baldin e Xisto Sávio.

As reuniões se realizavam na residência do Dr. João Scarazzato que, embora não fosse fundador, pertencia ao quadro social.

Com a morte do Comendador Müller em 1920, os operários associados deliberaram alterar o nome da entidade para "Sociedade Mútuo Socorro Comendador Müller", justa homenagem a quem em vida foi amigo e grande incentivador dessa causa.

Seu filho Hermann Müller, comovido com a homenagem, construiu em 1923, a sede própria para a instalação da Sociedade; apesar disso, muitos operários se mostravam céticos com a construção, mas com o seu término ingressaram no quadro associativo.

O primeiro contrato para prestação de serviços foi firmado em 1919 com o "Círculo Italiano Uniti". Hoje, Casa de Saúde Campinas. O primeiro sócio internado neste mesmo ano foi Marcelo Galassi.

Em 1935, a Sociedade firmou contrato com o Instituto Penido Burnier de Campinas, mantendo, também, convênio com os hospitais de Americana.

Com a paralisação da Indústria Carioba, a diretoria transferiu-se para Americana. A última reunião na sede de Carioba, realizou-se em maio de 1984 e a primeira em Americana em sala alugada no Edifício Amina Najar, em julho do mesmo ano.

A diretoria, presidida pelo Sr. Moacir Neves Grillo, contando com o apoio dos demais diretores e todo o quadro social, deu início a construção de moderna sede à Rua Tarquino Benencase, inaugurada na gestão do Sr. Wilson Luiz Santarosa, toda informatizada para agilizar o atendimento aos associados, contando ainda com médicos plantonistas.

Em 1958, em assembléia, foi aprovado o ingresso de pessoas do sexo feminino, pois só as do sexo masculino gozavam desse direito.

No ano de 1970 passou a admitir menores de 14 anos como associados dependentes.

Esta sociedade, de caráter público Municipal e Estadual, está registrada no Conselho Nacional de Assistência Social do Ministério da Educação e também no Ministério de Saúde como proteção materno-infantil.

Todos os diretores exercem suas atividades gratuitamente com muita dedicação, sem esmorecer na luta por uma causa tão nobre: à saúde de seus associados.

Hoje a sociedade é administrada por uma diretoria que, com dinamismo, justiça e acima de tudo, visão administrativa, vem ampliando o atendimento, melhorando os benefícios, mantendo a velha tradição com respeito e compreensão.



Detalhe do antigo portão da sede



Carioba - sede da "Sociedade Mútuo Socorro"



Sede atual da "Sociedade Mútuo Socorro" - rua Tarquino Benencase

CIDADANIA



Páscoa dos italianos no TG 105, foto de 1956

TIRO DE GUERRA 02-045 - AMERICANA

A 11 de janeiro de 1947, conforme fez público o Aditamento nº 51 de 18 de dezembro de 1946 da Inspetoria Regional de Tiros do qual transcreveu-se o seguinte: *"Criação de Tiro de Guerra. O Excelentíssimo Sr. Ministro da Guerra, em Portaria nº 9289, de 26 de novembro de 1946, criou nesta região o TG 105, em Americana, neste Estado (Boletim Interno nº 275 de 02 de novembro, da DT) (Nota 630 IT) (Boletim Interno nº 289, de 14 de dezembro de 1946, da Região Militar)."*

Sua primeira sede localizava-se na Avenida Dr. Antônio Lobo, 45 e permaneceu neste local até 1948. Suas atividades foram iniciadas em 3 de março de 1947, sendo seu primeiro diretor o 2º Tenente R/2 José Paciulli; e Instrutor o 1º Sargento João Monteiro de Magalhães.

Mudou-se para a Praça XV de novembro, 72 (onde atualmente funciona a Telesp/Caixa Econômica Estadual), permanecendo no período de 3 de julho de 1948 até 6 de março de 1955. Finalmente instalou-se em prédio próprio, à praça dos Expedicionários, onde inclusive foi destinada uma sala (Escola Regimental General Cesário), para a instalação de uma classe de ensino primário, para as crianças do bairro, e para alfabetização de adultos e convocados (onde hoje funciona o SOMA - Serviço de Orientação ao Menor de Americana).

Em 1 de abril de 1975, instalou-se definitivamente na rua Florindo Cibir, 1675, Bairro São Domingos, onde permanece até os dias atuais.

Desde sua criação, o Tiro de Guerra tem sido um ponto de apoio ao Município, além de transformar nossos jovens em cidadãos, tem participado de todas as campanhas de auxílio à comunidade: construção da Matriz de Santo Antônio, Hospital Seara, Hospital André Luiz, Campanha do Agasalho, Campanha de Vacinação, Campanha de Vacinação Anti-rábica, Campanha de Combate a Dengue, Campanhas de Apoio as Entidades Assistenciais do município.

A tropa do TG sempre participou da vida cívica da cidade abrilhantando os desfiles e outros eventos. Em 1951, ficou sob sua

responsabilidade a construção do andor de São Sebastião e sua Guarda de Honra durante a procissão em comemoração ao Dia do Padroeiro "Santo Antônio".

Devido ao garbo dos convocados, aliado a disciplina, o TG foi elogiado por todas as autoridades eclesiásticas e civis.

No início, os atiradores eram preparados para a primeira comunhão pelas Irmãs Missionárias de Campinas, sendo a cerimônia religiosa realizada na Sede do TG. A 23 de setembro de 1950 foi criado no TG, o "Núcleo da União Católica dos Militares" em solenidade que teve como paraninfo Antônio Zanaga (industrial e Prefeito Municipal) e oficializada pelo Capitão Capelão Padre João Pheneu Silva e pelo Capelão Monsenhor João Lopes de Almeida.

O Rio Branco Esporte Clube sempre colaborou com o TG cedendo, nos primeiros anos, o Salão de Festas para a realização das solenidades militares, cívicas e bailes de formaturas.

O Tiro de Guerra está diretamente subordinado ao Comando Militar do Sudeste, cumprindo as orientações de instrução determinadas pelo Comando de Operações Terrestres do Ministério do Exército, com a missão de Defesa Territorial. O recrutamento é



Antiga sede do Tiro de Guerra - 1950

feito entre os jovens alistados no município-sede, obedecendo as regras de seleção estabelecidas pela Diretoria do Serviço Militar no sentido de que sejam matriculados aqueles que representem a melhor classe convocada para o Serviço Militar.

O Tiro de Guerra em Americana, desde sua criação, vem educando, orientando, instruindo nossos jovens e, acima de tudo, ensinando-lhes o respeito, lealdade, moral, civismo e patriotismo, transformando nossos jovens em homens para o amanhã. Dentre tantas atividades e deveres, a lembrança se faz presente na memória dos antigos atiradores e instrutores que tanto contribuíram para o desenvolvimento social do município. Essas pessoas foram imortalizadas nas páginas da nossa história.

O Tiro de Guerra oferece vantagens em relação aos soldados das organizações militares da ativa visto que, os atiradores não precisam interromper atividades civis (emprego e estudos) em razão da flexibilidade de horários. Depois de cinquenta anos, mais de doze mil jovens passaram pelo Tiro de Guerra, tornando-se cidadãos valorosos da comunidade americanense.

Hoje, além da instrução militar, o Tiro de Guerra cumpre um vasto programa de palestras e de atividades que desenvolvem a

formação do cidadão, incluindo informações que são obtidas na escola ou em cursos especializados, favorecendo a formação do caráter e da personalidade.

O Tiro de Guerra 02-045, que hoje tem como Instrutor Chefe o 1º Sargento Aldo Renato Pfeifer; Diretor, o Prefeito Municipal; e os Instrutores: 1º Sargento Infantaria Nivaldo Zacarias Lobo Montão, 1º Sargento Artilharia José Cláudio Martins Teixeira e o 1º Sargento Infantaria Quintanilha da Silva, tem obtido em seus trabalhos resultados excepcionais.

O Tiro de Guerra é destaque regional e nacional pelas missões cumpridas exemplarmente, executando as determinações da Força Terrestre e pelas atividades comunitárias desenvolvidas junto a Prefeitura Municipal de Americana.



Primeiros atiradores de Americana - Serviço Militar em Campinas



Execução do Hino Nacional Brasileiro, 1952

BACIA HIDROGRÁFICA DO PIRACICABA: PRINCIPAIS RIOS



Vista do rio Atibaia na Fazenda Salto Grande, década de 40

BACIA HIDROGRÁFICA DO PIRACICABA: PRINCIPAIS RIOS

BACIA HIDROGRÁFICA: UNIDADE NATURAL E SÓCIO-ECONÔMICA-POLÍTICA

A Região Metropolitana de Campinas, na qual se integra o município de Americana, está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Piracicaba.

A Bacia Hidrográfica é uma unidade natural que corresponde à extensão de terras onde todas as águas das chuvas e dos rios correm em direção a um rio principal. A direção que as águas percorrem depende do relevo e do tipo de rochas. As águas escavam seus vales, sendo que num terreno de rochas mais rígidas, há mais meandros e em rochas mais tenras são naturalmente retificados. O rio principal se encontra no centro da bacia, para onde tendem a correr todas as águas que drenam os terrenos. Assim, as águas que correm na área da chácara Jones em Americana, por exemplo, formam um canal que é o córrego do Pyles e este deságua no ribeirão Quilombo. Este ribeirão deságua no rio Piracicaba, que deságua no Tietê, que despeja no rio Paraná. O rio Paraná, juntamente com os rios Paraguai e Uruguai formam o rio do Prata, até essas águas chegarem no oceano Atlântico. Existem bacias hidrográficas de várias grandezas. A do córrego do Pyles, por exemplo, é uma micro-bacia que integra uma bacia um pouco mais extensa, a do Quilombo, que sua vez integra uma ainda maior que é a do Piracicaba, a qual pode até ser chamada de sub-bacia do Tietê e assim por diante. Neste exemplo citado identificamos cinco grandezas diferentes: desde a micro-bacia do córrego do Pyles, até a bacia do Prata.

A separação em micro-bacias, sub-bacias e bacias hidrográficas é um critério técnico. Porém, esses critérios de divisão de espaço são muito úteis para qualquer pessoa compreender os conflitos e os interesses em jogo, uma vez que todo espaço ocupado e produzido pela sociedade segue os cursos dos rios e a água é um recurso natural do qual depende a vida.

Numa casa, as pessoas necessitam de água para beber, para

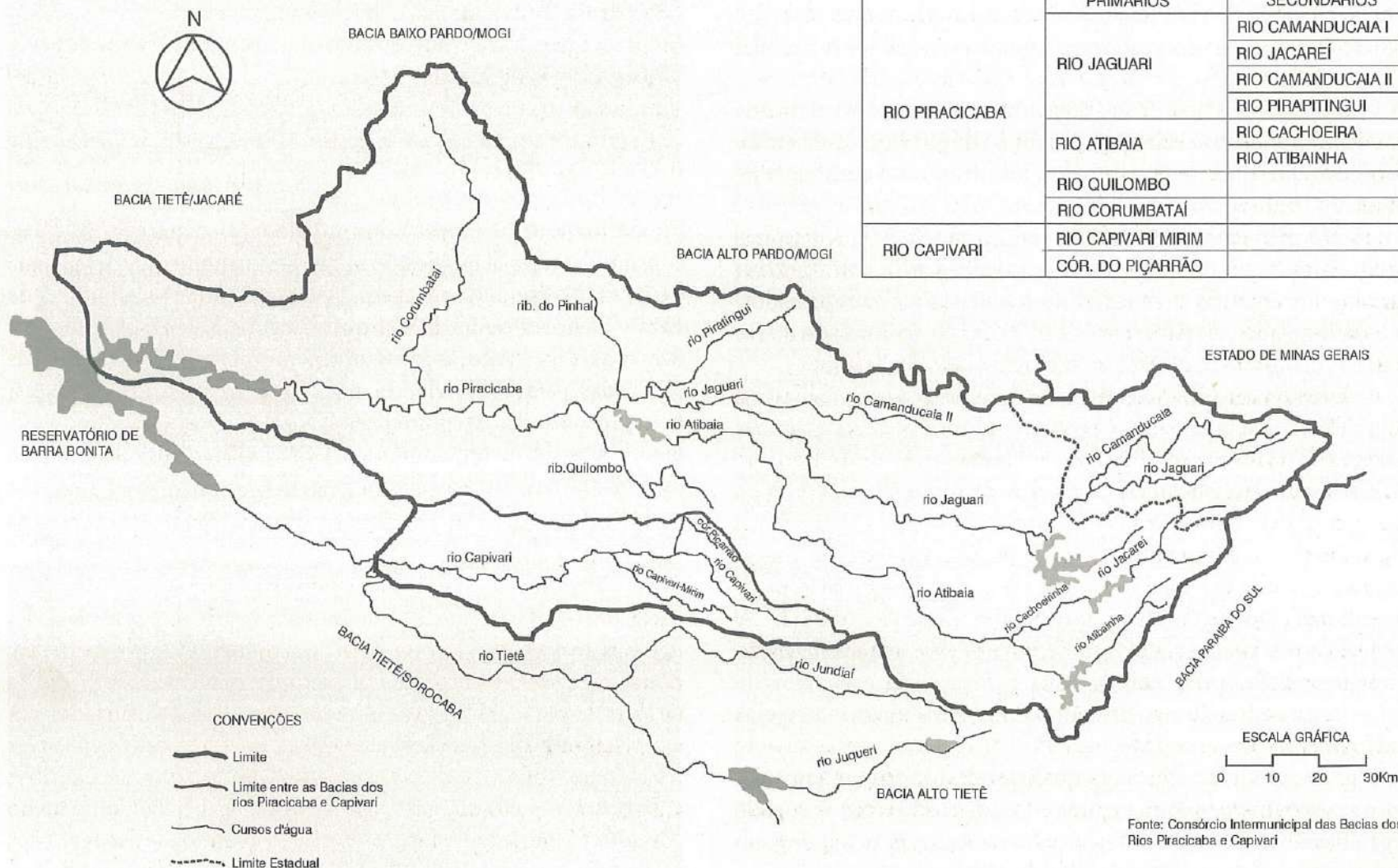
cozinhar, para lavar louça e roupas, para limpeza, para dar descarga, para tomar banho e regar as plantas. Nas indústrias, a água é utilizada nos equipamentos e na fabricação de produtos. Na zona rural, a água é fundamental para irrigar a lavoura e criar gado. A energia elétrica vem do represamento dos rios, onde a força das águas move as turbinas e gera energia. Dessa maneira, uma pessoa gasta em média 200 litros de água por dia; para a produção de 1 litro de álcool são necessários 150 litros de água; para a produção de 1 tomate são necessários 30 litros de água; de 230 gramas de carne de vaca, 3.800 litros de água; de 1 kwh de energia elétrica, 15.000 litros de água. Uma indústria como a Rhodia gasta 3.000 litros de água por segundo; uma cidade como Americana, gasta cerca de 2.000 litros de água por segundo e uma indústria como a Fibra, gasta cerca de 1.200 litros de água por segundo. Uma metrópole como a grande São Paulo gasta 60.000 litros de água por segundo. Cada 1.000 litros de água corresponde a 1 m³, portanto a medida que se usa para medir a quantidade de água utilizada é de m³ por segundo (m³/s). De onde vem toda essa água? Vem dos rios, naturalmente.

É preciso considerar, ainda, que a água utilizada nas casas, volta para os rios em forma de esgoto doméstico; que a água usada na indústria volta para o rio em forma de despejos industriais: que a água usada na irrigação não volta para o rio.

Na Bacia Hidrográfica do Rio Piracicaba existem 40 municípios paulistas e muitos outros núcleos urbanos que ainda são distritos, ocupando uma área de 12.400 km², onde vivem cerca de 3.000.000 habitantes.

Para compreender uma micro-bacia, uma sub-bacia e um bacia hidrográfica, é preciso compreender não só como unidades naturais, mas a partir das inter-relações existentes naquela área, entre homem-natureza-sociedade. Por exemplo, qual é a vazão por m³/s de água de um rio? Quantos m³/s são necessários e utilizados nas casas, nas indústrias, na lavoura? Em quais condições a água volta para o rio após o seu uso e quantos m³/s voltam? Como é administrado politicamente o uso das águas na região? Como foi no passado? Como será no futuro? E mais, a quantidade das águas dos rios é suficiente para atender à crescente demanda das populações, das indústrias, da agricultura e da pecuária?

BACIA DOS RIOS PIRACICABA E CAPIVARI PRINCIPAIS CURSOS D'ÁGUA



CURSO PRINCIPAL	AFLUENTES/FORMADORES	
	PRIMÁRIOS	SECUNDÁRIOS
RIO PIRACICABA	RIO JAGUARI	RIO CAMANDUCAIA I
		RIO JACARÉ
		RIO CAMANDUCAIA II
		RIO PIRAPITINGUI
	RIO ATIBAIA	RIO CACHOEIRA
		RIO ATIBAINHA
RIO CAPIVARI	RIO QUILOMBO	
	RIO CORUMBATAÍ	
	RIO CAPIVARI MIRIM	
	CÓR. DO PIÇARRÃO	

Fonte: Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba e Capivari

GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS

Na Bacia do Piracicaba, os principais rios são: o Piracicaba, formado pelos rios Atibaia e Jaguari, além dos afluentes ribeirão Quilombo, ribeirão dos Toledos e outros.

Americana e outros municípios de médio porte como Nova Odessa e Santa Bárbara d'Oeste, localizam-se no centro da Bacia do Piracicaba. Qual é a vazão dos rios nesta bacia?

A vazão do rio Piracicaba é administrada desde a nascente dos seus principais formadores: Jaguari e Atibaia, no Sistema Cantareira.

O Sistema Cantareira é constituído por uma área inundada de 74 km², onde caberiam 9.300 campos de futebol. O sistema é composto por quatro reservatórios, localizados no município de Bragança Paulista, próximo à divisa com Minas Gerais.

O primeiro reservatório é composto por duas represas ligadas entre si por um túnel: represa do rio Jaguari e represa do rio Jacaré; no segundo e terceiro reservatórios estão represados, respectivamente, os rios Cachoeira e Atibainha, formadores do rio Atibaia; no quarto reservatório está represado o rio Juquiri.

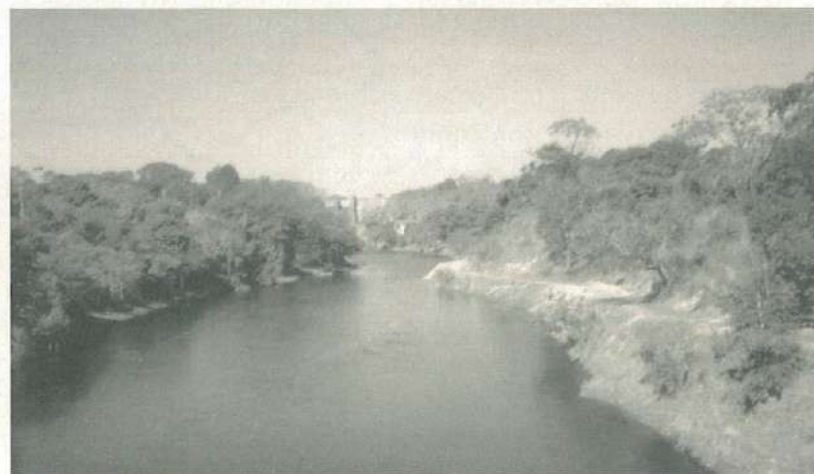
Através de túneis interligando os reservatórios, as águas dos rios, limpas e abundantes, são levadas à estação elevatória escavadas nas rochas da Serra da Cantareira a 60 metros de profundidade. Bombas especiais elevam a 120 metros de altura 33 m³/s da água dos quatro rios represados. Transpondo a Serra da Cantareira, a água chega ao reservatório de Águas Claras e daí levada à Estação de Tratamento de Guaraú, pertencente à Sabesp, de onde é distribuída para oito milhões de pessoas da Grande São Paulo. A água revertida no Sistema Cantareira equivale à metade da vazão total dos três rios principais da Bacia do Piracicaba e não retorna para a bacia, nem em forma de esgotos domésticos e nem de despejos industriais.

A vazão do rio Piracicaba é controlada no Sistema Cantareira para manter 40 m³/s. Para manter tal vazão, o rio recebe águas de seus afluentes e está sujeito ao regime pluviométrico de ritmo tropical. Isso significa que na época da estiagem (de junho a setembro), a vazão do rio diminui consideravelmente. No entanto, a vazão do rio



Represa do Jaguari - Sistema Cantareira

Piracicaba deve atender ao consumo doméstico que é 5,7 m³/s, ao consumo industrial que é de 16 m³/s e ao consumo de irrigação que é 6 m³/s. Na época da estiagem o rio Piracicaba atinge índices de vazão menores de 25 m³/s, que é insuficiente para atender à demanda. Entretanto, as águas utilizadas voltam aos rios. Das águas utilizadas pela indústria, 15 m³/s retornam como efluentes; praticamente utilizada como consumo doméstico retorna como carga orgânica, isto é, esgoto doméstico; a água utilizada na irrigação é de uso consuntivo, isto é, não retorna ao rio.



Rio Atibaia - Salto Grande - Americana

RIO ATIBAIA

O rio Atibaia tem sua nascente formada pelos rios Atibainha e Cachoeira, nas proximidades do município de Nazaré Paulista (região sudeste do Estado de São Paulo) e percorre 180 km até sua foz em Americana.

A região drenada por este rio vem passando por intenso processo de industrialização e urbanização nos últimos vinte anos. O rio drena as áreas dos municípios de Atibaia, Jundiaí, Valinhos, Campinas, Paulínia, Sumaré e Americana, sofrendo impactos dos mais

variados, desde duas barragens (represas de Americana e de Salto Grande), despejos de esgotos domésticos e despejos industriais, com considerável prejuízo para a qualidade de suas águas.

Em Jundiaí são revertidos 2 m³/s do Atibaia para o abastecimento da cidade, quantidade de água que não retorna à bacia do Piracicaba, uma vez que os despejos do esgoto domésticos são lançados no rio Jundiaí.

Um fato interessante é que 90% da água que serve Campinas tem sua captação no rio Atibaia 2 km à jusante (rio



rio jaguari

abaixo) da foz do rio Pinheiros. O rio Pinheiros transporta grande parte do esgoto doméstico de Campinas, porém, embora poluído com a carga orgânica, este rio aumenta a vazão do Atibaia.

Na área do chamado Polo Petroquímico de Paulínia, às margens do rio Atibaia, onde estão instaladas indústrias como a Rhodia e a Replan Petrobrás, este rio recebe cerca de 40 kg de metais pesados diariamente.

No município de Paulínia está o início da represa de Americana, reservatório formado pela barragem da Usina

Hidrelétrica de Americana. Os despejos domésticos e industriais lançados no rio Atibaia são decantados na represa.

O rio Atibaia, no seu último trecho à jusante, próximo a sua foz, é transparente, dando a impressão de ser limpo, porém conserva o odor característico de produtos químicos misturado com esgotos domésticos, tornando-se o primeiro poluidor do rio Piracicaba, além de ser o seu formador.

RIO JAGUARI

O rio Jaguari nasce no Estado de Minas Gerais, no município de Camanducaia, próximo à divisa com São Paulo. É represado no Sistema Cantareira e a partir daí, sua vazão é controlada para atender à demanda em seu curso na Bacia do Piracicaba.

Na sub-bacia do Jaguari, destacam-se as cidades: Amparo, às margens do rio Camanducaia II; Bragança Paulista, Pedreira, Jaguariúna, Cosmópolis, às margens do rio Jaguari.

Tanto o rio Jaguari, como o Atibaia, da nascente até a foz, atravessam os terrenos cristalinos do Planalto Atlântico e depois do município de Campinas drenam os terrenos sedimentares da Depressão Periférica Paulista. Na passagem do Planalto Atlântico para a Depressão Periférica, devido às rupturas dos perfis longitudinais dos cursos d'água, ocorrem algumas quedas d'água no rio Atibaia e corredeiras e cachoeiras no rio Jaguari.

O Pólo Petroquímico de Paulínia está localizado na área entre os rios Jaguari e Atibaia. Sendo as águas do rio Jaguari menos poluídas, devido às suas cachoeiras e corredeiras que possibilitam o processo de autodepuração, indústrias como a Rhodia e a Replan preferem tirar água deste rio e lançar seus detritos no rio Atibaia. Apesar disso, o rio Jaguari recebe despejos domésticos e, também, despejos industriais de fábricas de papel, tinturarias, avícolas e frigoríficos, além de usinas de açúcar e álcool. Entretanto, os fatores naturais e a relativa preservação de suas águas por muitas indústrias que preferem realizar os seus despejos no rio Atibaia, tornam o rio Jaguari menos poluído.

RIO PIRACICABA

O rio Piracicaba é formado pela confluência dos rios Atibaia e Jaguari, no bairro Santo Grande, em território americanense. Percorre 33 km até a área onde se localiza o município de Piracicaba e, depois, sempre drenando por terrenos sedimentares da Depressão Periférica Paulista, percorre mais 92 km até sua foz no curso médio do rio Tietê, num total de 125 km de extensão.

Este rio é navegável desde a sua formação, em Americana, até sua foz no Tietê, em Barra Bonita. Há inúmeros registros históricos sobre a navegabilidade do rio, em atas na Câmara de Piracicaba, citados por Hugo Pedro Carradore, 1998, págs. 21, 22.

"(...) Numa carta datada de 3 de fevereiro de 1798, dirigida a D. Rodrigo de Souza Coutinho, o capitão geral Antônio Manuel Mello Castro e Mendonça faz referência à navegabilidade do rio Piracicaba em função de defender Mato Grosso, usando como caminho o leito dos rios: '... Marchar humma ou duas Companhias p. a Villa de Itu, e Piracicaba, a fim de estarem alli mais próximas de embarcar e seguir pellos Rios q. descem p. a aquellas fronteiras'.

(...) o Decreto de 24 de maio de 1873, concede o privilégio a João Germano Bruns 'ou companhia que organizasse', no caso a Companhia de Navegação Paulista, para exploração comercial do rio Piracicaba por trinta anos.

Em 13 de janeiro de 1874, é lançado às águas o vapor 'Explorador', o primeiro da Companhia de Navegação Paulista. Assim teve início a navegação comercial do rio Piracicaba, motivo de júbilo para a Câmara e para a população, numa época em que os meios de transporte eram os lombos de burro, as carroças e carros de boi. (...)

(...) Em 10 de junho de 1876, o presidente da Província, Sebastião José Pereira, oficiava ao ministro da Agricultura, mostrando-lhe as vantagens da ligação fluvial nas zonas de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Em atenção a esse ofício, foi nomeada uma comissão de técnicos, com o objetivo de explorar os rios Tietê, Piracicaba, Mogi Guaçu e Rio Grande. (...)"

Mais adiante, na página 23, Carradore comenta:

"(...) Com os desvios das águas para abastecer as cidades vizinhas dos rios da bacia, com as indústrias se estabelecendo ao lado das margens, com o represamento do rio Atibaia e a entrada em funcionamento da barragem da represa de Americana, nos idos de 50, a navegação do rio Piracicaba já era letra morta. O golpe final foi a entrada em funcionamento do Sistema Cantareira, roubando um terço de suas águas para abastecer São Paulo."



Confluência dos rios Jaguari e Atibaia formando o rio Piracicaba

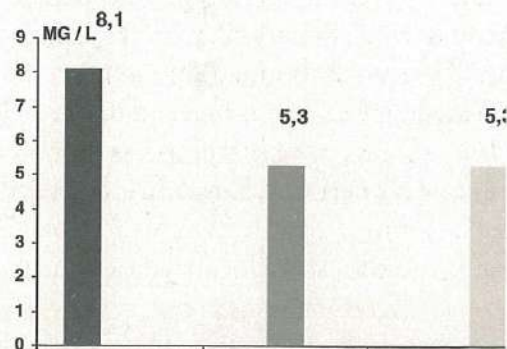
Com a construção da barragem de Santa Maria da Serra, atualmente em obras, é esperado o ressurgimento da navegabilidade do rio Piracicaba, a partir do porto de Ártemis, distrito de Piracicaba, retomando o antigo caminho dos colonizadores. Dessa maneira, a região de Americana e cidades vizinhas, se tornará a "porta de entrada" do Mercosul, por rodovia, ferrovia e hidrovía.

QUALIDADE DAS ÁGUAS DOS RIOS ATIBAIA, JAGUARI E PIRACICABA

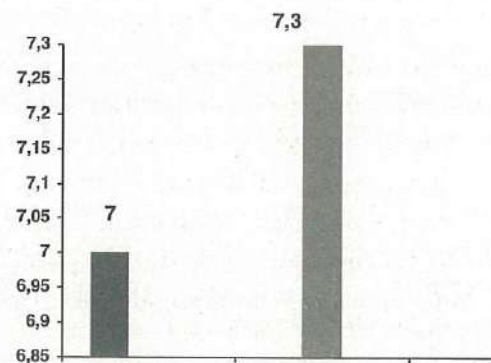
Em outubro de 1996, foi realizada uma pesquisa sobre os indicadores de poluição na Bacia do Rio Piracicaba, por alunas e professoras do 4º ano do Curso Normal da EEPSPG "Dr. Heitor Penteado", através do Projeto de Educação Ambiental "A Bacia Hidrográfica como Unidade de Ensino".

Apresentamos aqui o resultado da análise da qualidade da água feita em 3 pontos: 1) Rio Jaguari - 10 metros a montante da foz; 2) Rio Atibaia - 10 metros a montante da foz; 3) Rio Piracicaba - Captação de Água de Americana:

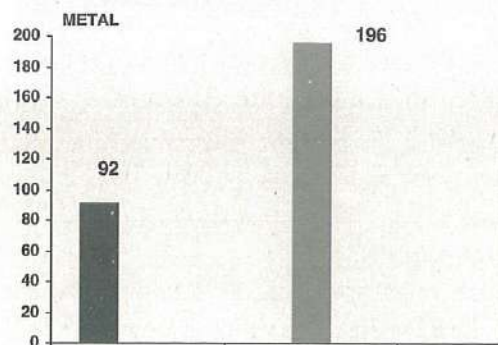
Oxigênio Dissolvido



PH



Condutividade



Estes gráficos demonstram que o rio Atibaia apresenta pior qualidade da água, uma vez que os índices considerados normais ou toleráveis são: oxigênio dissolvido - 7 a 8 mg/l; condutividade - até 90 uS/cm; e pH - neutralidade 7,0. O trabalho completo está registrado na Internet *Projeto Educ@r: Educação a Distância Via Internet*, Núcleo de Americana, Delegacia de Ensino de Americana, EEPSPG "Dr. Heitor Penteado", endereço: [http://www.ifqsc.sc.usp.br/educar/educação ambiental](http://www.ifqsc.sc.usp.br/educar/educação_ambiental)

USINAS HIDROELÉTRICAS

Segundo Aziz Ab'Saber, *"a região geo-econômica pode ser caracterizada por um processo contínuo, cotidiano, ao longo do tempo, com grandes fluxos de materiais e de energias que entram e saem dos espaços geográficos, por onde também circulam, trabalham e se reproduzem milhões de pessoas"* Esse *metabolismo regional*, citado por Ab'Saber, pode ser aplicado à Região Metropolitana de Campinas, onde se insere o município de Americana.

Nesse último século, a formação de uma rede urbana regional densa, e o estabelecimento da indústria em várias localidades, exigiram um consumo crescente de combustíveis: lenha para as caldeiras e para as locomotivas, para as olarias e as cerâmicas; o carvão mineral importado; os derivados de petróleo - óleo combustível para a indústria, querosene e gás de botijão para as residências, gasolina e óleo diesel para os veículos; o álcool e o gás natural.

Esse processo intenso de acumulação de capital e de urbanização, também teve que se basear num consumo crescente de eletricidade, obtidas nas termoeletricas e a partir da força hidráulica dos rios.

As primeiras usinas hidroelétricas foram feitas nos últimos anos do século XIX e nos primeiros deste século. Sabe-se da importância e do simbolismo que tiveram as primeiras usinas, construídas nos trechos altos do rio Atibaia (entre a Serra e Itatiba) do rio Jaguari (entre Bragança Paulista e Pedreira) do rio Mogi-Guaçu (entre Pinhal e Pirassununga), e nos trechos encachoeirados de rios bem menores como o Camanducaia e os ribeirões Tatu e Quilombo.

A primeira usina hidroelétrica localizada em Salto Grande, Americana, no rio Atibaia, foi instalada em 1911, em terras pertencentes à família Müller.

O Comendador Franz Müller precisava expandir sua indústria, em Carioba, e para isso era necessário a geração de energia elétrica. A Fábrica de Tecidos Carioba até esta época, funcionava com 26 teares movidos por força hidráulica, através de desvio do

ribeirão Quilombo, canalizado em um rego de 500 metros de extensão, que acionava as turbinas.

Em 1907, o Comendador havia adquirido as terras da fazenda Salto Grande, que dispunha de grande queda d'água no rio Atibaia, sobre um maciço de rocha magmática, condição ideal para a construção de uma usina hidroelétrica. Foi contratada pela família Müller, a firma Bromberg, Hacker & Cia para construir a Usina Hidroelétrica de Salto Grande. Esta usina contava com uma potência inicial de 2.500 kw e passou a fornecer energia para Americana, Cosmópolis, Santa Bárbara d'Oeste e Rebouças (Sumaré).

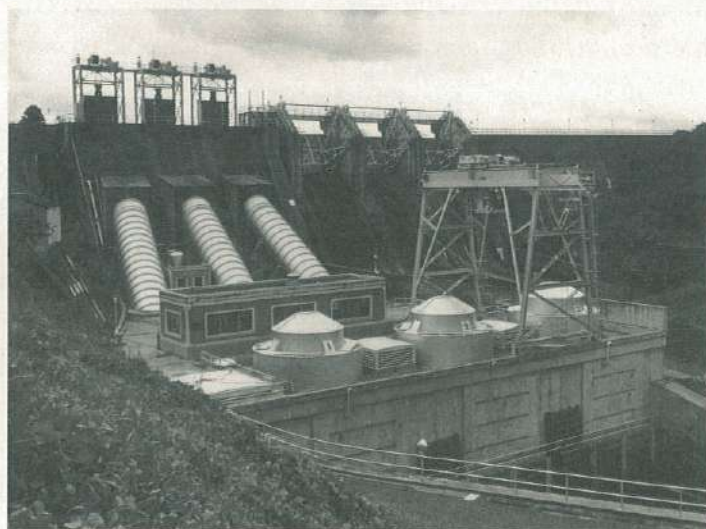
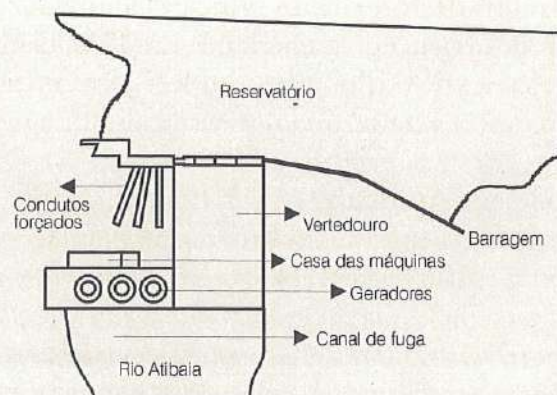
A Usina Hidroelétrica de Salto Grande foi vendida em 1930 à CPFL - Cia Paulista de Força e Luz, principal empresa do grupo AEEB/Amforp, de origem norte-americana. Em 1936 foi instalada a Usina Hidroelétrica de Cariobinha com 1.250 kw, no ribeirão Quilombo, próximo a sua foz, onde estava localizada a indústria Carioba.

Cita Conceição Aparecida Martins, 1991: *"(...) No período pós-guerra, a produção industrial brasileira se volta para investimentos em meios de produção, infra-estrutura de transportes e energia. Em Americana, em 1946, é instalada a Indústria de Teares Nardini, produzindo maquinário equivalente aos importados, impulsionando a instalação de novas indústrias e ampliando as já existentes. Para atender à demanda de energia elétrica das novas indústrias de Americana, a CPFL já havia iniciado em 1940, a construção da Usina Hidroelétrica de Americana, aproveitando a queda d'água em Salto Grande, no rio Atibaia. (...) "*

A Usina Hidroelétrica construída em três unidades geradoras de energia, representou o que havia de mais moderno em tecnologia, com potência de 30.000 kw. Foi inaugurada em 1948, e juntamente com a Usina Termelétrica de Carioba, com igual potência, supriram as necessidades energéticas de um parque industrial em plena expansão.

Usina Hidroelétrica de Americana

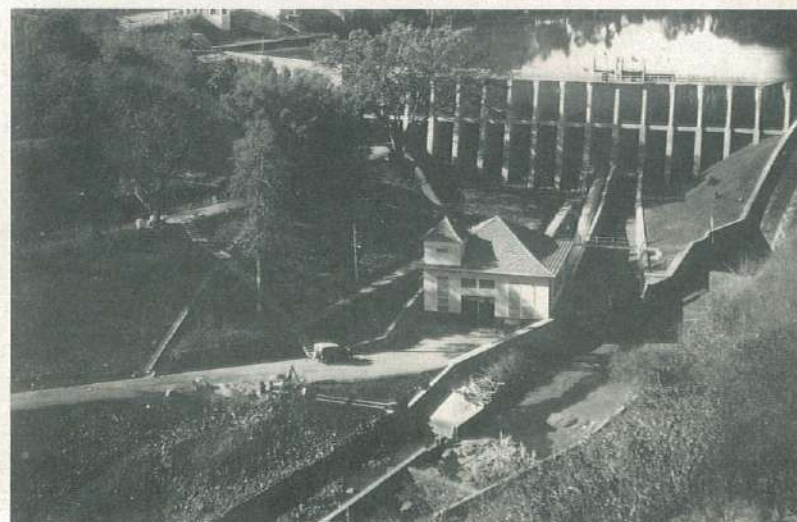
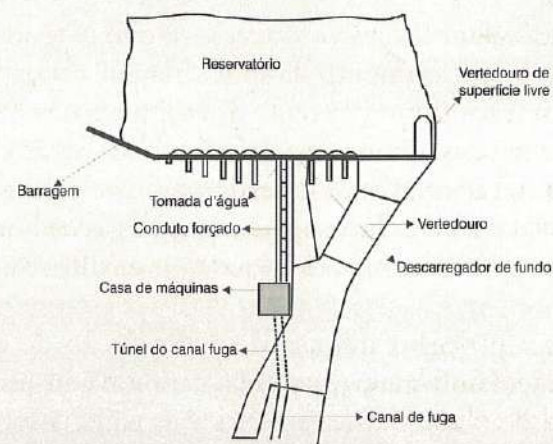
Rio: Atibaia
 Bacia: rio Tietê
 Localidade: Americana, SP
 Área da Bacia Hidrográfica: 2.770km²
 Ano de instalação: 1949
 Potência nominal: 30.000kw
 Barragem tipo: Gravidade (concreto) - Altura: 22,0m
 Altura da queda: 31,80m
 Vazão média diária: 36,4 m³/s
 Vazão turbinada: 39,0 m³/s
 Número de unidades: 3
 Comprimento 210,0m



Rio Atibaia - Usina Hidroelétrica de Americana

Usina Hidroelétrica de Cariobinha

Rio: ribeirão Quilombo
 Bacia: rio Tietê
 Localidade: Americana, SP
 Área da Bacia Hidrográfica: 370km²
 Ano de instalação: 1936
 Potência nominal: 1.250kw
 Barragem tipo: Gravidade (contrafortes) - Altura: 17,0m
 Altura da queda: 26,00m
 Vazão média diária: 5,1 m³/s
 Vazão turbinada: 5,70 m³/s
 Número de unidades: 2
 Comprimento 127,70m



Ribeirão Quilombo - barragem da Usina Hidroelétrica de Cariobinha



Construção da Usina Hidroelétrica



Construção da Usina de Salto Grande, década de 1910



Construção da Usina Hidroelétrica de Cariobinha, década de 1930

REPRESA DE SALTO GRANDE EM AMERICANA

Uma paisagem típica de Americana é a represa de Salto Grande, que apesar das constantes denúncias motivadas pelos aguapés que recobrem a superfície de suas águas, é ainda bastante atraente para a população local e de outras regiões, pelas belezas de suas praias: Praia dos Namorados e Praia Azul.

A represa de Salto Grande surgiu com a construção de uma barragem, aproveitando uma queda d'água no rio Atibaia para a produção de energia elétrica: a instalação da Usina Hidroelétrica de Americana. A barragem da Usina Hidroelétrica deu origem a uma área inundada de 13,25 km² na época das cheias e de 10,55 km² na época de estiagem, sendo 9 km² no município de Americana e o restante em territórios dos municípios de Nova Odessa e Paulínia. A profundidade é de 8 metros, atingindo o valor máximo de 19,80 metros.

Este reservatório é gerenciado pela CPFL - Companhia Paulista de Força e Luz, e está num rio com outras barragens, uma da própria CPFL, perto de Itatiba e duas muito grandes, da Sabesp/Sistema Cantareira, no alto do rio, acima da cidade de Atibaia.

Na época em que foi inaugurada a Barragem da Usina Hidroelétrica de Americana, não se tinha idéia do uso múltiplo de um reservatório, podendo ser usado para pesca, lazer, irrigação, além da geração de energia elétrica. Na década de 50 surgiram as primeiras chácaras de veraneio e os hotéis instalados na margem esquerda da represa. Segundo o depoimento de antigos moradores, as águas da represa eram tão límpidas e transparentes que era possível ver através da água, até cinco metros de profundidade.

A ocupação no entorno da Represa de Salto Grande, com um perímetro de 64 km (P.M.A., 1997) ocorreu, desde a década de 50 quando surgiram as primeiras chácaras de lazer e pequenos hotéis. Com a expansão industrial (a partir da década de 70), essa região iniciou intenso processo de urbanização, no espaço entre a represa e o eixo rodoviário Anhangüera.

Às margens da represa existem vários núcleos de ocupação, cada qual com suas características próprias: chácaras de veraneio; motéis (na Praia Azul); casas de veraneio e áreas públicas de lazer

(na Praia dos Namorados), além de condomínios de classe média (Iate Clube de Campinas e Iate Clube de Americana), e bairros de trabalhadores (Profilurb e Zanaga), além de favelas em vários trechos. Portanto, na margem esquerda da represa predominam as atividades voltadas para o turismo e áreas de recente urbanização, enquanto na margem direita, apesar da existência de chácaras de veraneio, predominam as plantações de cana-de-açúcar, principalmente destinadas à Usina Ester, no vizinho município de Cosmópolis.

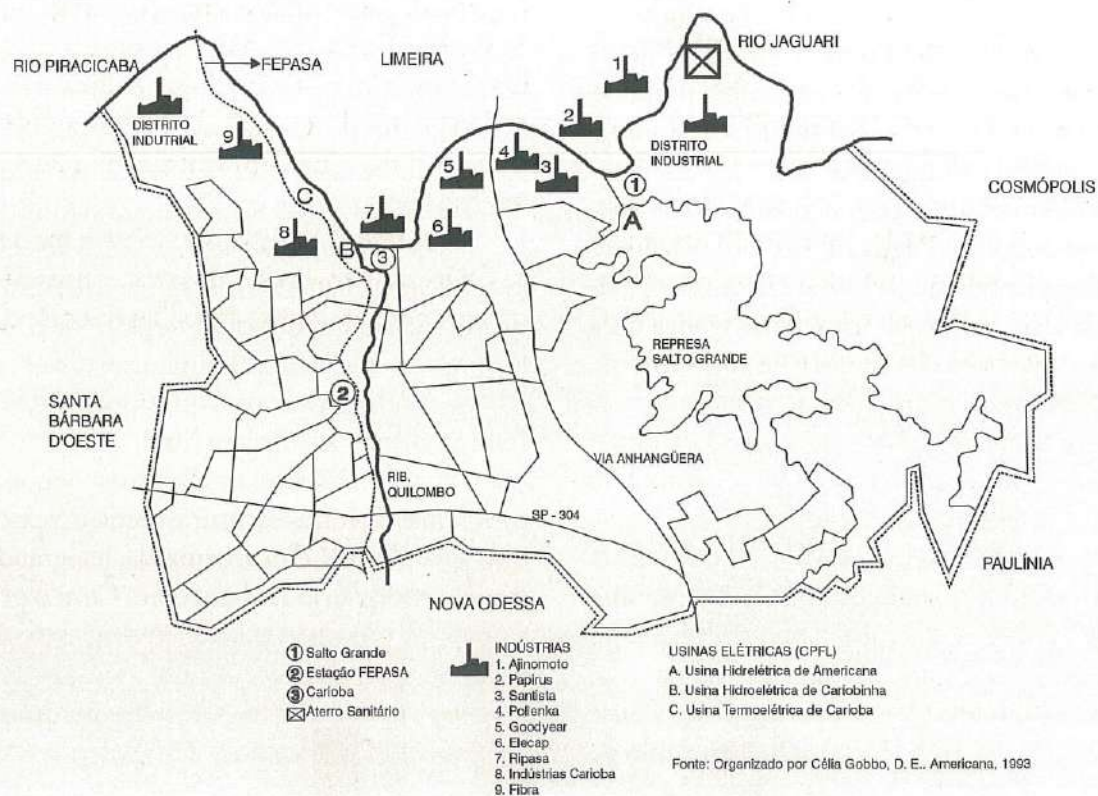
A tendência é que toda a área no entorno da represa de Salto Grande seja urbanizada, devido à expansão industrial da região, onde se concentram indústrias de grande porte como a Goodyear, Polienka, Santista (no município de Americana), além da Ripasa S/A Celulose e Papel, da Papius e da Ajinomoto (no município de Limeira), transformando a paisagem rural.

Alguns destes núcleos de ocupação apresentam graves problemas de infra-estrutura, como é o caso da região da Praia Azul que, após 40 anos, está urbanizada, integrando a conurbação ao longo do eixo rodoviário Anhangüera. Com o processo de urbanização e a ocupação desordenada do espaço, as casas e chácaras de veraneio e os hotéis se misturam com as casas de trabalhadores, motéis recentes, além das favelas na parte periférica. Esta área só tem duas ruas pavimentadas, não tem calçamento, nem rede de esgoto; tem água tratada e encanada, porém muitas residências e motéis utilizam poços artesianos. As fossas sépticas, quando enchem, transbordam, e os esgotos das residências e dos motéis escorrem pelas ruas.

As margens da represa ainda conservam muitas belezas naturais e atraem muitos turistas, além da classe média alta local que passeia de lancha e prática de esportes aquáticos (esqui e *jet sky*). Porém, as águas da represa estão poluídas e contaminadas por toda espécie de detritos: orgânicos, químicos, metais, além da infestação pela esquistossomose, comprovada por pesquisadores da Unicamp, recentemente.

Este ambiente é freqüentado por prostitutas provenientes de outras cidades e até mesmo de outros estados, em função dos motéis o que se constitui em fator agravante dos demais problemas da comunidade residente.

Croqui:
MUNICÍPIO DE AMERICANA



Represa Salto Grande - Praia Azul



Represa de Americana - Barragem da Usina Hidroelétrica

QUALIDADE DA ÁGUA DA REPRESA DE SALTO GRANDE

O rio Atibaia, formador do reservatório de Salto Grande, é o receptor de esgotos de cidades por onde passa (Atibaia, Valinhos, Vinhedo, Itatiba, Campinas e Paulínia) e de detritos industriais, com destaque para o Pólo Petroquímico de Paulínia. Apesar da grande concentração de poluição e de contaminação em suas águas, este reservatório funciona como um decantador de matéria orgânica, diminuindo muito a carga poluidora que chega no rio Piracicaba, formado pela confluência dos rios Atibaia e Jaguari, cerca de 500 metros à jusante da barragem da Usina Hidroelétrica de Americana.

Em 1993, professores e alunos da EEPG "Profa. Sinésia Martini" desenvolveram um Projeto de Educação Ambiental na Represa de Salto Grande, com a orientação da Assistência Pedagógica de Geografia da D.E. Americana e a metodologia do Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada, da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. Os resultados das coletas e análises da água demonstraram a baixa qualidade da água do reservatório.

A figura 1 demonstra a constância de baixas concentrações de Oxigênio Dissolvido nos três pontos de coleta da represa, o que comprovou prévias observações da equipe.

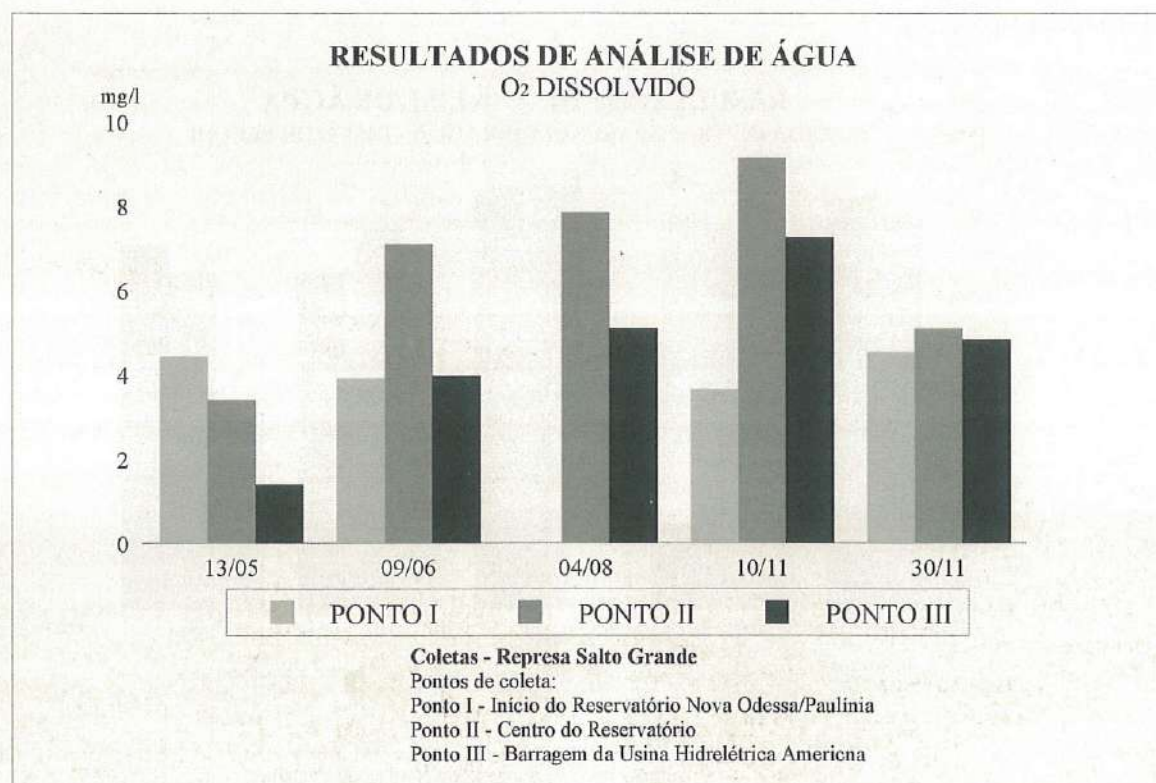


figura 1

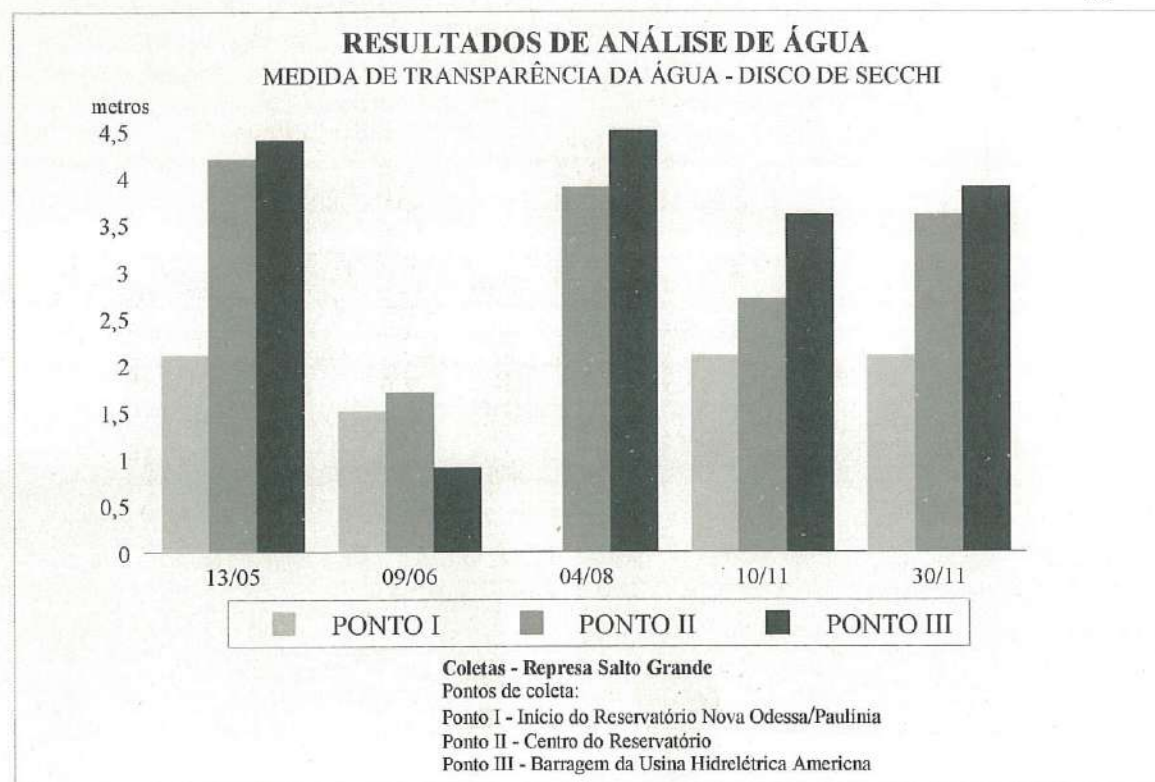
No ponto I, início da represa, foi constatado que a água se apresenta como um esgoto *in natura*, com aparência e odor característicos, e a alta concentração da matéria orgânica serve de nutrientes para bactérias que consomem o oxigênio.

No ponto II, centro da represa, há sensível elevação da taxa de oxigênio, devido às condições propícias: a) grande parte da matéria orgânica, já decomposta, decantou-se, diminuindo o consumo de oxigênio pelas bactérias; b) a ação dos ventos sobre a superfície da represa eleva a taxa de oxigênio na profundidade de 20 cm, onde é feita a coleta.

No ponto III, na barragem da Usina, a concentração de aguapés (plantas aquáticas flutuantes que recobrem a superfície da represa) é um fator da diminuição da taxa de oxigênio.

A figura 2 demonstra as medidas de profundidade do Disco de Secchi, comprovando a presença de grande quantidade de materiais em suspensão em todas as coletas.

figura 2



A condutividade, demonstrada na figura 3, que é indicador das concentrações de metais na água, se apresenta alta. Segundo informações do Programa "Água, Desafio da Década", apresentado pela TV Globo em 1992, o polo petroquímico de Paulínia lança diariamente no rio Atibaia e adiciona às águas da represa, 40 kg de metais por dia, inclusive uma quantidade considerável de mercúrio.

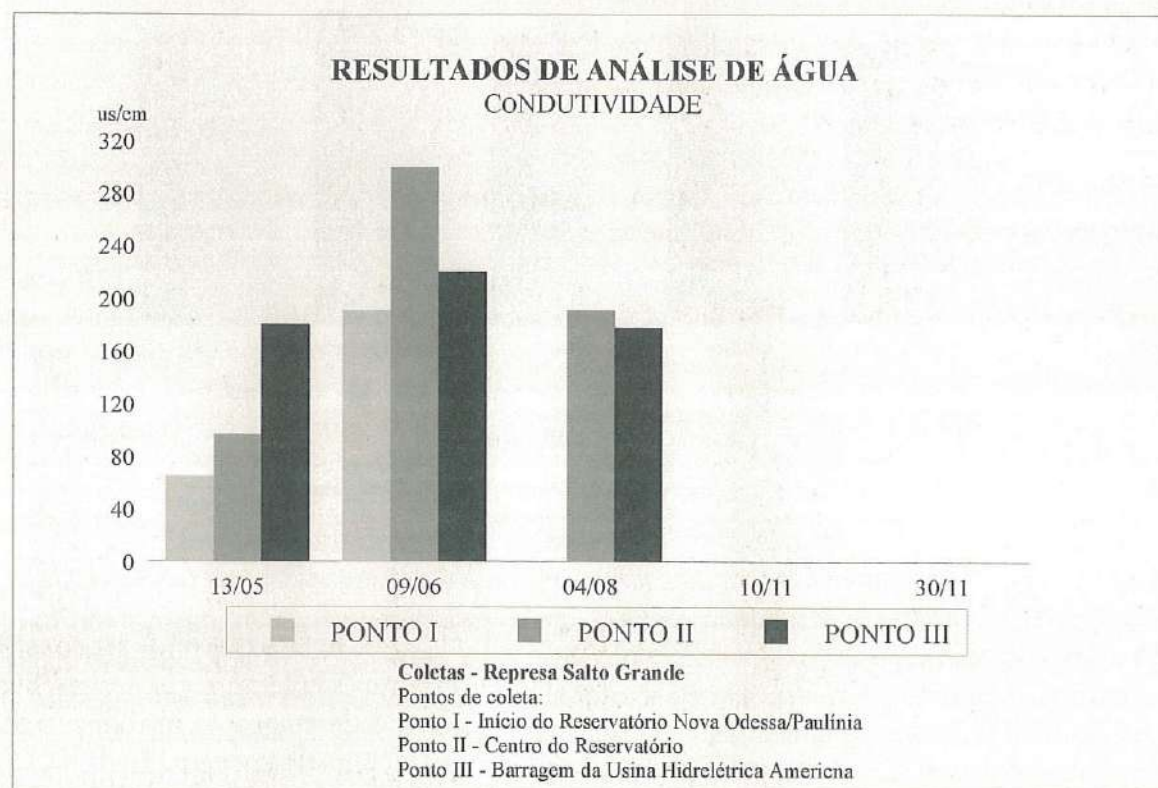
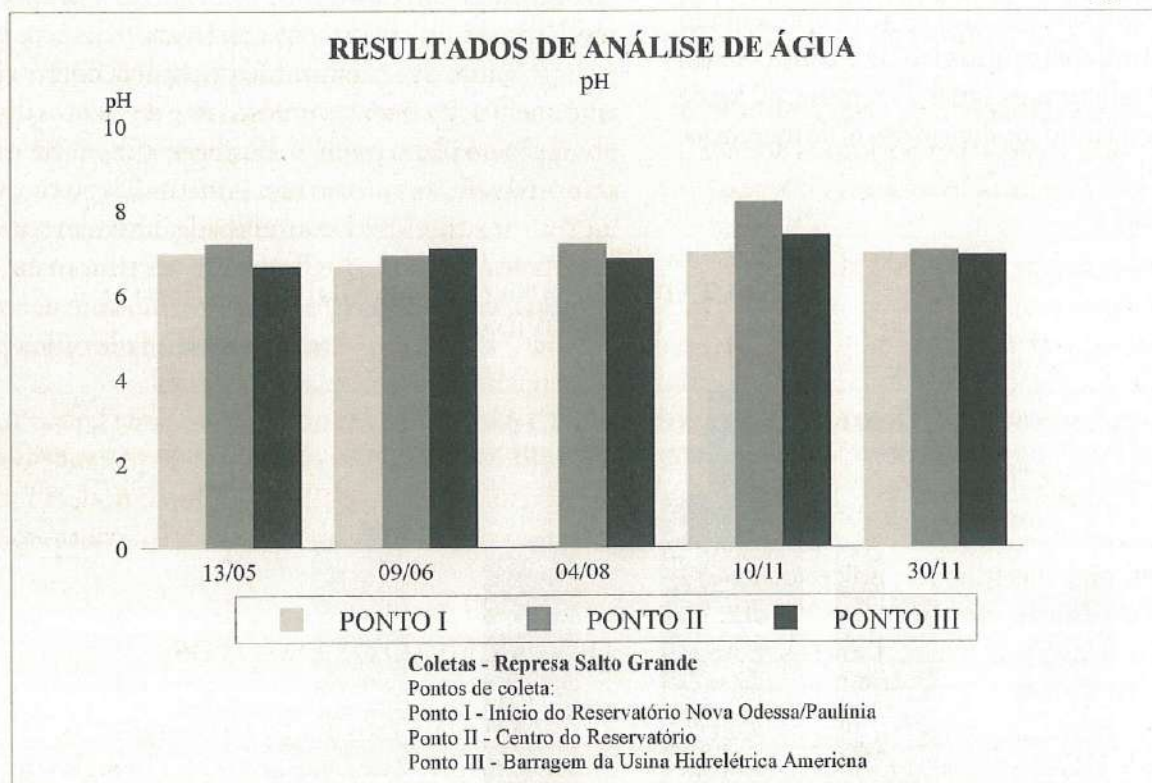


figura 3

As medidas do Ph, demonstradas na figura 4, apresentam uma tendência à alcalinidade. A explicação para este fato depende da investigação e da comprovação de algumas hipóteses, como a presença de amônia, lançada nos efluentes das indústrias petroquímicas.

figura 4



Um fato que pôde ser constatado através de observações durante as coletas, e que representa uma constante, é a grande quantidade de aguapés, introduzida por Programas de Despoluição, que: a) impede a penetração da luz em grandes áreas da represa; b) propicia a absorção de oxigênio pelas raízes; c) tem condições para uma proliferação descontrolada, agravada pelo carreamento de nutrientes da margem direita da represa, onde predominam as plantações de cana-de-açúcar, cujo período de safra coincide com o período de estiagem (abril a novembro).

QUESTÕES PSICOLÓGICAS E SOCIAIS

De acordo com o depoimento dos adolescentes da 7ª e 8ª séries da EEPG "Profª. Sinésia Martini", feito durante o desenvolvimento do referido Projeto em 1993, o meio onde vivem - Praia Azul, nas margens da Represa de Americana, é um emaranhado de problemas, abrangendo questões sociais e ambientais que, às vezes, os intimidam e provocam sentimentos de insegurança em relação ao futuro.

É muito difícil para estes adolescentes conviver com a realidade da poluição, da contaminação, da exposição às doenças, além da realidade dos motéis e da prostituição ostensiva nas ruas do bairro onde moram.

Eles sentem vergonha de morar na Praia Azul. Sentem que não são aceitos por jovens de outras regiões, devido ao preconceito.

A questão mais grave a ser trabalhada entre os estudantes e a comunidade em geral, após a investigação durante o Projeto, além da qualidade da água, dos aspectos sócio-econômicos e dos aspectos sanitários, é o preconceito.

Na comunidade há uma divisão social rígida: de um lado os moradores e suas famílias e, de outro, as prostitutas e donos de motéis. As famílias lamentam que seus filhos sejam criados nesse ambiente onde ocorre a prostituição em plena luz do dia. Se dependesse da Associação dos Amigos de Bairro, tanto os motéis, como as prostitutas seriam expulsos de lá. Mas há o interesse dos proprietários de motéis e dos comerciantes em geral, que prevalecem sobre a vontade da comunidade. E o mais forte argumento, que está acima da vontade de todos, e que é uma contradição, é o fato do turismo local ser a principal fonte de empregos para a comunidade.

O Posto de Saúde local, naquela ocasião, confirmou a existência de casos de AIDS, sífilis, gonorréia e outras doenças sexualmente transmissíveis, garantiu que as pessoas portadoras recebem tratamento gratuito. Porém, não foi possível obter dados precisos, uma vez que são sigilosos sob o ponto de vista médico. Mas, segundo boatos na comunidade, as doenças venéreas proliferam na área.

Se o preconceito fosse encarado como uma das mais sérias

questões da Praia Azul, e trabalhado nos seus aspectos psicológico e social, seria possível, para todos os moradores, para os proprietários e trabalhadores, enfrentarem os problemas de maneira racional e objetiva, exigindo uma ação fiscalizadora com fundamento nas leis, tanto municipais, como estaduais e federais.

É desejo dos moradores e seus filhos estudantes a reorganização do espaço na Praia Azul, que se apresenta hoje como resultado de um crescimento acelerado e desordenado.

Tanto a reorganização do espaço, como a problemática do lançamento de efluentes industriais e de esgotos domésticos exigem uma ação no plano político, buscando convencer os órgãos públicos responsáveis, as autoridades constituídas e os proprietários a se unirem aos anseios da comunidade. Existem soluções técnicas de tratamento eficiente dos detritos domésticos e industriais lançados nos rios, porém, para torná-los realidade é necessária a vontade política, seja por parte das autoridades, dos industriais, dos comerciantes e da população em geral.

Além disso, a comunidade pode lançar mão dos recursos oferecidos pela lei, apresentando as queixas populares ao Poder Judiciário. Porém, todas estas ações só poderão acontecer a longo prazo, através de um trabalho educativo contínuo.

TRATAMENTO DE ESGOTOS

O tratamento biológico do esgoto nada mais é do que uma imitação de processos que ocorrem normalmente na natureza, os quais recebem globalmente a denominação de autodepuração.

A autodepuração é definida como o processo pelo qual as águas poluídas restauram suas primitivas condições de pureza, através da ação de agentes naturais que tendem a tornar estáveis e inócuas as substâncias estranhas presentes. É resultado de um mecanismo complexo, devido à introdução de oxigênio do ar nas águas poluídas, que estabiliza ou oxida as matérias orgânicas, com a co-participação de microorganismos aeróbicos. É resultado da atividade de bactérias aeróbicas, que se alimentam de matéria orgânica da água e, também, da captação do ar para a respiração das bactérias.

Para tratar o esgoto doméstico, portanto, é necessário introduzir artificialmente oxigênio do ar numa grande quantidade de esgoto, provocando a autodepuração da água.

A introdução do oxigênio do ar pode ser feita através da aeração forçada do esgoto, introduzindo o oxigênio com uma bomba de ar (como a usada em aquários ornamentais), ou provocando artificialmente a agitação da água; através da pulverização em forma de garoa do esgoto, cujas partículas em contato com o ar absorvem o seu oxigênio; e, finalmente, através da produção controlada de algas expostas à luz solar, produzindo o oxigênio pela fotossíntese.

Quanto à aeração forçada do esgoto, que se obtém introduzindo o oxigênio com uma bomba de ar, ou provocando artificialmente a agitação da água, esclarecemos que este processo consiste em colocar uma grande quantidade de esgoto num tanque, onde acontece primeiramente a decantação e, em seguida, a agitação deste esgoto líquido provocando a aeração, que resulta na formação de flocos compostos por bactérias, fungos e protozoários que se alimentam da matéria orgânica. Estes flocos de microorganismos vão para o fundo do tanque, formando os lodos ativados. Por sua vez esses lodos ativados passam por um processo de digestão por bactérias anaeróbicas, cujos produtos finais são gases e substâncias nutritivas. O líquido restante é passado por um processo de filtração biológica e depois de desinfecção para ser lançado no rio.

Tratamento de esgoto - Iate Clube de Americana



No Iate Clube de Americana, os moradores se reuniram e instalaram um processo simples e barato de tratamento de esgoto, que consiste em um tanque para aeração e decantação, feito através de motor movido a eletricidade. Após a decantação o líquido restante é desinfetado e lançado na represa.



A E.T.E.A.

A Estação de Tratamento de Esgoto de Americana, estudada através de um Projeto de Educação Ambiental desenvolvido pela Prefeitura de Americana, Empresa de Construções Pesadas Ltda. e Caixa Econômica Federal e orientado e coordenado pela D.E. Americana, em 1994, tem as características descritas a seguir.

PROCESSO DE TRATAMENTO DO ESGOTO

O esgoto da cidade de Americana chega à estação de tratamento através de emissário em tubos de concreto armado A2 - diâmetro 1.000 mm, comprimento 2.500 metros, colocados com sistema de junta elástica.

Canal de chegada dividido em três câmaras equipadas com grades mecanizadas, cuja função é remover os sólidos grosseiros.

Caixa de remoção de areia, óleo e graxas, constituída de caixa retangular aerada mecanizada, com extração e lavagem da areia, cuja função é a remoção de areia, permitindo uma eficiência maior das unidades seguintes do sistema.

Decantadores primários, constituídos de tanques circulares com volume de 2.000 m³, tendo como função eliminar os sólidos facilmente sedimentáveis e o material mais pesado em suspensão, aliviando a carga a ser aplicada nas unidades de tratamento biológico, sendo que o material sedimentável irá constituir os lodos primários.

Recalque de efluente decantado, que tem a finalidade de conduzir o efluente primário à torre de distribuição para os filtros biológicos.

Torre de distribuição para os filtros biológicos.

Filtros biológicos, que consiste num leito formado por material bastante permeável (anéis *bioring*), no qual os microorganismos através de processo biológico-aeróbico transformam as substâncias não decantáveis, coloidais e dissolvidas em sólidos estáveis e facilmente decantáveis.

Decantadores secundários, que têm a função de produzir o efluente classificado, tal como os decantadores primários. São tanques com volumes de 2.000 m³, equipados com pontes mecanizadas para

raspagem do lodo secundário.

Recalque de lodo primário e secundário, que tem a função de conduzir os lodos produzidos nos decantadores primários e secundários, ao digestor.

Digestor, constituído de um cilindro fechado com capacidade para 3.000 m³, tem a função de depósito de lodos dos decantadores e através de processo anearóbico produzir a digestão do lodo.

Leitos de secagem de lodo digerido, que tem a função de receber o lodo digerido para secagem, sendo formado por compartimentos retangulares com fundo drenante.

Canal de *parshall*

Clorador.

A E.T.E.A já tem a maior parte do equipamento instalado e, numa primeira etapa tem condições para tratar uma vazão máxima de 620 l/s de esgoto, correspondente aos despejos domésticos de 108.000 habitantes. Será completado numa segunda etapa, inclusive com a instalação dos digestores, atingindo uma vazão máxima de 1.200 l/s, correspondendo aos despejos domésticos de 216.000 habitantes.



Estação de Tratamento de Esgoto de Americana - E.T.E.A

RIBEIRÃO QUILOMBO

HISTÓRICO

De todos os cursos d'água da região, o Quilombo é o mais popular. É um ribeirão bastante conhecido por crianças, jovens e adultos de Americana, Nova Odessa, Sumaré, Nova Veneza, Hortolândia e Campinas. O ribeirão Quilombo está ligado à história e à geografia de todos esses municípios, os quais integram hoje a Região Metropolitana de Campinas.

A referência que crianças e jovens de hoje fazem ao Quilombo, infelizmente, não é das mais agradáveis, pois ele é bastante conhecido pelo seu odor característico de uma mistura de produtos químicos e esgoto, além de sua cor preta, cinza escura ou outra cor da moda: roxo, lilás, azul petróleo, etc.

Para aqueles que viveram nessa região e foram crianças na década de 50 ou 60, o Quilombo representa caras recordações das travessuras da infância, quando nadar nas águas límpidas e cristalinas do ribeirão era a realização de todo menino. Dona Jandyra Rodrigues Azenha Gobbo, senhora de 84 anos, que mora na rua Bororós, bairro da Conserva, nas proximidades do Quilombo, desde seu casamento em 1939, se lembra quando nas tardes de domingo, na década de 40, passeava de barco neste ribeirão com seu marido remando: momentos de recordações, que lhe são gratos. Quem foi jovem na década de 20, tem vivas na memória as regatas e as competições de natação em Carioba e as piscinas de águas naturais do Quilombo.

O Quilombo, atualmente, é campeão nas estatísticas de cursos d'água mais poluídos, pois recebe aproximadamente 8.000 kg DBO/dia em detritos industriais, enquanto o rio Atibaia, muito mais volumoso recebe 6.000 kg DBO/dia, mas se compara ao Atibaia em despejos domésticos, uma vez que recebe 1.800 kg DBO/dia, enquanto o Atibaia, muito mais volumoso recebe cerca de 3.500 kg DBO/dia.

Os primeiros registros históricos da existência do ribeirão Quilombo estão nos documentos de doação das sesmarias da região.

Cita Conceição Aparecida Martins, 1991: "(...) Entre os pioneiros da ocupação definitiva e ordenada da região estava o sesmeiro Domingos da Costa Machado, senhor de vários engenhos e terras banhadas pelo ribeirão Quilombo. (...) "

Francisco Antonio de Toledo, em seu livro *Uma História de Sumaré: Da Sesmaria à Indústria*, 1995, registra: "(...) Em 1799, quando foi concedida a Ignácio Caetano Leme e outros uma sesmaria nesta região, aparece pela primeira vez o nome do ribeirão Quilombo. (...) " Cita, ainda, este autor, que "(...) A região do Quilombo (no século XVIII) se refere, às vezes ao ribeirão, às vezes ao sítio, à fazenda, à região, ao bairro. A região do Quilombo ia aproximadamente da fazenda Chapadão, onde nasce o ribeirão, até a desembocadura no rio Piracicaba, passando por Nova Veneza, Sumaré, Praia Azul, Salto Grande, Nova Odessa e parte de Americana. Trata-se, grosso modo, da bacia do ribeirão Quilombo, abrangendo uma imensa área coberta antigamente de férteis terras e densas matas. O ribeirão Quilombo como curso d'água, é também largamente citado nos documentos, em especial nas escrituras e registros de imóveis. Ele servia de divisa para dezenas de sítios e fazendas e em suas margens se instalavam moinhos, engenhos de pinga, moinhos de milho, benefício de arroz e olarias. (...) "

Em relação ao nome Quilombo, sem dúvida refere-se ao quilombo de escravos fugidos, uma vez que havia escravos em fazendas de toda a região e em Campinas. Cita Francisco de Toledo que "no século XVIII a Vila de São Carlos (Campinas) tinha 701 escravos", porém não há registros oficiais da existência de um quilombo às margens desse ribeirão.

ÁREA DA SUB BACIA

O ribeirão Quilombo, sem dúvida nasce no município de Campinas e deságua no município de Americana, no rio Piracicaba. Passa onde hoje corresponde aos territórios de Sumaré, Hortolândia, Nova Veneza, Nova Odessa e Americana. A descrição de Francisco Toledo, baseada em antigos registros, dá a impressão que este ribeirão é confundido com o rio Atibaia, quando fala da Praia Azul e de Salto Grande.

O vale do Quilombo serviu como um caminho natural para

a construção da ferrovia e depois, a rodovia Anhangüera foi construída em paralelo com este ribeirão até Americana, embora construída sobre o topo das colinas.

Não foram encontrados registros da extensão exata do Quilombo. Porém, comparando com a extensão da ferrovia e da rodovia, de Campinas a Americana e considerando ainda os seus meandros, este ribeirão percorre cerca de 40 a 45 km desde as suas nascentes até a foz.

NASCENTE DO RIBEIRÃO QUILOMBO

As referências sobre a nascente do Quilombo são as mais variadas. Há registros da nascente na fazenda Chapadão, hoje um bairro de Campinas, assim como há registros da nascente na fazenda Boa Vista, também em Campinas.

Recentemente, em 15 de outubro de 1998, foi feita uma investigação do local exato da nascente do ribeirão Quilombo, no Clube Andorinhas, no bairro Chapadão (segundo informações da Coordenadoria de Educação Ambiental da Prefeitura de Campinas), e fotografada a suposta nascente do ribeirão, localizada na propriedade deste Clube. No Andorinha Parque Clube depara-se



Represa do córrego Chapadão no Círculo Militar - Campinas



*Nascente do córrego Chapadão Andorinhas
Parque Clube - Campinas*

com uma cascata de águas abundantes, com cerca de 30 metros de altura, no meio de um bosque com muitas árvores de grande porte.

Entretanto, apesar da beleza da paisagem, a cascata exala um forte odor de produtos químicos, misturado com esgoto, característico do ribeirão Quilombo. Foram coletadas amostras de água abaixo da cascata (às 10h da manhã) e o resultado da análise do oxigênio foi de 3,1 mg/l (quando o ideal é de 7 a 8 mg/l), o resultado da análise da condutividade (existência de metais na água) foi de 430 uS/cm (quando o tolerável é até 90 uS/cm).

Primeiro questionamento: como seria possível, numa queda d'água daquela altura não ocorrer a oxigenação da água?, segundo

questionamento: como seria possível este resultado na nascente, se na lagoa formada por este mesmo córrego, à jusante, no Círculo Militar de Campinas, uma hora antes, o resultado da análise tinha sido de 5,1 mg/l e a condutividade de 131 uS/cm? Além disso, as medidas da transparência da água na represa do Círculo Militar de Campinas chegam a 4,80 metros de profundidade. Mediante estes questionamentos foram feitas algumas pesquisas.

Um zelador do Andorinha Parque Clube, que lá trabalha desde a sua fundação em 1964, revelou que até a década de 70, os sócios do Clube pegavam água da cascata para beber e que sua nascente ficava na parte de cima da cascata, no meio de um brejo. Procurando-se pelo brejo na parte de cima, foi encontrada uma rua pavimentada, a rua Otaviano Alves de Lima, Chapadão, Campinas em, cujo início (no número 60) se localiza um Templo Budista. Neste local existe uma rede pública de esgoto. Porém, bem no alto da cascata, identifica-se duas tubulações, uma transportando puro esgoto em grande quantidade e outra trazendo água do córrego, que se misturam ao cair. Identifica-se, assim, o primeiro impacto sobre o curso de água investigado, justificando o baixo teor de oxigênio, devido à grande quantidade matéria orgânica ali existente.

Subindo a avenida, e segundo o depoimento um antigo morador, Sr. José Rodrigues Filho, na rua Argentina Ceconeli, nº 39, nascido em 11/08/1924, o córrego do Chapadão tinha sua nascente num brejo onde hoje é a rua Tereza Leone Tange. Por volta de 1973 a 1975, quando foi loteada a Fazenda Chapadão, na área foi construído um aterro e o córrego foi canalizado. O depoimento deste antigo morador ainda informou que este córrego continuava, passando pela Fazenda Militar (terras pertencentes ao 10º Batalhão de Infantaria Blindada) e no bairro dos Amarais, (atrás do atual Uemura) ia se juntar com o córrego da fazenda Santa Elisa, formando o ribeirão Quilombo.

Segundo informações verifica-se que, após a cascata do Andorinha Parque Clube, o córrego do Chapadão era novamente canalizado até o final da avenida Dr. Francisco Mais e verifica-se, em outros trechos a céu aberto, a existência de inúmeras bocas-de-lobo, assim chamadas as tubulações que lançam esgoto nos córregos. Constata-se, também, que o córrego atravessa vários quilômetros

na Fazenda Militar, passando por áreas sem construção e algumas de brejo, o que leva a concluir que o córrego se autodepurava naturalmente, até chegar no Círculo Militar de Campinas, onde foi represado com a finalidade de lazer, justificando assim, o mais alto teor de oxigênio e a baixa condutividade naquele local onde coletada água de manhã.

Seguindo, ainda, aquelas informações, chega-se ao atual bairro Jardim Eulina, de Campinas. Neste local através de entrevistas com o Sr. José Aparecido Prates, nascido em 19/06/51, que conhece bem o bairro por ser morador há 30 anos e por ser motorista da Prefeitura. Sua informação foi que o Quilombo tem três braços de nascentes: um deles é o que nasce na fazenda Santa Elisa, em frente ao atual Correio Popular em Campinas; o outro é o que nasce na antiga fazenda Chapadão, o qual já tinha sido investigado; e outro tem sua nascente no atual bairro Jardim Eulina, antiga fazenda Boa Vista. Segundo as informações do Sr. José, os córregos Chapadão e Boa Vista encontram-se antes do Uemura, no seu lado esquerdo e, mais adiante, essas águas se encontram com o córrego Santa Elisa que corre do lado direito, formando o ribeirão Quilombo. No fundo



*Formação do Ribeirão Quilombo
Confluência dos Córregos Chapadão, Boa Vista e Santa Elisa
Jardim Campineiro - Campinas*

da chácara Recanto da Fortuna, bairro Jardim Campineiro, identifica-se a formação ribeirão Quilombo: as águas dos córregos Chapadão e Boa Vista, à esquerda e as águas do córrego Santa Elisa, à direita.

DESPEJOS DE DETRITOS NO RIBEIRÃO QUILOMBO

As cidades que despejam esgoto doméstico, sem tratamento, no ribeirão Quilombo são: Campinas, Hortolândia, Sumaré, Nova Odessa e Americana.

Cabe observar que o não tratamento do esgoto tem relação com a proliferação das doenças de veiculação hídrica e com a mortalidade infantil. A média de mortalidade infantil até um ano de idade nos municípios da Bacia do Rio Piracicaba é de 30 mortes para cada mil nascidos. Exceção feita a Americana e Vinhedo com 8 mortes para cada mil nascidos.

As indústrias que despejam detritos no ribeirão Quilombo, registradas na CETESB são: Campinas (Ceralit S/A Ind. E Com., Ashland Res. Sint. S/A; Gevisa, Robert Bosch do Brasil); Sumaré (Pirelli); Nova Odessa (Tinturaria e Estamparia Wiesel; Ober S/A Ind. E Com. Feltrin Irmãos - Ind. Têxtil S/A, K.S. Pistões, Tecelagem Hudtelfa Ltda.); Americana (Degussa S/A, Tecelagem Jacyra Ltda., Distral S/A, Tecelagem Jolitex Ltda. Ind. Têxtil Daruj S/A, Tasa Tinturaria Americana S/A, União Fabril de Americana S/A).

QUALIDADE DE ÁGUA DO RIBEIRÃO QUILOMBO EM AMERICANA

A última coleta feita no dia 15 de outubro de 1998 foi em Americana, nas proximidades de Carioba, às 18h30min (horário de verão). Nessa coleta feita com a colaboração do Sr. Sérgio Francisco Soares, morador da rua Diogo de Faria, nº 468, bairro Cordenonsi, Americana. O resultado da análise do oxigênio dissolvido foi 0 (zero), enquanto a condutividade atingiu 435 uS/cm e a transparência da água é de 0,60 metros, o que significa que abaixo da profundidade de 60 centímetros a vida está condenada neste curso d'água.



Ribeirão Quilombo nas proximidades da Gama



Foz do Ribeirão Quilombo - Carioba - Americana

A bacia do rio Piracicaba faz parte de um contexto maior, ligado à Grande São Paulo e às decisões econômicas e políticas vindas de outras partes do país e do mundo. Sendo a água dos rios, um recurso natural imprescindível e estando ameaçada quanto a sua qualidade e à quantidade disponível, o que está em risco é a vida de milhões de pessoas.

As soluções dependem da vontade política e como diz Max Weber *"(...) esta exige simultaneamente, paixão e precisão... não se poderia jamais esperar o possível, se no mundo não houvesse sempre a esperança na impossível... é preciso que as pessoas se armem sempre da força da alma, que lhes permitirá ultrapassar todos os naufrágios das esperanças, mas que o façam desde o presente, senão não serão capazes de fazer o que é possível ser feito hoje.(...)"*

FICHA TÉCNICA

AMERICANA ENTRE RIOS

Texto:

Célia Gobbo

Referências bibliográficas:

- P.M.A. (Prefeitura Municipal de Americana), 1997.
- P.M.A. (Prefeitura Municipal de Americana), 1996.
- GOBBO, Célia. *Aspectos Geográficos e Geomorfológicos dos Municípios de Nova Odessa, Americana e Santa Bárbara d'Oeste*. Americana. Delegacia de Ensino de Americana. 1991, Mimeo.
- MARTINS, Conceição Aparecida. *Aspectos Históricos e Sócio Econômicos da Formação dos Municípios de Americana, Nova Odessa e Santa Bárbara d'Oeste*. Americana. Delegacia de Ensino de Americana. 1991, Mimeo.
- GOBBO, Célia. *Educação Ambiental: Uma Experiência Pedagógica na EEPG "Profa. Sinésia Martini"*. São Carlos. CRHEA/EESC/USP. 1994, Mimeo.
- GERARDI, Lucia Helena de Oliveira. *Utilização da Terra nos Municípios de Americana e Nova Odessa*. *Caderno de Geografia Econômica*, n.11. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1972.
- AB'SABER, Aziz Nacib. *Formas de Relevo*. São Paulo: EDART, 1982.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de (1799-1853). *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo, EDUSP, 1972.
- *Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo*, v.1. São Paulo: IPT, 1981.
- COORDENADORIA DO PLANEJAMENTO. *Informativo Sócio-Econômico de Americana*, n.14. Americana: Prefeitura Municipal de Americana, 1997.
- THAME, Antônio Carlos de Mendes, et all. *Rio Piracicaba: Vida, Degradação e Renascimento*. São Paulo: IQUAL Editora, 1998.

ORIGENS

FAZENDA SALTO GRANDE

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Bibliografia:

- CANABRAVA, Alice P. *O algodão em São Paulo*. Ed. T. B. Queiroz, São Paulo, 1954.
- PUPO, Celso M. M. *Campinas, Município no Império*. Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1983.

IMIGRAÇÕES

A CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES AMERICANOS AO DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES DE SANTA BÁRBARA D'OESTE E AMERICANA

Texto:

Melquesedec Ferreira

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

CEMITÉRIO DO CAMPO

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Melquesedec Ferreira

Fotos atuais:

Sérgio Faria

Wander Pessoa

Referências bibliográficas:

- JONES, Judith M. *Soldado descansa: uma epopéia norte-americana sob os céus do Brasil*. 1967.
- DAWSEY, C. B. *The Confederados, Old South Immigrants*

IMIGRAÇÃO ITALIANA

Texto:

Fanny Olivieri

Colaboração:

Onofre Boer

CARIOBA:

UMA VILA OPERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO

CARIOBA

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Melquesedec Ferreira

A FAMÍLIA MÜLLER CARIOBA

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Melquesedec Ferreira

Referências bibliográficas:

- MÜLLER CARIOBA, Horst. *Histórias da família*. 1992.
- LEYEN, Margarete Müller von der. *Bruno e Margarete*, v. II, São Paulo, 1995.

RELAÇÕES DE TRABALHO DE ESCRAVOS A TRABALHADORES NA INDÚSTRIA

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

O FAÇONISMO EM AMERICANA

Texto:

Célia Gobbo

Fanny Olivieri

Referências Bibliográficas:

- Prefeitura Municipal de Americana. *Boletim Informativo Sócio-econômico*. n.12. Americana, 1995.

- RODRIGUES, João Antônio. *Um sistema de Trabalho da Têxtil - Exemplo Façonismo de Americana Indústria*. Revista do Instituto de Geografia, n.6. São Paulo/USP, 1978.

- PREFEITURA Municipal de Americana. *Boletim Informativo Sócio-econômico de Americana*. n. 12. Americana, 1995.

CRIAÇÃO DO DISTRITO DE VILLA AMERICANA

A QUESTÃO DE DIVISAS ENTRE SANTA BÁRBARA D'OESTE E CAMPINAS A RESPEITO DE VILLA AMERICANA

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Referências bibliográficas:

- MORAES BARROS, Antônio de. *Questão de Villa Americana - Divisas entre os Municípios de Santa Bárbara e Campinas*. Tipographia da Industrial de São Paulo 1900.

REMINISCÊNCIAS DE VILLA AMERICANA

JOSÉ CHIQUINHO

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

ONOFRE BOER

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

CAPELAS DE AMERICANA

Texto:

Fanny Olivieri

Colaboração:

Família Ardito e Hércule Giordano

Fotos atuais:

Wander Pessoa

PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO

Texto:

Hércule Giordano

A VELHA IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO

Texto:

Hércule Giordano

Esse Eme

Fotos atuais:

Wander Pessoa

A NOVA IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO

Texto:

Jornal "O Liberal"

Pesquisa:

Alunas do Curso Magistério da E.E.P.S.G. "Dr. Heitor Penteado" sob orientação das professoras: Célia Gobbo e Fanny Olivieri

A IGREJA PRESBITERIANA

AS FILHAS DE MARY ELISABETH SMITH E CHARLES HALL

Texto:

Fanny Olivieri

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Colaboração:

Reverendo Joás Dias de Araújo

Referências bibliográficas:

- WARD, Carolyn S. *An American Brazilian Odissey. The story of the Miller and Hall Families*. Charlotte, North Caroline, USA, 1979.

- BOLETIM Informativo da Igreja Presbiteriana de Americana, publicado em novembro de 1941

ARQUITETURA E URBANIZAÇÃO

AMERICANA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO

Texto:

Daniela Morelli - Arquiteta e Mestranda em Urbanismo pela FAU-USP

Referências bibliográficas:

- BRYAN, Abílio Serra. *Americana, sua História*, s. e., 1967.
- CALDEIRA, João Netto. *As Nossas Riquezas: O Município de Villa Americana*. v. 6, São Paulo, Empreza Commercial e de Propaganda Brasil, 1930.
- BEVENOLO, Leonardo. *História da Cidade*. Ed. Perspectiva, 1989.
- LINARDI, Maria Cecília Nogueira. *A Produção do Espaço Físico em Americana, SP*. Dissertação de mestrado COPPE-UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.
- MÜLLER CARIOBA, Horst. *Histórias de Família*. Campinas, 1992.
- MORELLI, Daniela. *A ferrovia, a fábrica, o subúrbio: Leituras espaciais em Americana, SP*. Trabalho do programa de mestrado da FAU-USP, 1998.
- RODRIGUES, José Antônio. *Façonismo, um sistema de trabalho da indústria têxtil: O Exemplo de Americana*. Instituto de Geografia, USP, 1978.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*, Ed. Perspectiva, 1989, p. 576.

Fotos atuais:

Osvaldo Beraldo

ESTAÇÕES

Texto:

Fanny Olivieri

MERCADO MUNICIPAL

Texto:

Fanny Olivieri

Maria Lucia Padovani de Oliveira

Depoimentos:

Luiza Padovani

Maria Hirose

EDUCAÇÃO CULTURA E SAÚDE

AS ESCOLAS DE AMERICANA

Texto:

Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro

Fanny Olivieri

Colaboração:

José Ferreira

Depoimentos:

Laudelino Basseto

Célia Arruda

Hércule Giordano

Lúcia Travassos da Costa

Maria Aparecida Chiaravalotti

Messias Travassos da Costa

José Chiquinho

Referências Bibliográficas:

- CALDEIRA, João Netto. *As nossas riquezas: Município de Villa Americana*. v. 6, Empresa Commercial e de Propaganda Brasil, São Paulo, 1930.

OS CINEMAS DE AMERICANA

Texto:

Melquisedec Ferreira

Fontes consultadas:

Jornal "O Liberal" - artigos de Hércule Giordano (Agagê) de 7 de setembro de 1978 e Honorato José de Oliveira (H.J.O.) de 14 de novembro de 1974.

Depoimentos:

Atílio Romano Gallo

Hércule Giordano

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE AMERICANA "JANDYRA BASSETO PÂNTANO"

Texto:

Heloísa Cecília Pavan

Referências Bibliográficas:

- Legislação, documentação e recortes de jornais - arquivos da Biblioteca Municipal.

SOCIEDADE MÚTUO SOCORRO "COMENDADOR MÜLLER"

Texto:

Fanny Olivieri

Colaboração:

Hércule Giordano

Referências Bibliográficas:

- Arquivos da Sociedade Mútuo Socorro Comendador Müller, Americana.

CIDADANIA

TIRO DE GUERRA 02-045 - AMERICANA

Texto:

Thaís Rillo Andradre

Fotos antigas:

F. Stricks

Fotos atuais:

Juarez Godoy

BACIA HIDROGRÁFICA DO PIRACICABA: PRINCIPAIS RIOS

Texto:

Célia Gobbo

Referências bibliográficas:

- *Projeto de Educação Ambiental "A Bacia Hidrográfica como Método de Abordagem e de Ensino"*, orientado pelos professores: Dr. José Galízia Tundisi, Dra. Elisabete Gabriela Castellano de Campos, Dr. Carlos Eduardo Matheus e América Jacintho de Moraes, do CRHEA/EESC/USP; e coordenado na D.E. Americana pela ATP de Geografia, Célia Gobbo.

- D.E. Americana - Equipe Pedagógica do Projeto de Educação Ambiental E.T.E.A., em 1994: Célia Gobbo, Maria Cristina Frezzarin, Vanilda Marinho de Brito, Ângela Maria Andriano, Valdir Aparecido Minucci, Amarildo Risati, Devanil Maria Colla, Carmem Sílvia Rodrigues Paschoal.

- E.T.E.A., Prefeitura Municipal de Americana, 1994.

- Consórcio HIDERPLAN, 1995.

- D.A.E.E., São Paulo, 1991

- Programa "Projeto Água", TV Globo, Campinas, 1991.

- CARRADORE, Hugo Pedro. *Dados Históricos sobre a Navegação no Rio Piracicaba*. In: *Rio Piracicaba: Vida, Degradação e Renascimento*. Organizado por Antônio Carlos de Mendes Thame. São Paulo, IQUAL Editora, 1998.

- Projeto desenvolvido pela Delegacia de Ensino de Americana e CDCC/IFQSC/USP, coordenado pela ATP Célia Gobbo.

- P.M.A. (Prefeitura Municipal de Americana), 1997.

- P.M.A. (Prefeitura Municipal de Americana), 1996.

- P.M.A. (Prefeitura Municipal de Americana), PUBA, escala 1:10.000, 1991. Gerardi, L.H.O., 1972.

- MONTICELLI, João J. e MARTINS, José P. S. *A luta pela água nas Bacias dos rios Piracicaba e Capivari*. Capivari, SP, Editora EME, 1993.

- COORDENADORIA do Planejamento Ambiental, SMA/SP. *Bacia do Rio Piracicaba: diretrizes e planejamento*. CPLA/SMA/SP, São Paulo, 1989.

- CETESB/S.M.A./SP - Regional de Americana, 1993.

Não obtivemos nenhuma informação dos órgãos públicos sobre o ribeirão Quilombo, nem mesmo na Sanasa, empresa que capta, trata e distribui a água na cidade de Campinas. A justificativa da empresa foi que a captação é feita no rio Atibaia.

Americana possui Estação de Tratamento de Esgotos, que atualmente funciona com uma carga mínima de sua capacidade total, uma vez que depende ainda da instalação de todos os emissários, trazendo o esgoto de todos os bairros para o tratamento.

- GOBBO, Célia. *Aspectos Geográficos e Geomorfológicos dos Municípios de Nova Odessa, Americana e Santa Bárbara d'Oeste*. Americana. Delegacia de Ensino de Americana, 1991. Mimeo.

- MARTINS, Conceição Aparecida. *Aspectos Históricos e Sócioeconômicos da Formação dos Municípios de Americana, Nova Odessa e Santa Bárbara d'Oeste*. Americana: Delegacia de Ensino de Americana, 1991. Mimeo.

- GOBBO, Célia. *Educação Ambiental: Uma Experiência Pedagógica na EEPG "Profa. Sinésia Martini"*. São Carlos: CRHEA/EESC/USP, 1994. Mimeo.¹

- GERARDI, Lucia Helena de Oliveira. *Utilização da Terra nos Municípios de Americana e Nova Odessa*. *Caderno de Geografia Econômica*, n.11. São Paulo, Instituto de Geografia/USP, 1972.

- AB'SABER, Aziz Nacib. *Formas de Relevo*. São Paulo: EDART, 1982.

- SAINT-HILAIRE, Auguste de (1799-1853). *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo, EDUSP, 1972.

- Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo, vol. I. São Paulo: IPT, 1981.

- COORDENADORIA DO PLANEJAMENTO. *Informativo Sócio-Econômico de Americana*, n.14. Americana: Prefeitura Municipal de Americana, 1997.

- THAME, Antonio Carlos de Mendes, et al. *Rio Piracicaba: Vida, Degradação e Renascimento*. São Paulo: IQUAL Editora, 1998.

- MONTICELLI, J. Jerônimo e MARTINS, J. P. S. *A Luta pela Água nas Bacias dos Rios Piracicaba e Capivari*. Capivari. EME Editora, 1993.

- TOLEDO, Francisco Antonio de. *Uma História de Sumaré: da Sesmaria à Indústria*. São Paulo: IMESP, 1995.

- SEVÁ FILHO, A. O. (organizador). *Riscos Técnicos Coletivos Ambientais na Região de Campinas*, SP. Campinas: Nepam/Unicamp, 1997. Mimeo.

- CETESB, Regional de Campinas. *Bacias Hidrográficas do Estado de São Paulo*. Campinas, 1993. Mimeo.

**Faz parte da Filosofia da Ripasa,
apoiar projetos que
contribuem para resgatar
a História de Americana.**

Esta obra foi impressa em
Papel Chamois Fine 120 g/m² - Dunas



Empresas que colaboraram para a preservação de nossa história:

 **unimed**
SANTA BÁRBARA D'OESTE E AMERICANA

GOOD  YEAR

 **PAPIRO**



IBIRAPUERA TÊXTIL LTDA

Esse documento foi escaneado pela
Prefeitura de Americana, Secretaria de
Administração-USG-Unidade
de Serviços Gerais

e está sendo
disponibilizado
gratuitamente pelo



Clique e fale com a gente



Entre em contato
Ajude no nosso
trabalho
Seja um amigo da
História de
Americana